

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

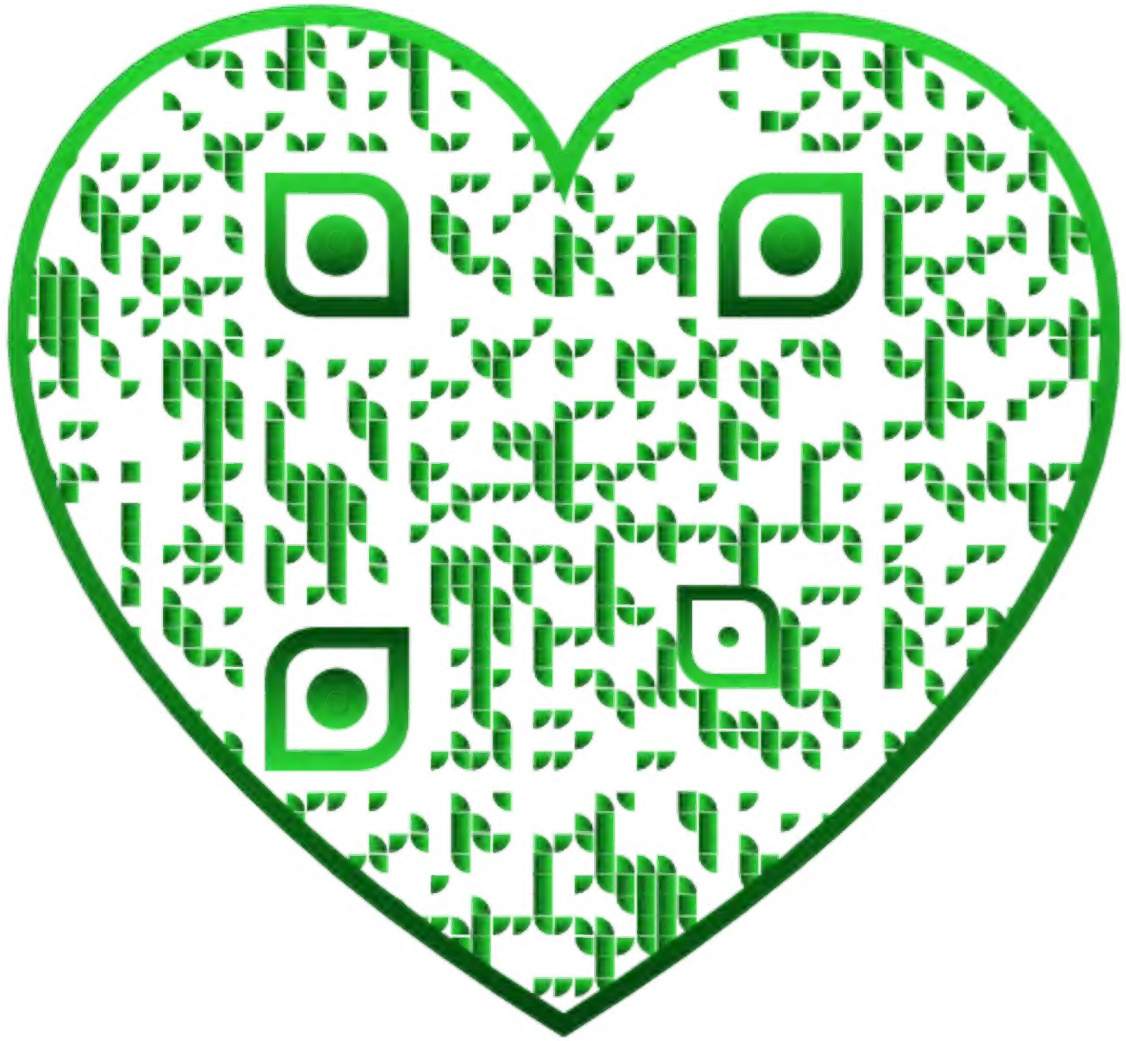
Nora Roberts



As irmãs
Stanislaski
Um Amor a Domar ~ NATASHA ~



HARLEQUIN
BOOKS



Nora Roberts

UM AMOR A DOMAR – NATASHA

As Irmãs Stanislaski — Volume I



Título original: Um amor a domar
Copyright © 1990 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2008 por Editora HR Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser
utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R549a

Robert, Nora, 1950-
Um amor a domar [recurso eletrônico] / Nora Roberts; tradução de Maria de Fátima Oliva do Coutto. Rio de Janeiro:
HR, 2008.
recurso digital
Tradução de: Taming Natasha
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7687-562-8 (recurso eletrônico)
1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Coutto, Maria de Fátima Oliva Do. II. Título.

08-1065

CDD: 813

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
www.harlequinbooks.com.br

Para Gayle Link. Bem-vinda ao grupo.

PRÓLOGO

Com os olhos soltando faísca, com raiva e determinação, Natasha entrou no quarto. Então, Mikhail e Alexi pensaram que seria engraçado vestir o cachorro com seu sutiã novo e sua saia mais bonita? Bem, descobriram o que acontecia a irritantes irmãos mais novos quando punham as mãos no que não lhes pertencia. Imaginou Mik mancando o resto do dia. Melhor ainda: sua mãe os obrigara a lavar o sutiã e a saia. E pendurá-los para secar. Num lugar, pensou com crescente prazer, em que muitos dos garotos da vizinhança, com certeza, os veriam realizando a tarefa.

Ficariam humilhados.

Mamãe sempre agia com justiça, pensou. Castigo melhor do que os pontapés que ela, Natasha, dera no irmão.

Voltou-se para o grande espelho na parede e, para se acalmar, fez um *plié*. O corpo de 14 anos era tão delgado quanto os dos irmãos, com apenas suaves curvas nos seios e nos quadris. Com as aulas de balé, seus membros, articulações e ossos se curvaram, retorceram-se, ajustaram-se às exigências e disciplinaram sua mente. Acima de tudo, proporcionaram ao seu coração a maior das alegrias.

Sabia o quanto as aulas eram caras e como os pais batalhavam para que ela e os irmãos tivessem o que mais desejavam. Por esse motivo, praticava com afinco e se esforçava mais do que qualquer outra jovem de sua turma.

Um dia seria uma famosa bailarina e, toda vez que dançasse, agradeceria aos pais pelo presente.

Imaginando-se num *tutu* deslumbrante, ouviu a música inundar o ambiente, fechou os olhos castanho-dourados e ergueu o delicado queixo. O cabelo, uma comprida cascata preta encaracolada, esvoaçou levemente quando ela se ergueu na ponta dos pés e girou numa lenta pirueta.

Quando os abriu, viu a irmã na porta.

— Eles estão quase terminando de lavar suas coisas — anunciou Rachel.

Como de hábito, ao olhar Natasha era invadida por um misto de orgulho e inveja. Orgulho pelo fato de a irmã ser tão linda e tão adorável quando dançava. Inveja por, aos 8 anos, achar que *nunca* teria 14 anos, que nunca seria tão bonita, tão graciosa.

As fitas de Natasha nunca se soltavam de seus cabelos, deixando-os desarrumados. E os seios cresciam. Eram pequenos, mas estavam *lá*.

Para Rachel, toda ambição, necessidade e desejo concentrava-se em ter 14 anos.

Natasha apenas sorriu e deu outra pirueta.

— Eles estão reclamando?

— Um pouco. — Rachel retorceu a boca. — Só quando a mamãe está longe e não pode ouvir. E Mik disse que você quebrou a perna dele.

— Ótimo. Ele merece uma perna quebrada por pegar minhas coisas.

— Mas foi engraçado. — Rachel pulou na cama. — Sasha ficou tão esquisito usando seu sutiã branco e a saia rosa!

— Engraçado mesmo — admitiu Natasha. Andou até a penteadeira para pegar a escova. — Mais engraçado ainda quando eles colocaram *O lago dos cisnes* e começaram a dançar com Sasha. — Passada a raiva, sorriu e penteou os cabelos. — Ah, eles são só dois meninos.

Rachel franziu o nariz. Meninos, no momento, ocupavam um lugar insignificante em sua lista de prioridades.

— Meninos são idiotas. Falam alto demais e cheiram mal. Ser menina é melhor. — Embora usasse jeans desbotado, camiseta surrada, um boné dos Yankees e os cabelos negros estivessem sempre despenteados, acreditava no que dizia.

Os olhos, da mesma cor dos da irmã, cintilavam.

— Podemos nos vingar.

Natasha disse a si mesma estar acima de tais mesquinharias, mas examinou Rachel com crescente interesse. Rachel podia ser o bebê da família, mas era maquiavélica.

— Como?

— O blusão de beisebol de Mik. Acho que Sasha ficaria muito elegante nele. Quando eles saírem para pendurar as roupas, podemos pegar. — Rachel cobiçava o blusão do irmão.

— Ninguém sabe onde ele o esconde quando não o está usando.

— Eu sei. — O sorriso de Rachel espalhou-se no rosto bonito. — Sei de tudo. Eu conto para você e ajudo a se vingar se... Natasha levantou uma sobrancelha. Maquiavélica e inteligente. Rachel sempre tinha um objetivo.

— Se...

— Se eu puder usar seus brincos de ouro, as argolas com estrelas gravadas.

— Da última vez que deixei você usar meus brincos, você perdeu um deles.

— Eu não perdi. Só não achei ainda. — Se, por um lado, queria fazer biquinho de raiva, sabia ter de esperar até acertarem o negócio. — Eu pego o blusão, ajudo você a vestir Sasha e distraio mamãe. Você me deixa usar os brincos três dias.

— Um dia.

— Dois.

Natasha deixou escapar um suspiro.

— Está bem.

Com um sorriso hesitante, Rachel esticou a mão.

— Primeiro os brincos.

Balançando a cabeça, Natasha abriu a pequena caixa de jóias e retirou as argolas.

— Como você pode ser tão persuasiva aos 8 anos?

— Quando se é a caçula, não tem outro jeito. — Levantou-se e, alegremente, colocou os brincos diante do espelho. — Todo mundo ganha as coisas primeiro. Se eu fosse a mais velha, estes brincos seriam meus.

— Bem, você não é a mais velha e eles são meus. Não os perca.

Rachel revirou os olhos e observou o resultado. Tinha certeza de parecer mais velha com os brincos. Parecia ter uns 10 anos!

— Se vai usá-los, me deixe arrumar seu cabelo. — Natasha arrancou-lhe o boné e começou a escovar os cabelos compridos e cacheados de Rachel. — Vamos prendê-los para trás para os brincos aparecerem.

— Não acho meu prendedor...

— Pode usar um dos meus.

— Quando você tinha 8 anos, era parecida comigo?

— Não sei. — Pensativa, Natasha curvou-se para nivelar os rostos e se olhar no espelho. — Temos olhos bem parecidos e as bocas também. Seu nariz é mais bonito.

— É mesmo? — A idéia de ter algo mais bonito ou melhor do que a irmã mais velha era motivo de delírio. — De verdade?

— Eu acho.

Compreendendo o sentimento de Rachel, Natasha afagou o rosto dela.

— Um dia, quando formos adultas, as pessoas vão nos olhar ao passarmos na rua e dirão: "Olhem as irmãs Stanislaski! Não são duas mulheres maravilhosas?"

A imagem fez Rachel desfilar com ar afetado pelo quarto que dividiam.

— Aí vão ver Mikhail e Alexi e dizer: "Caramba, lá vêm os irmãos Stanislaski, e isso quer dizer confusão."

— E vão estar certos. — Natasha ouviu a porta dos fundos bater e olhou pela janela. — E lá estão eles! Olhe só, Rachel. Perfeito.

Os dois meninos, cabeças baixas de humilhação, arrastavam os pés a caminho do varal enquanto o cachorro corria em círculos em volta deles.

— Eles parecem bem constrangidos — disse Natasha com satisfação. — Olhe como as caras deles estão vermelhas.

— Não é o suficiente. Vamos pegar o blusão! — Brincos balançando, Rachel agarrou o boné e saiu correndo porta afora.

Meninos nunca iriam derrotar as irmãs Stanislaski, pensou Natasha, correndo atrás de Rachel.

Por que todos os homens bonitos são casados?

— Esta é uma pergunta capciosa! — Natasha arrumou a boneca com vestido de veludo numa cadeira de balanço infantil de madeira, antes de voltar-se para a assistente. — Está bem, Annie, de qual homem bonito estamos falando?

— Do alto, louro e maravilhoso parado do lado de fora da loja com a atraente esposa e a linda filhinha. Annie encheu a bochecha com a goma de mascar e explodiu a bola. — Parecem um anúncio de revista, a representação da família perfeita.

— Então, talvez entrem na loja e comprem o brinquedo perfeito.

Natasha afastou-se da coleção de acessórios e bonecas vitorianas com um meneio de aprovação. Exatamente como pretendia — atraente, elegante e à moda antiga. Checou tudo, até o leque franjado na minúscula mão de porcelana.

A loja de brinquedos não era apenas seu negócio, era seu maior prazer. Tudo, desde o menor chocalho ao maior urso de pelúcia, fora escolhido por ela com a mesma atenção aos detalhes e qualidade. Insistia no melhor para sua loja e para seus clientes, fosse uma boneca com capa de pele de 500 dólares ou um carrinho de corrida que cabia na palma da mão, de 2 dólares. Quando fazia uma venda, a seu ver apropriada, ficava feliz, não importando se vendera um brinquedo caro ou um barato.

Desde que abrira as portas da loja, adornadas com sininhos, há três anos, Natasha tornara a *Fun House* um dos maiores atrativos da pequena cidade universitária, localizada na fronteira da Virgínia do Oeste. Despendera energia, persistira, mas o sucesso resultava de sua inata capacidade de compreender as crianças. Não queria que seus clientes saíssem com um brinquedo; queria que saíssem com o brinquedo certo.

Decidindo fazer algumas adaptações, Natasha dirigiu-se à prateleira de minicarros.

— Acho que eles vão entrar — disse Annie, já ajeitando os cabelos ruivos curtos. — A menininha está praticamente pulando de seu sapatinho de boneca. Quer que eu abra?

Sempre metódica, Natasha olhou para o relógio de palhacinho na parede.

— Ainda faltam cinco minutos.

— E o que são cinco minutos? Tash, estou falando sério, o cara é incrível! — Na ânsia de olhar mais detidamente, Annie percorreu o corredor para arrumar os jogos. — Se é! 1,90 m, 73 kg. Os ombros mais largos que já vi num blazer. Ai, céus! É de *tweed*. Como é possível que um cara usando *tweed* possa me deixar salivando?

— Um homem de papelão pode deixar você salivando.

— A maioria dos caras que conheço é de papelão. — Uma covinha no canto da boca de Annie apareceu. Ela contornou o estande de bonecos de madeira para ver se ele ainda olhava a vitrine. — Ele deve ter ido à praia no verão. Olha só as mechas no cabelo e o bronzeado! Ai, meu Deus, ele sorriu para a menininha! Acho que me apaixonei.

Simulando um engarrafamento com os minicarros, Natasha sorriu.

— Você sempre acha que está apaixonada.

— Eu sei. — Annie suspirou. — Só queria ver a cor dos olhos dele. Ele tem um daqueles maravilhosos rostos finos e angulosos. Aposto que é super-inteligente e sofreu horivelmente.

Natasha lançou um olhar rápido e irônico por cima do ombro. Annie era alta e magra, o coração mole como marshmallow.

— Aposto que a mulher dele ficaria encantada com sua fantasia.

— É privilégio das mulheres, ou melhor, uma obrigação, fantasiar com homens como esse.

Embora discordasse por completo, Natasha deixou Annie acreditar no que bem entendesse.

— Está bem. Vá em frente e abra a loja.

— Só uma boneca — disse Spence, puxando, de brincadeira, a orelha da filha. — Teria pensado duas vezes antes de me mudar para aquela casa se soubesse da existência de uma loja de brinquedos tão perto assim.

— Você compraria a loja inteira para ela se pudesse. — Ele lançou um olhar para a mulher a seu lado.

— Não comece, Nina.

A loura magra deu de ombros, ajeitando o blazer do conjunto de linho rosa, e depois olhou para a menina.

— Só quis dizer que seu pai tem a tendência a mimar você porque a ama demais. Além disso, você merece um presente por ter reagido tão bem à mudança.

A pequena Frederica Kimball fez beicinho.

— Gosto da minha casa nova. — Deu a mão ao pai, automaticamente colocando-se a seu lado e contra o mundo. — Tenho um pátio e um balanço só para mim.

Nina olhou o homem alto e magro e a menina do tamanho de uma fada. Tinham idênticos queixos atrevidos. Se bem se lembrava, jamais ganhara uma discussão com qualquer um dos dois.

— Imagino que você seja a única pessoa do mundo a considerar isso motivo que justifique deixar Nova York. — O tom de voz de Nina suavizou-se ao acariciar os cabelos da menina. — Não consigo deixar de me preocupar com vocês. Eu só quero que você seja feliz, querida. Você e seu pai.

— Nós somos. — Para acabar com a tensão, Spence pegou Freddie no colo. — Não somos, bonequinha?

— E vai ficar ainda mais. — Afetuosa, Nina apertou a mão de Spence. — Vão abrir a loja.

— Bom dia. — Eles estavam tensos, percebeu Annie, abafando um longo e sonhador suspiro. Que maravilha! O clima estava tenso entre eles. Ela bloqueou a fantasia no fundo da mente e convidou os primeiros clientes do dia a entrar — Posso ajudar?

— Minha filha está interessada numa boneca. — Spence colocou Freddie novamente no chão.

— Bem, vieram ao lugar certo. — Annie, como boa vendedora, voltou a atenção para a criança. Era realmente muito bonita, com os olhos cinza como os do pai, e os cabelos louro-claros e esvoaçantes. — De que tipo de boneca gostaria?

— Uma bonita — respondeu Freddie. — Uma bonita, com cabelos ruivos e olhos azuis.

— Aposto que temos exatamente o que você quer. — Annie lhe ofereceu a mão. — Gostaria de dar uma olhada?

Depois de fitar o pai à espera de aprovação, Freddie deu a mão a Annie e foi à cata da boneca.

— Droga! — Spence ficou tenso.

Nina apertou-lhe a mão pela segunda vez.

— Spence...

— Eu me iludo achando que não faz mal, que ela nem se lembra.

— O fato de ela querer uma boneca de cabelos ruivos e olhos azuis não significa nada.

— Cabelos ruivos e olhos azuis — repetiu ele, e a frustração mais uma vez tomou conta dele. — Exatamente como Angela. Ela se lembra, Nina. — Enfiando as mãos nos bolsos, afastou-se.

Três anos, pensou. Há quase três anos, Freddie ainda usava fraldas. Mas se lembrava de Angela — a linda e indiferente Angela. Nem mesmo um dos mais liberais críticos consideraria Angela uma boa mãe. Ela nunca embalara ou cantara canções de ninar, nunca confortara ou fizera a filha dormir em seu colo.

Spence observou uma bonequinha de rosto de porcelana angelical usando um vestido azul-claro. Minúsculos e delicados dedos, olhos enormes e sonhadores. Angela era assim, lembrou-se. De uma beleza etérea. E fria como gelo.

Ele a amara como um homem amaria uma peça de arte — admirando à distância a perfeição da forma e, constantemente, procurando o que se escondia por trás de tanta perfeição física. De alguma forma, geraram uma criança meiga, maravilhosa, que havia conseguido passar os primeiros anos de vida praticamente sem a ajuda dos pais.

Mas ele iria recompensá-la. Spence fechou os olhos por um momento. Pretendia fazer tudo a seu alcance para dar à filha o amor, a estrutura e a segurança merecidos. Uma família de verdade. A expressão pareceu vazia, mas era a única que lhe vinha à mente para descrever o que queria para a filha — laços familiares sólidos, reais.

Ela o amava. Sentiu que parte da tensão em seus ombros estava menos intensa, ao pensar no modo como os olhos grandes de Freddie brilhavam ao colocá-la na cama, no jeito como os braços o apertavam quando ele a carregava. Talvez nunca se perdoasse inteiramente por ter se envolvido tanto com os próprios problemas, a própria vida, durante a primeira infância da menina, mas as coisas haviam mudado. Mesmo a decisão de mudar-se tivera como objetivo o bem-estar da filha.

Ouviu a risada dela e o resto da tensão dissolveu-se rapidamente. Não havia música mais doce do que a gargalhada de sua menininha. Uma sinfonia inteira poderia ser composta tendo como tema aquele sorriso. Não a perturbaria, pensou Spence. Vou deixá-la se divertir com as bonecas perfeitas, lindas, antes de lembrá-la que só poderá possuir uma.

Novamente relaxado, começou a prestar atenção na loja. Como as bonecas que imaginara para a filha, era perfeita, linda. Embora pequena, as paredes estavam cobertas com tudo o que uma criança pudesse cobiçar. Pendurados no teto, uma grande girafa amarela e um cachorro roxo de olhos tristes. Trens de madeira, carros e aviões, todos pintados em cores vibrantes, disputavam espaço numa comprida mesa na qual estava exposta uma elegante mobília em miniatura. Uma caixinha de surpresas com palhaço, à moda antiga, ao lado de uma complicada estação espacial futurística. Bonecas lindas, algumas de porcelana, outras de pano, brinquedos de armar e conjuntos de chá.

A ausência de um arranjo estudado tornava o resultado ainda mais atraente. Aquele era um lugar para sonhar, para desejar, uma superlotada caverna de Aladim desenhada para fazer os olhos das crianças se iluminarem de deslumbramento. Para fazê-las rir, como sua filha agora. Ele já podia antever que precisaria agir com mão-de-ferro para evitar visitas regulares de Freddie à loja.

Esse fora um dos motivos para ter se mudado para uma cidade pequena: queria que a filha fosse capaz de admirar o prazer das lojas pequenas, onde os comerciantes saberiam seu nome. Ela poderia andar de um lado a outro sem as preocupações das grandes cidades — como assaltos, sequestros e drogas! Não haveria necessidade de trancas e sistemas de segurança, de vidraças para abafar o ruído do trânsito. Mesmo uma menininha como Freddie não se perderia naquela cidade.

E, talvez, sem o ritmo agitado e a pressão, ele também encontrasse paz.

Distraído, pegou uma caixa de música de porcelana delicadamente trabalhada, enfeitada com a figura de uma cigana de cabelos negros num vestido vermelho de babados. Nas orelhas, pequeninas argolas de ouro. Nas mãos, um pandeiro com fitas coloridas. Sem dúvida, não teria encontrado nada mais fino nem na Quinta Avenida.

Ficou pensado como a dona podia deixá-la ali, onde dedos pequeninos e curiosos poderiam pegá-la e quebrá-la. Intrigado, deu corda e viu a figura girar em torno de uma pequenina fogueira de acampamento, também em porcelana.

Tchaikovsky. Imediatamente, reconheceu o movimento e seu apurado ouvido aprovou a qualidade da gravação. Uma peça temperamental, até mesmo apaixonada, pensou, achando estranho se deparar com um trabalho tão sofisticado numa loja de brinquedos. Depois, ergueu o olhar e viu Natasha.

Encarou-a. Não conseguiu evitar. Estava a poucos passos, a cabeça levantada, ligeiramente inclinada, fitando-o. Os cabelos tão escuros quanto os da bailarina, encaracolados em torno do rosto, num desalinho selvagem, caíam pelos ombros. A pele era morena, dourada, realçada pelo vestido vermelho simples que usava.

Mas esta mulher não é frágil, pensou. Embora fosse baixinha, passava a impressão de poder. Talvez fosse o rosto, os lábios cheios sem batom e as maçãs altas e salientes. Os olhos, quase tão escuros quanto os cabelos, os cílios compridos e fartos. Mesmo a uma distância de 3 metros, ele pode perceber. Sensualidade forte e latente que exalava dela do mesmo modo que outras mulheres exalam cheiro de perfume.

Pela primeira vez em anos, sentiu a palpitante onda de puro desejo.

Natasha notou, reconheceu e se ressentiu. Que tipo de homem, refletiu, entrava num lugar com a esposa e a filha e olhava outra mulher com aquela voluptuosidade? Não seu tipo de homem.

Determinada a ignorar o olhar, como ignorara o de outros no passado, dirigiu-se a ele.

— Precisa de ajuda?

Ajuda?, pensou, apático. Precisava de oxigênio. Nunca soubera ser literalmente possível uma mulher tirar a respiração de um homem.

— Quem é você?

— Natasha Stanislaski. — Ofereceu-lhe um sorriso gentil. — Sou a dona da loja.

A voz parecia pairar no ar, rouca, vital. O leve sotaque denunciava a origem eslava e acrescentava um erotismo tão real quanto a música que permanecia em seus ouvidos. Ela cheirava a sabonete, nada mais, e ainda assim a fragrância o seduziu por completo.

Quando ele ficou mudo, ela levantou uma sobrancelha. Podia ser divertido colocar um homem a seus pés, mas ela estava

ocupada no momento. Além do mais, o homem era casado.

— Sua filha escolheu três bonecas. Talvez queira ajudá-la a se decidir.

— Num minuto. Seu sotaque... é russo?

— Sim. — Ela pensou se deveria dizer que a mulher dele estava parada na porta da loja, aborrecida e impaciente.

— Há quanto tempo está nos Estados Unidos?

— Desde os 6 anos. — Lançou-lhe, de propósito, um olhar frio. — Mais ou menos a mesma idade de sua filha. Com licença...

Ele segurou-lhe o braço, antes que ela pudesse evitar. Mesmo sabendo ter tomado uma atitude indelicada, a crueldade em seus olhos o surpreendeu.

— Desculpe. Eu ia lhe perguntar sobre a caixa de música.

Natasha desviou o olhar para a caixa quando a música foi sumindo.

— É uma das mais bonitas da loja, feita artesanalmente aqui nos Estados Unidos. Está interessado em comprá-la?

— Ainda não decidi, mas achei que você não havia notado que a deixei naquela prateleira.

— Por quê?

— Não é o tipo de mercadoria que se espera encontrar numa loja de brinquedos. Pode ser facilmente quebrada.

Natasha pegou-a e a colocou no fundo da estante.

— E pode ser consertada. — Fez um dos rápidos e habituais movimentos com os ombros. Demonstrava arrogância mais do que desinteresse. — Acredito que crianças devam poder usufruir dos prazeres da música. Você não acha?

— Sim. — Pela primeira vez, um sorriso surgiu no rosto dele. Como Annie notara, era um sorriso particularmente sedutor, teve que admitir. Apesar da irritação, sentiu uma torrente de atração e, estranhamente, de afinidade. E ele acrescentou: — Na verdade, acredito nisso intensamente. Talvez pudéssemos discutir o assunto num jantar.

Controlando-se, Natasha lutou contra a fúria. Era difícil para alguém com sua natureza passional e, em geral, explosiva, mas lembrou-se de que o homem não estava só com a mulher, mas também com a filha.

Os insultos furiosos que subiam por sua garganta foram engolidos, porém não antes de Spence vê-los refletidos em seus olhos.

— Não. — Foi tudo o que disse, dando as costas.

— Senhorita... — balbuciou Spence.

Freddie apareceu carregando uma grande boneca de pano de cabelos de lã vermelhos e olhos azuis.

— Papai, não é bonita? — Com os olhos vibrando, Freddie ergueu a boneca esperando aprovação.

Tinha cabelos vermelhos, pensou Spence. Mas não era bonita. Nem, para seu alívio, personificava Angela. Por saber que Freddie esperava dele essa reação, levou um tempo examinando sua escolha.

— Esta é — disse após um segundo — a melhor boneca que vi hoje.

— De verdade?

Ele agachou-se até ficar no mesmo nível que a filha.

— Com certeza. Você tem um gosto excelente, bonequinha.

Freddie estendeu os braços, a boneca amassada entre os dois enquanto ela abraçava o pai.

— Posso comprar?

— Pensei que fosse para mim. — Quando Freddie gargalhou, ele pegou as duas no colo.

— Vou embrulhá-la para você. — O tom de voz de Natasha se tornara mais amistoso. Ele podia ser um idiota, mas amava a filha.

— Posso carregá-la. — Freddie abraçou a nova amiguinha.

— Tudo bem. Então vou lhe dar uma fita para o cabelo dela. Que tal?

— Uma fita azul.

— Isso mesmo, azul. — Natasha caminhou até a caixa registradora.

Nina deu uma olhada na boneca e revirou os olhos.

— Querida, não conseguiu achar nada melhor?

— Papai gostou — murmurou Freddie, abaixando a cabeça.

— E muito! — acrescentou o pai, com um olhar de advertência na direção de Nina. Colocando Freddie novamente no chão, pegou a carteira.

A mãe era, sem dúvida, intragável, concluiu Natasha. Embora isso não desse ao homem o direito de paquerar uma vendedora na loja de brinquedos. Ela deu o troco, entregou a nota fiscal e pegou uma fita azul.

— Obrigada — disse Natasha a Freddie. — Acho que ela vai gostar muito de morar na casa nova com você.

— Vou cuidar bem dela — prometeu Freddie, enquanto tentava prender a fita nos cabelos de fiapos de lã da boneca. — A gente pode entrar para olhar os brinquedos ou tem que comprar um?

Natasha sorriu e, pegando outra fita, deu um laço ousado e rápido nos cabelos da criança.

— Você pode vir e olhar sempre que quiser.

— Spence, precisamos ir. — Nina segurava a porta aberta.

— Certo. — Ele hesitou. Era uma cidade pequena, lembrou-se. E, se Freddie podia vir e olhar, ele também podia. — Foi um prazer conhecê-la, srta. Stanislaski.

— Até logo. — Ela esperou até os sininhos da porta tilintarem e deixou escapar uma cascata de palavrões bem baixinho.

Annie espiou por trás de uma torre de blocos de armar.

— O que disse?

— Aquele homem.

— Sim. — Com um suspiro, Annie saiu valsando pelo corredor. — Aquele homem!

— Ele traz a mulher e a filha num lugar como este e fica me olhando como se quisesse lambe meus pés!

— Tash! — A expressão sofrida, Annie apertou a mão no coração. — Por favor, não me excite.

— Acho insultante! — Ela rodeou o balcão e deu um soco num saco de boxe. — Ele me convidou para jantar.

— Ele o *quê*? — Surgiu um certo encantamento nos olhos de Annie, antes do olhar de Natasha dar sumiço na expressão.

— Você tem razão. É insultante ver como um homem casado... Embora a mulher parecesse um peixe morto...

— Os problemas conjugais dele não me dizem respeito.

— Não — murmurou, praticamente relutando em afastar a fantasia. — Imagino que você tenha recusado.

Um som de surpresa saiu da garganta de Natasha ao se virar.

— É claro que recusei.

— Quero dizer, é claro — disse Annie rapidamente.

— O homem é audacioso — afirmou Natasha. Os dedos coçavam, ansiando por quebrar algo. — Vir ao meu local de trabalho e me fazer propostas!

— Ele não fez isso! — Escandalizada e excitada, Annie agarrou o braço de Natasha. — Tash, ele não fez propostas, não é? Bem aqui?

— Com os olhos, sim. A mensagem era clara. — Enfurecia-se como os olhos dos homens em geral a fitavam e apenas viam seu corpo. Só queriam olhar o físico, pensou enojada. Ela tolerara insinuações, propostas, convites antes de compreender o que significavam. Mas agora compreendia e não tolerava.

— Se ele não estivesse com aquela adorável menininha, eu o teria esbofeteado. — Como a idéia a agradou enormemente, deu outro soco no saco de boxe.

Annie tinha visto o temperamento da chefe explodir outras vezes e sabia como acalmá-la.

— Ela era um doce, não era? O nome dela é Freddie. Não é bonitinho?

Natasha deu um longo e relaxante suspiro enquanto esfregava o punho fechado na palma da outra mão.

— Sim.

— Ela me disse que acabaram de se mudar de Nova York para Shepherdstown. A boneca vai ser sua primeira amiga nova.

— Coitadinha. — Natasha conhecia muito bem os medos e ansiedades de uma criança num lugar estranho. Esqueça o pai, disse a si mesma, sacudindo a cabeça. — Ela parece ter mais ou menos a mesma idade de JoBeth Riley. — Aborrecimento esquecido, Natasha voltou para trás do balcão e pegou o telefone. Não custava nada dar um telefonema para a sra. Riley.

Spence, parado na janela da sala de música, olhava um canteiro de flores. Ter flores do lado de fora da janela e um pedaço de terreno íngreme que precisaria de cuidados era uma nova experiência. Nunca cortara grama na vida. Sorrindo para si mesmo, pensou em quando tentaria fazer o serviço.

Havia um alto e frondoso bordo, as folhas verde-escuras, bem escuras. Em poucas semanas, imaginou, ficariam vermelhas e vibrantes, antes de caírem. Gostava da vista de seu apartamento no Central Park West, vendo as estações passarem através da mudança nas árvores. Mas não como esta, percebeu.

Ali a grama, as árvores, as flores que via, lhe pertenciam. Estavam ali para ele usufruir, cuidar delas. Ali poderia deixar Freddie levar as bonecas para o chá das cinco sem se preocupar a cada segundo se ela se encontrava dentro de seu raio de visão. Teriam uma boa vida ali, uma vida estável. Ele experimentara essa sensação quando viajara para discutir o cargo com o reitor — e novamente quando caminhara na casa grande e espaçosa com a ansiosa corretora de imóveis em seus calcanhares.

Ela nem precisou vendê-la, pensou. Estava vendida no momento em que ele entrou pelo portão.

Enquanto olhava pela janela, um beija-flor lançou-se numa petúnia de uma tonalidade vermelha vibrante. Naquele instante, estava mais convencido do que nunca de que a decisão de deixar a cidade fora acertada.

Ter um breve contato com a vida rural. As palavras de Nina giravam em sua mente ao contemplar o sol brilhando nas asas iridescentes do passarinho. Não podia culpá-la por dizer isso, por acreditar nisso quando ele sempre optara por viver em locais agitados. Não podia negar que se divertira naquelas festas barulhentas que duravam até o amanhecer, ou nos jantares elegantes à meia-noite, depois de um concerto ou de um balé.

Crescera num mundo de glamour, riqueza e prestígio. Vivera toda a vida num lugar onde apenas o melhor era aceitável. E ele tinha aproveitado, admitia. Verões em Monte Carlo, invernos em Nice ou Cannes. Fins de semana em Aruba ou Cancún.

Não se arrependia dessas experiências, mas lamentava não ter assumido as responsabilidades de sua vida antes.

Mas, agora, Spence as assumia. E voltou a olhar o beija-flor, que voava velozmente. E tanto para sua própria surpresa quanto para a das pessoas que o conheceram, gostava dessas responsabilidades. Freddie fazia a diferença. Toda diferença.

Pensava na menina quando ela surgiu correndo do quintal dos fundos, com a nova boneca de pano debaixo do braço. Foi direto para o balanço, como ele imaginara. De tão novo, a pintura azul e branca brilhava à luz do sol e os assentos de plástico duro pareciam de couro. Com a boneca no colo, ela se balançou, o rosto voltado para o céu, a pequenina boca movendo-se numa canção.

O amor o envolveu como um punho aveludado, firme e doloroso. Em toda sua vida, nunca conhecera nada tão intenso ou tão instintivo quanto a emoção que ela lhe despertava simplesmente por existir.

Enquanto se balançava para a frente e para trás, embalava a boneca, puxando-a para perto para contar-lhe segredos no ouvido. Ele gostou de ver Freddie tão apegada à boneca de algodão e pano. Ela poderia ter escolhido uma de porcelana ou de veludo, mas escolhera uma que parecia carente de amor.

Tinha falado da loja de brinquedos a manhã inteira e desejava voltar lá. Ela não pediria nada. Não diretamente. Usaria os olhos. Ao mesmo tempo, ele achava engraçado e se surpreendia com o fato de uma menininha de 5 anos já dominar esse peculiar e infalível truque feminino.

Ele também pensara na loja de brinquedos e em sua dona. Nada de truques femininos ali, apenas puro desdém. Envergonhou-se pela forma inadequada como agira. Estou fora de forma, lembrou-se com um sorriso depreciativo e esfregou a nuca. Pior, não podia se lembrar de ter experimentando tamanha atração sexual. Foi como ser atingido por um raio, concluiu. Um homem tinha direito a se confundir um pouco, depois de ter sido eletrocutado.

Mas a reação dela... Franzindo o cenho, Spence rememorou a cena. Ela ficara furiosa. Chegara a ponto de tremer de fúria antes de ele abrir a boca — e meter os pés pelas mãos.

Podia ter recusado o convite com educação. Apenas dissera não — uma única e dura palavra com farpas nas pontas. Afinal, ele não a convidara para ir para a cama.

Mas bem que ele queria! Desde o primeiro instante, foi capaz de se imaginar levando-a para algum lugarzinho escuro e afastado na floresta, onde a grama fosse macia e as árvores ocultassem o céu. Um lugar onde ele pudesse absorver o calor

daqueles lábios cheios, sedosos. Um lugar onde pudesse mergulhar na louca paixão que o rosto dela lhe prometia. Sexo selvagem, sem preocupações com o tempo ou com o lugar, com as noções de certo ou errado.

Meu Deus! Atordoado, conteve-se. Agia como um adolescente. Não, admitiu Spence, voltando a enfiar as mãos nos bolsos, pensava como um homem — um homem sem mulher há quatro anos. Ele não tinha certeza se desejava agradecer a Natasha Stanislaski por abrir as comportas de seus desejos novamente ou estrangulá-la.

Mas tinha certeza de que iria encontrá-la outra vez.

— Já fiz as malas. — Nina parou na porta. Deu um suspiro. Spence, obviamente, estava absorvido de novo nos próprios pensamentos. — Spence! — chamou, levantando a voz ao cruzar a sala. — Eu avisei que já fiz as malas.

— O quê? Ah! — Ele conseguiu dar um sorriso distraído e tentou relaxar. — Vamos sentir sua falta, Nina.

— Vocês vão ficar felizes de me verem pelas costas. — corrigiu, dando um aperto no queixo dele.

— Não. — O sorriso surgiu com mais facilidade agora, reparou ela, limpando com cuidado a marca suave de batom da pele dele. — Eu agradeço toda sua ajuda na mudança. Sei como você é ocupada.

— Eu não poderia deixar meu irmão enfrentar as selvas da Virgínia do Oeste sozinho. — Nina segurou-lhe a mão num raro gesto de genuína agitação. — Ah, Spence, você tem certeza? Esqueça tudo o que eu lhe disse antes e pense, realmente pense, a respeito. É uma mudança bem grande para vocês dois. O que você vai fazer aqui no seu tempo livre?

— Cortar a grama. — Ele riu ao ver-lhe a expressão. — Sentar na varanda. Talvez até voltar a compor.

— Você poderia compor em Nova York.

— Não compus dois compassos em quase quatro anos. — lembrou ele.

— Está certo. — Ela caminhou até o piano e meneou a cabeça. — Mas, se quisesse se mudar, podia ter encontrado um lugar para morar em Long Island ou até mesmo em Connecticut.

— Gosto daqui, Nina. Acredite, minha irmã, é o melhor que posso fazer por Freddie e por mim mesmo.

— Espero que esteja certo. — Por amá-lo, voltou a sorrir. — Continuo a dizer que você vai estar de volta a Nova York em seis meses. Enquanto isso, como única tia dessa criança, espero me manter informada sobre seus progressos. — Abaixou o olhar, irritada por ver o esmalte de uma das unhas descascado. — A idéia de frequentar uma escola pública...

— Nina! Ergueu a mão.

— Deixa pra lá! Não faz sentido começar uma discussão quando preciso pegar o avião e tenho plena consciência de que ela é sua filha.

— Sim, é.

Nina bateu o dedo na superfície brilhante do piano de cauda.

— Spence, sei que você ainda se sente culpado por causa de Angela, e não gosto disso.

O sorriso espontâneo desapareceu.

— Alguns erros levam um bom tempo para serem apagados.

— Ela o fez infeliz — disse Nina, sem preâmbulos. — Vocês enfrentavam problemas já no primeiro ano de casamento. Oh, você nunca me contou nada! — acrescentou, quando ele não respondeu. — Mas havia outras pessoas, loucas para me informar — ou a qualquer um que estivesse disposto a ouvir. Não era segredo que ela não queria a criança!

— Por acaso eu era muito melhor, querendo o bebê apenas por achar que ele iria preencher as lacunas de meu casamento? É um peso e tanto cuidar de uma criança.

— Você cometeu erros, reconheceu e corrigiu-os. Angela nunca sentiu um pinga de culpa na vida. Se não tivesse morrido, você teria se divorciado dela e assumido a guarda de Freddie. O resultado foi o mesmo. Eu sei que soa frio. E, em geral, a verdade é fria. Não gosto de pensar que você está mudando sua vida, de forma tão radical, na tentativa de consertar uma situação que já acabou há tempos.

— Talvez seja um dos motivos. Mas há mais. — Ele estendeu a mão, esperando até Nina aproximar-se dele. — Olhe para ela. — Apontou pela janela aberta, mostrando Freddie ainda se balançando bem alto, livre como um beija-flor. — Ela está feliz. E eu também.

Não estou com medo.

— Claro que não. — Spence olhou o reflexo corajoso da filha no espelho enquanto ele, cuidadosamente, penteava-lhe o cabelo. Não precisava ouvir a voz trêmula para concluir que ela estava apavorada. Ele próprio carregava uma enorme pedra entalada na boca do estômago.

— Algumas crianças choram. — Os olhos grandes da menina já estavam úmidos. — Mas eu não.

— Você vai se divertir. — Mas nem ele nem a nervosa filha estavam tão certos disso. O problema em ser pai, pensou, é que você precisa parecer seguro a respeito de tudo. — O primeiro dia na escola é sempre um pouco assustador, mas, assim que chegar lá e encontrar todo mundo, você vai se divertir.

Ela o encarou com olhos firmes e arregalados.

— De verdade?

— Você gostava do jardim-de-infância, não gostava?

Era evasivo, admitiu a si mesmo, mas não podia fazer promessas que não seria capaz de cumprir.

— Quase sempre. — Ela abaixou os olhos, mexendo na escova em formato de cavalo-marinho na penteadeira — Mas Amy e Pam não vão estar lá.

— Você vai fazer novos amigos. Você já conheceu JoBeth. — Ele pensou na fadinha morena que os visitara com a mãe, uns dias antes.

— Eu sei. JoBeth é boazinha, mas... — Como poderia explicar que JoBeth já conhecia todas as outras garotas? — Quem sabe é melhor esperar até amanhã?

Os olhos voltaram a se encontrar no espelho. Ele manteve o queixo apoiado no ombro da menina. Ela cheirava ao sabonete verde-claro, que adorava por ter o formato de dinossauro. O rosto era muito parecido com o seu, apenas mais suave, mais fino e, em sua opinião, infinitamente mais bonito.

— Você pode esperar, mas aí amanhã seria seu primeiro dia na escola e você ainda teria borboletas.

— Borboletas?

— Bem aqui. — Ele acariciou-lhe a barriga. — Você não tem a impressão de que tem borboletas dançando aí dentro?

Ela riu.

— Parece.

— Eu também tenho.

— Sério? — Os olhos dela se arregalaram.

— Sério. Eu também tenho que ir hoje de manhã para a escola, igualzinho a você.

Ela brincou com as fitas cor-de-rosa que ele amarrara em sua maria-chiquinha. Sabia que as dele não eram iguais, mas não falou nada, com medo que ele ficasse com aquele olhar preocupado. Freddie o ouvira conversar uma vez com tia Nina e lembrou-se de como ele ficara impaciente quando ela reclamara que ele estava prejudicando a *sobrinha dela* tirando-a de seu ambiente nos anos de formação.

Freddie não tinha certeza absoluta do que eram "anos de formação", mas sabia que o pai ficara zangado e que, mesmo depois de tia Nina ter ido embora, ele ainda estava com aquele olhar preocupado. Ela não queria deixá-lo preocupado ou fazê-lo pensar que tia Nina tinha razão. Se voltassem para Nova York, só poderia andar de balanço no parque.

Além disso, gostava da casa grande e de seu novo quarto. Melhor ainda, o novo emprego do pai era tão perto que ele podia chegar em casa cedo, bem antes do jantar. Esforçando-se para não fazer beicinho, Freddie decidiu que, por desejar continuar ali, precisava ir à escola.

— Você vai estar em casa quando eu voltar?

— Acho que sim. Mas, se não estiver, Vera vai estar — disse, pensando na empregada doméstica que os acompanhava há tempos. — Você pode me contar tudo o que aconteceu. — Depois de beijar-lhe o topo da cabeça, colocou-a de pé. Ela parecia tão pequenina em seu macaquinho rosa e branco! Os olhos cinza, solenes, o lábio superior trêmulo. Ele lutou contra a vontade de pegá-la no colo e prometer que nunca, jamais, teria de ir à escola ou a qualquer lugar que a assustasse. — Vamos

ver o que Vera preparou para você levar na merendeira nova.

Vinte minutos depois, ele esperava na calçada, segurando a mão de Freddie. Quase tão apavorado quanto a filha, viu o grande ônibus amarelo da escola aparecer no topo da colina.

Ele deveria levá-la de carro para a escola, pensou em pânico — pelo menos, nos primeiros dias. Deveria levá-la, em vez de despachá-la naquele ônibus com estranhos. No entanto, julgara mais acertado fazer com que o acontecimento parecesse normal, para que ela se entrosasse com o grupo e se tornasse um deles logo de início.

Como poderia deixá-la ir? Era apenas um bebê. *Seu bebê*. E se ele estivesse enganado? Não era uma questão de escolher a cor errada de vestido para ela. Simplesmente porque hoje era o dia e a hora marcados, ele diria à filha para entrar naquele ônibus e depois se afastaria.

E se o motorista fosse descuidado e descesse colina abaixo? Como poderia ter certeza de que mandariam Freddie de volta para casa no ônibus certo no final da tarde?

O ônibus parou e os dedos apertaram, instintivamente, os da menina. Quando a porta foi aberta, ele estava prestes a escapulir.

— Ei, você! — A motorista, uma mulher grandalhona com um expansivo sorriso, fez sinal para ele. Atrás dela, crianças gritavam e pulavam nos assentos. — O senhor deve ser o professor Kimball.

— Sim. — Ele tinha as desculpas para não deixar Freddie entrar no ônibus na ponta da língua.

— Sou Dorothy Mansfield. As crianças me chamam de Srta. D. E você deve ser Frederica.

— Sim, senhora. — Ela mordeu o lábio superior para evitar esconder o rosto na lateral do corpo do pai. — Sou Freddie.

— Muito bem. — A Srta. D. deu outro grande sorriso. — Estou feliz em saber. Frederica é um nome muito comprido. Bem, suba a bordo, Freddie. Este é um grande dia. John Harman, devolva o livro para Mikey ou então vai ficar sentado atrás de mim no banco quente o resto da semana.

Com olhos irrequietos, Freddie colocou um pé no primeiro degrau. Engolindo em seco, subiu o segundo.

— Por que você não se senta ali com JoBeth e Lisa? — sugeriu a Srta. D., gentilmente. Virou-se para Spence piscando o olho e acenou. — Não se preocupe, professor, vamos cuidar bem dela.

A porta fechou-se com um golpe de ar e o ônibus seguiu em frente. Não restou outra opção a Spence a não ser ficar parado na calçada e ver o ônibus levar sua filhinha.

Ele não ficou exatamente ocioso. O tempo de Spence foi consumido praticamente desde o momento em que entrara na universidade. Tinha a própria carga horária para analisar, colegas para encontrar, instrumentos e pautas musicais para preparar. Compareceu a uma reunião do pessoal da faculdade, almoçou às pressas no refeitório e concentrou-se nos papéis — dúzias de papéis para ler e digerir. Era uma rotina comum, que começara três anos atrás quando aceitara um cargo na Juilliard School. Mas, como Freddie, ele era a criança nova na cidade, e cabia a ele se adaptar.

Preocupava-se com ela. Na hora do almoço, imaginou-a sentada no refeitório da escola, uma sala cheirando a manteiga de amendoim e a leite de caixa. Ela estaria encolhida no final de uma mesa coberta de migalhas de pão, sozinha, infeliz, enquanto as outras crianças riam e brincavam com as amigas. Podia vê-la no recreio, isolada, olhando com olhar pidão, enquanto os outros corriam, gritavam e subiam como aranhas nos brinquedos. O trauma a deixaria insegura e infeliz pelo resto da vida.

Tudo porque ele a colocara naquele maldito ônibus amarelo.

No final do dia, sentia-se tão culpado quanto um molestador de crianças, certo de que a menininha voltaria para casa chorando, devastada pela crueldade do primeiro dia na escola. Mais de uma vez se questionou se afinal, Nina não tinha razão. Talvez o ideal fosse ter deixado tudo do jeito que estava e continuado em Nova York, onde, pelo menos, Freddie tinha amigos e família.

Com a pasta em uma das mãos e o paletó pendurado no ombro, voltou para casa. Ficava a menos de dois quilômetros de distância e o tempo continuava quente, o que não era normal naquela época do ano. Até a chegada do inverno, aproveitaria e

iria a pé para o *campus*.

Ele já se apaixonara pela cidade. Bonitas lojas e imponentes casas antigas ao longo da rua principal, ladeada por árvores. Era uma cidade universitária, e disso se orgulhava, assim como se orgulhava de sua idade e dignidade. A rua subia e, aqui e ali, a calçada apresentava rachaduras provocadas pelas raízes das árvores. A não ser pelos carros passando, era calma o suficiente para se ouvir o latido de um cachorro ou a música de um rádio. Uma mulher cortando calêndulas no jardim levantou o olhar e o cumprimentou. Animado, Spence retribuiu o aceno.

Ela nem o conhecia, mas acenara, pensou. Esperava voltar a vê-la, quem sabe plantando sementes ou limpando a neve da varanda. Podia sentir o cheiro de crisântemos. Por alguma razão, até isso lhe deu uma injeção de ânimo.

Não, ele não cometera um erro, ele e Freddie pertenciam a aquele lugar que, em menos de uma semana, se transformara no lar deles.

Parou na calçada para esperar um carro passar devagar. Ao olhar para o outro lado da rua, viu a placa da *Fun House*. Era perfeito, pensou. O nome perfeito. Evocava risadas e surpresas, assim como a vitrine com seus blocos de construção, bonecas de carinha gorda e reluzentes carros vermelhos representavam para as crianças um verdadeiro tesouro escondido. No momento, não podia imaginar nada que mais desejasse do que levar um sorriso ao rosto da filha.

Você a mima.

Podia ouvir a voz de Nina com clareza nos ouvidos.

E daí? Olhando rapidamente para um lado e para o outro da rua, atravessou para a calçada oposta. Sua menininha tinha ido à escola demonstrando tanta coragem quanto qualquer soldado marchando para a batalha. Não havia mal nenhum em comprar uma medalhinha.

Ouviu o som ao abrir a porta. Havia um perfume tão agradável quanto o som dos sinos. Menta, pensou sorrindo. Ficou encantado ao ouvir as notas da música *The Merry-Go-Round Broke Down* vindas do fundo da loja.

— Já estou indo.

Ele se esquecera, lembrou, de como aquela voz tinha o dom de cortar o ar.

Não ia voltar a fazer papel de tolo. Dessa vez, estava preparado para defrontar-se com sua aparência, o som de sua voz, seu sorriso. Viera comprar um presente para a filha, não flertar com a proprietária da loja. Sorriu para o rosto de um ursinho panda abandonado. Que soubesse, não havia nenhuma lei proibindo uma coisa ou outra.

— Aposto que Bonnie vai adorar — disse Natasha, carregando um minicarrossel para a freguesa. — É um lindo presente de aniversário.

— Ela viu o carrossel há poucas semanas e não parou de falar nele. — A avó de Bonnie tentou não demonstrar espanto ao ver o preço. — Calculo que tenha idade suficiente para cuidar bem dele.

— Bonnie é uma menina muito responsável — prosseguiu Natasha. Vislumbrou Spence no balcão. — Já vou atendê-lo. — A temperatura de sua voz caiu uns 20 graus.

— Não se preocupe. — Irritou-se por reagir com tanta emoção à presença dela, enquanto ela brincava de cabo-de-guerra com ele, no campo adversário, é claro. Era óbvio que ela decidira não gostar dele. Podia ser interessante descobrir os motivos, pensou Spence, enquanto observava as mãos finas e ágeis embrulharem o carrossel.

E fazê-la mudar de idéia.

— São 55,27 dólares, sra. Mortimer.

— Não, querida, na etiqueta está escrito 67 dólares. Natasha, ciente das limitações financeiras da sra. Mortimer, apenas sorriu.

— Desculpe. Não lhe disse que estava em oferta?

— Não. — A sra. Mortimer deixou escapar um suspiro de alívio enquanto contava o dinheiro. — Nossa, hoje deve ser meu dia de sorte!

— E o de Bonnie. — Natasha enfeitou o presente com um bonito laço de fita rosa, a cor favorita de Bonnie.

— Não se esqueça de lhe transmitir meus votos de feliz aniversário.

— Pode deixar. — A orgulhosa avó segurou o embrulho. — Mal posso esperar para ver o rostinho dela ao abrir o presente. Tchau, Natasha.

Natasha esperou a porta fechar.

— Posso ajudá-lo?

— Foi muito bonito o seu gesto.

Ela levantou a sobrancelha.

— Do que está falando?

— Você sabe do que estou falando. — Sentia uma absurda vontade de segurar-lhe a mão e beijá-la. Era incrível, pensou.

Tinha quase 35 anos e tremia ao se defrontar com uma mulher que mal conhecia como se estivesse diante do primeiro amor. — Eu pretendia vir antes.

— É? Sua filha não ficou satisfeita com a boneca?

— Não, ela adorou. É que... — Meu bom Deus, ele quase perdeu a voz! Cinco minutos com ela e se sentia tão desajeitado quanto um adolescente dançando pela primeira vez. Controlou-se com esforço. — Achei que começamos com o pé esquerdo. Posso pedir desculpas?

— Se desejar... — Só porque ele parecia atraente e um pouco sem-graça não havia razão para facilitar as coisas. — Você veio só para isso?

— Não. — Os olhos toldaram-se ligeiramente. Percebendo, Natasha achou que talvez houvesse se enganado em sua primeira impressão. Talvez ele não fosse nocivo, afinal. Havia algo profundo, forte, naqueles olhos, o que o tornava ainda mais perigoso. O que a surpreendeu ainda mais foi achar isso excitante.

Zangada consigo mesma, deu um sorriso educado.

— Alguma coisa mais?

— Queria um presente para minha filha. — Para o diabo com a magnífica princesa russa, pensou. Havia coisas mais importantes com que se preocupar.

— O que pretende comprar para ela?

— Não sei. — O que era a pura verdade. Colocando no balcão a pasta, passou os olhos pela loja.

Descontraindo um pouco, Natasha deu a volta no balcão.

— É aniversário dela?

—Não. — Sentindo-se tolo, deu de ombros. — Foi seu primeiro dia de aula e ela pareceu muito valente ao entrar no ônibus de manhã.

Dessa vez, o sorriso de Natasha foi espontâneo e bastante caloroso. O coração dele quase parou.

—Você não devia se preocupar. Quando ela chegar em casa, vai ter um monte de histórias para contar sobre tudo e todos. O primeiro dia é mais duro, eu acho, para os pais do que para as crianças.

— Foi o dia mais longo da minha vida.

Ela riu, um som profundo, rouco, estranhamente erótico num ambiente repleto de palhaços e ursos de pelúcia.

— Parece que vocês dois merecem um presente. Outro dia, você estava admirando uma caixa de música. Tenho outra que pode lhe agradar.

Assim dizendo, encaminhou-se para os fundos da loja. Spence fez o possível para ignorar o lento balanço dos quadris e o perfume suave, de banho recém-tomado. A caixa que ela escolheu era entalhada em madeira. No pedestal, um gato e um violino, uma vaca e uma lua crescente. Quando a música *Stardust* começou a tocar, ele viu um cachorro risonho e o prato com a colher.

— É encantadora.

— Uma de minhas favoritas. — Ela decidira que qualquer homem que adorasse a filha tão ardentemente não podia ser de todo mal. Então, voltou a sorriu. — Acho que seria um presente adorável. Algo que ela poderia tocar em seu primeiro dia na faculdade e lembrar-se de que o pai pensa nela.

— Se ele sobreviver ao ensino básico. — Moveu-se discretamente para fitá-la. — Obrigado. É perfeito.

Foi estranhíssimo — o corpo dele mal esbarrara no seu e ela sentiu um calafrio. Por um instante, esqueceu que ele era um cliente, um pai, um marido e pensou nele apenas como um homem. Os olhos dele eram da cor do rio ao pôr-do-sol. Os lábios, ao esboçarem um leve sorriso, eram incrivelmente atraentes, sedutores. Involuntariamente, imaginou como seria senti-los nos

seus; admirar o rosto dele quando as bocas se encontrassem e se ver refletida naqueles olhos.

Atordoadas, recuou e a voz tornou-se mais fria.

— Vou embrulhá-la para você.

Intrigado pela súbita mudança no tom de voz, ele a seguiu até o caixa. Ele não percebera algo naqueles olhos fabulosos? Ou estava apenas esperançoso? Tinha passado rapidamente, o calor amortecido pelo gelo. Sinceramente, não conseguia encontrar nenhuma razão para um ou outro.

— Natasha. — Ele pousou a mão na sua quando ela começou a embrulhar a caixinha de música.

Ela ergueu os olhos lentamente. Já começava a se odiar por perceber que as mãos dele eram lindas, grandes, os dedos longos. Havia também uma nota de paciência na voz dele que lhe aumentava o nervosismo.

— Sim?

— Por que tenho a impressão de que você gostaria de me colocar para ferver num caldeirão?

— Você está enganado — disse, inflexível. — Não tenho essa intenção.

— Não soa convincente. — Ele sentiu a mão flexionar-se sob a sua, macia e forte. A imagem de um aço coberto de veludo parecia particularmente adequada. — Estou encontrando dificuldade em descobrir o que fiz para aborrecê-la.

— Então, vai precisar refletir a respeito. A vista ou no cartão de crédito?

Ele tinha pouca experiência com rejeição. Como um típico americano, branco, anglo-saxão e protestante, isso lhe feria o ego. Não importa quão linda ela fosse, não tinha vontade de continuar batendo a cabeça contra a mesma parede.

— A vista. — A porta abriu e ele soltou a mão dela. Três crianças, recém-saídas da escola, entraram rindo. Um menininho de cabelos ruivos e o rosto cheio de sardas ficou na ponta dos pés, na frente do balcão.

— Tenho 3 dólares — anunciou. Natasha tentou controlar o riso.

— Você está rico hoje, Sr. Jensen.

Ele lhe deu um sorriso, revelando a falta do último dente.

— Estava poupando. Quero o carro de corrida. Natasha levantou a sobrancelha enquanto contava o troco de Spence.

— Sua mãe sabe que veio aqui gastar toda a sua poupança? — O novo cliente permaneceu em silêncio. — Scott?

Ele se mostrou inquieto.

— Ela não disse que eu não podia.

— E não disse que podia — supôs Natasha. Ela curvou-se e ajeitou um cacho dos cabelos do menino. — Vai perguntar à sua mãe e depois volte. O carro de corrida vai esperar.

— Mas, Tash...

— Você não vai querer que sua mãe fique zangada comigo, vai?

Scott pareceu pensativo por um momento. Natasha sabia tê-lo colocado diante de uma escolha difícil.

— Acho que não.

— Então, vai perguntar a ela e eu guardo o carro para você.

A esperança brotou.

— Promete?

Natasha colocou a mão no coração.

— Juro. — Olhou para Spence e a alegria desapareceu dos olhos dela. — Espero que Freddie goste do presente.

— Aposto que vai gostar. — Ele saiu, irritado consigo mesmo por desejar ser um menino de 10 anos com um dente faltando.

Natasha fechou a loja às 18h. O sol ainda brilhava, o ar ainda estava abafado, o que a fez sonhar com um piquenique debaixo de uma árvore frondosa. Uma fantasia mais atraente do que comida de microondas, refletiu, mas no momento impraticável.

Caminhando para casa, viu um casal entrando de mãos dadas num restaurante do outro lado da rua. Alguém a chamou de um carro e ela acenou em resposta. Podia ter parado no *pub* e passado uma hora tomando uma taça de vinho com algum conhecido. Encontrar companhia para jantar era tão simples quanto enfiar a cabeça em uma das portas e sugerir.

Não estava com espírito para ter companhia. Nem a própria.

Era o calor, disse a si mesma, ao virar a esquina, o calor que pesara sem piedade no ar durante o verão e não dava sinais de dar trégua no outono. O calor a deixava inquieta e trazia lembranças.

Sua vida mudara, irrevogavelmente, num verão.

Mesmo agora, anos depois, algumas vezes, ao ver as rosas desabrochadas ou ouvir o zumbido das abelhas, sentia dor. E pensava o que poderia ter acontecido. Como seria sua vida agora, se...? Detestava a si mesma pelos sonhos impossíveis.

Havia rosas agora, frágeis rosas cor-de-rosa, ainda sobreviventes, apesar do calor e da ausência de chuva. Ela mesma as plantara no pequeno canteiro externo do apartamento. Cuidar delas trazia prazer *e* dor. E o que era a vida, perguntou-se, enquanto passava a ponta do dedo numa pétala, sem os dois? O perfume forte das rosas a seguia durante o percurso.

Seus aposentos estavam em silêncio. Pensara em comprar um gatinho ou um cachorro, para que alguém a recebesse à noite, alguém que a amasse e dependesse dela. Mas depois percebeu como seria injusto deixá-lo sozinho o dia todo.

Então, ligou o aparelho de som enquanto tirava os sapatos. Mesmo isso era um teste. *Romeu e Julieta*, de Tchaikovsky. Podia se ver dançando aquela melodia provocante, romântica, as luzes a rodeá-la, as notas batendo como seu sangue, os movimentos fluidos e controlados, sem precisar olhar. Uma pirueta tripla, revelando graça sem esforço.

Isso pertencia ao passado, lembrou-se. Arrependimento era para os fracos.

Mudou de roupa, colocando um macacão largo e sem mangas, pendurando a saia e a blusa de trabalho organizadamente, como aprendera. Novamente o hábito, mais do que a necessidade, a fez examinar a saia de algodão.

Tinha chá gelado na geladeira e uma daquelas comidas congeladas da qual tanto dependia e que tanto detestava. Riu para si mesma apertando o botão para aquecê-la no microondas.

Estava parecendo uma velha irritadiça e resmungona devido ao calor, concluiu Natasha. Suspirando, esfregou o copo gelado na testa.

O homem a deixara afogueada, pensou. Por alguns momentos naquele dia na loja, ela começara a gostar dele de verdade. Ele tinha se mostrado tão doce e preocupado com a filhinha, querendo recompensá-la por ter agido com coragem suficiente para encarar o primeiro dia na escola! Gostara do tom de sua voz, do jeito como os olhos sorriram. Naqueles poucos momentos, ele parecia alguém com quem ela poderia rir e conversar.

Depois, tudo mudara. Em parte, fora sua culpa, admitiu. Mas isso não lhe diminuía a culpa. Ela sentira algo que não sentia e decidira não sentir há muito, muito tempo. O *frisson* da excitação. A pontada de desejo. As sensações a deixavam zangada e envergonhada. E furiosa com ele.

Que audácia!, refletiu, enquanto tirava o prato do microondas. Flertando com ela como se ela fosse uma tola, ingênua, antes de voltar para casa ao encontro da mulher e da filha.

Jantar com ele... Até parece! Enrolou o macarrão com frutos do mar fervendo no garfo. Aquele tipo de homem esperava que ela retribuísse o jantar pago sendo a sobremesa. O tipo luz de velas e vinho, pensou com desdém. Voz suave, olhos pacientes, mãos inteligentes. E sem coração.

Exatamente como Anthony. Impaciente, colocou o prato de lado e pegou o copo já pingando de suor. Mas era mais esperta do que aos 18 anos. Muito mais esperta. Muito mais forte. Deixara de ser uma mulher passível de ser enfeitiçada por charme e palavras doces. Não que aquele homem fosse doce, lembrou-se com um sorriso rápido. Ele — céus, ela nem sabia seu nome e já o detestava! — era um pouco desajeitado, um pouco estranho. E nisso residia seu charme.

Mas ele era, refletiu, muito parecido com Anthony. Alto e louro com aquela — ai meu Deus! — beleza tão americana. Beleza que ocultava a falta de moral e um coração enganador.

O que Anthony lhe custara nunca poderia ser recompensado. Desde aquela época, Natasha deixara claro, bem claro, que homem algum jamais lhe custaria tão caro de novo.

Mas ela sobrevivera. Levantou a taça num brinde. Não somente sobrevivera mas, à exceção das ocasiões em que as lembranças a invadiam, era feliz. Amava a loja e a oportunidade que lhe oferecia de estar cercada de crianças e fazê-las

felizes. Durante os três anos na cidade, as vira crescer. Tinha uma maravilhosa e engraçada amiga em Annie, conta bancária no azul e uma casa agradável.

Ouviu uma pancada no teto e sorriu. Os Jorgenson estavam se preparando para o jantar. Ela imaginou Don paparicando Marilyn, grávida do primeiro filho. Natasha gostava da presença deles ali, bem no andar de cima, felizes, apaixonados e cheios de esperança.

Para ela, isso era família, assim como aquela com a qual convivera na juventude e com a qual sonhara na idade adulta. Ainda podia ver o pai aflito quando chegava a hora do parto. Todas as vezes, lembrou-se Natasha, pensando nos três irmãos mais moços. Recordava-se de como ele chorava de felicidade ao receber a notícia de que a mulher e os bebês estavam bem. Ele adorava sua Nadia. Natasha sabia que, até hoje, ele ainda levava flores para a pequena casa no Brooklyn, ao voltar do trabalho e beijava a mulher — não com um ausente beijinho na bochecha, mas com empolgação e contentamento. Um homem louco de paixão depois de quase 30 anos de casamento.

Fora o pai quem a impedira de enterrar todos os homens na cova que Anthony cavara para ela. Ver o pai e a mãe juntos mantivera acesa aquela pequena e secreta esperança de que um dia encontraria alguém que a amaria tanto e com tanta sinceridade.

Um dia, pensou com um dar de ombros. Mas, por enquanto, tinha seu próprio negócio, sua própria casa e sua própria vida. Nenhum homem, não importa quão lindas fossem as mãos dele ou quão claros seus olhos, iria virar seu barco. Secretamente, esperou que a mulher de seu mais novo cliente lhe causasse bastante sofrimento.

— Mais uma história. Por favor, papai. — Freddie, com os olhos pesados de sono, o rosto reluzente depois do banho, fazia uso de seu mais persuasivo sorriso. Estava recostada em Spence em sua grande cama branca de dossel.

— Você já está com sono.

— Não, não estou. — Ela deu-lhe uma olhada, lutando por manter os olhos abertos. Fora o melhor dia de sua vida e não queria que terminasse. — Eu contei que a gata de JoBeth teve filhotes? Seis filhotes.

— Duas vezes. — Spence deu um peteleco em seu nariz. Para bom entendedor, meia palavra bastava, e ele acabou se comportando como todos os pais. — Vamos ver...

Sonolenta, Freddie sorriu. Sabia pelo tom de voz dele que o pai já estava fraquejando.

— A sra. Patterson é bem legal. Ela vai deixar a gente fazer jogos de palavras toda sexta.

— Você já disse. — E ele ficara preocupado... — Tenho a impressão de que você gostou da escola.

— É legal. — Freddie bocejou. — Você preencheu os formulários?

— Vão estar prontinhos para você levá-los amanhã. — Todos os 500 formulários, pensou, com um suspiro. — Tempo de descarregar as baterias, bonequinha.

— Mais uma história. daquelas inventadas. — Voltou a bocejar, o rosto recostado no algodão macio da camisa do pai, sentindo o cheiro familiar da loção pós-barba.

Ele acabou cedendo, sabendo que ela estaria dormindo bem antes de ele chegar ao "viveram felizes para sempre". Inventou uma história sobre uma princesa bonita de cabelos escuros de um país estrangeiro e o cavaleiro que tentou resgatá-la da torre de mármore.

Bobagem, pensou, enquanto acrescentava à história uma bruxa e um dragão de duas cabeças. Sabia que seus pensamentos voltavam-se novamente para Natasha. Sem dúvida, ela era linda, mas ele julgava nunca ter encontrado uma mulher que tivesse menos necessidade de ser resgatada.

Era puro azar ter que passar pela loja dela todo dia quando ia e voltava do *campus* da universidade.

Ele iria ignorá-la. Na pior das hipóteses, deveria lhe ser grato. Ela o fizera desejar, sentir emoções que julgara para sempre enterradas. Talvez, agora que ele e Freddie haviam se estabelecido, comesse a sair. A universidade estava cheia de mulheres solteiras e atraentes. Mas a idéia de namorar não o encheu de alegria.

Namorar, não; ter uma vida social, corrigiu-se. Namorar era para adolescentes e invocava visões de filmes no *drive-in*, pizza e palmas das mãos suadas. Ele era um homem adulto e, com certeza, era hora de voltar a ter companhia feminina. Acima dos 5 anos, pensou olhando para a mãozinha de Freddie apoiada na palma de sua mão.

O que você pensaria, perguntou em silêncio, se eu trouxesse uma mulher para jantar aqui em casa? Voltou a lembrar-se de como os olhos da menina ficavam arregalados e magoados quando ele e Angela saíam de casa para ir ao teatro ou à ópera.

Não vai voltar a ser assim, prometeu enquanto a afastava do peito e colocava-lhe a cabeça no travesseiro. Ajeitou a sorridente boneca de pano ao lado dela e cobriu-as até o queixo. Repousando a mão no pé da cama, passou os olhos pelo quarto.

Já trazia a marca de Freddie. As bonecas alinhadas nas prateleiras com livros embaralhados por baixo delas, a pantufa de elefante rosa ao lado de seu mais velho e favorito par de tênis. O quarto tinha aquele cheiro de menina, uma mistura de xampu e crayons. Um abajur em formato de unicórnio evitava que ela acordasse no escuro e ficasse amedrontada.

Spence permaneceu no quarto por mais um tempo, percebendo que se sentia tão aliviado quanto ela pela luz. Saiu bem devagar, deixando a porta entreaberta.

No andar de baixo, encontrou Vera carregando uma bandeja de café. A empregada mexicana era larga dos ombros aos quadris e dava a impressão de um trem de carga pequeno e compacto ao se mover de um aposento ao outro. Desde o nascimento de Freddie, provara ser não apenas eficiente, mas indispensável. Spence sabia ser possível, com frequência, garantir a lealdade de um empregado com um belo pagamento, mas não seu amor. Desde o instante em que Freddie chegara em casa, enrolada na manta com tiras de cetim, Vera amara a pequenina.

Ela levantou o olhar para as escadas e o rosto marcado abriu-se num sorriso.

— Ela teve um dia e tanto, hein?

— Se teve... E lutou até o último suspiro para que não terminasse. Vera, não precisava se incomodar.

Ela deu de ombros enquanto carregava a bandeja para o escritório.

— O senhor disse que teria de trabalhar à noite.

— Sim, só um pouquinho.

— Então, preparei o café antes de ir para o quarto, botar os pés para cima e ver tevê. — Ela arrumou a bandeja na escrivaninha, enquanto falava. — Meu bebê está contente com a escola e com as novas amigas. — Ela não contou que enxugara as lágrimas no avental quando Freddie entrara no ônibus. — Com a casa vazia o dia inteiro, tenho bastante tempo para cuidar de minhas obrigações. Não fique acordado até tarde, dr. Kimball.

— Não vou ficar. — Era uma mentira gentil. Sabia que estava muito agitado para dormir. — Obrigado, Vera.

— *De nada!* — Ela ajeitou o cabelo grisalho escuro. — Queria dizer ao senhor que gosto muito deste lugar. Tive medo de deixar Nova York, mas agora estou feliz.

— Não conseguiríamos nos virar sem você.

— *Sí.* — Ela achava estar apenas cumprindo sua obrigação. Por sete anos, trabalhava para o *señor*, e orgulhava-se de trabalhar para um homem importante, um respeitado compositor, doutor em música e professor universitário. Desde o nascimento da filha dele, amava tanto *seu bebê* que trabalharia para Spence não importa onde ele morasse.

Lamentava ter de se mudar do lindo apartamento num arranha-céu de Nova York para uma ampla casa numa cidade pequena, mas Vera era perspicaz o suficiente para saber que o *señor* pensava em Freddie. A menina chegara da escola horas atrás, rindo, excitada, com os nomes das novas melhores amigas na ponta da língua. Então, Vera estava contente.

— O senhor é um bom pai, dr. Kimball.

Spence a fitou, antes de sentar-se à escrivaninha. Tinha plena consciência de que houve um tempo em que Vera o considerara um péssimo pai.

— Estou aprendendo.

— *Sí.* — Despreocupadamente, ajeitou um livro na estante. — Nesta casa grande, o senhor não vai precisar se preocupar em perturbar o sono de Freddie, se tocar piano à noite.

Ele voltou a erguer o olhar, sabendo que, a seu modo, ela o estava encorajando a concentrar-se em sua música.

— Não, não a perturbaria. Boa noite, Vera.

Depois de passar os olhos pela sala e se certificar de que não havia mais nada para arrumar, ela o deixou.

Sozinho, Spence serviu o café e observou os papéis na escrivaninha. Os formulários da escola de Freddie estavam empilhados ao lado de seu trabalho. Tinha um bocado de material para preparar, antes de as aulas começarem na semana seguinte.

Ansiava pelo início das aulas, tentando não lamentar o fato de que a música que, no passado, surgia sem o menor esforço em sua cabeça continuasse silenciosa.

Natasha botou o pregador nos cabelos por cima da orelha, na esperança de que ele ficasse no lugar por mais de cinco minutos. Estudou o reflexo no estreito espelho acima da pia, nos fundos da loja, antes de se decidir por um toque de batom. Não importava ter tido um dia longo e agitado ou os pés estarem doendo: aquela noite daria um presente a si mesma, seu prêmio pelo trabalho cumprido.

Todo semestre, fazia um dos cursos da universidade. Escolhia o que lhe parecia mais divertido, mais instigante ou mais fora do comum. Poesia renascentista num ano. Manutenção automotiva no outro. Neste semestre, duas noites por semana, faria um curso sobre história da música. Naquela noite, começaria a exploração do novo tópico. Tudo o que aprendia guardava para seu próprio prazer, como outras mulheres colecionavam diamantes e esmeraldas. Não precisava ser útil. Em sua opinião, um colar deslumbrante também não era útil, mas simplesmente excitante possuí-lo.

Carregava um caderno, canetas e lápis e um mar de entusiasmo. Para se preparar, visitara a biblioteca e pesquisara sobre o assunto nas últimas duas semanas. O orgulho não lhe permitiria chegar ignorante ao curso. A curiosidade a fazia se questionar se o professor poderia despertar entusiasmo ao abordar os áridos e longínquos fatos.

Não havia dúvida de que esse professor em particular despertava lampejos de excitação em outros setores. Annie a provocara aquela manhã falando do novo professor sobre o qual todo mundo comentava, o dr. Spencer B. Kimball.

O nome parecia muito distinto — definitivamente, não combinava com a descrição do "gato" feita por Annie. A informação dela procedia da filha de uma prima que estava se formando em educação elementar com especialização em música. Um Deus do Sol, repetira Annie, e fizera Natasha sorrir.

Um superdotado Deus do Sol, refletiu Natasha, apagando as luzes da loja. Conhecia bem o trabalho de Kimball — as músicas por ele criadas antes de, súbita e inexplicavelmente, deixar de compor. Nossa, ela inclusive dançara seu *Prelúdio em dó menor* quando ainda fazia parte do corpo de baile de Nova York.

Um milhão de anos atrás, pensou, quando saiu da loja. Agora, teria a oportunidade de encontrar o gênio, ouvir seus pontos de vista e talvez descobrir novos significados em muitos dos clássicos que já amava.

Ele, provavelmente, fazia o tipo artista temperamental, decidiu, satisfeita com o vento a levantar-lhe os cabelos e refrescar-lhe o pescoço. Ou um excêntrico, pálido e de brinco. Não importava. Ela pretendia estudar bastante. Cada curso era motivo de orgulho para ela. Ainda se lamentava ao lembrar do quão pouco sabia aos 18 anos. Como dava pouca importância ao saber, admitiu Natasha. Só pensava em dançar. Fizera a opção de se fechar para o mundo a fim de se concentrar unicamente no espaço da dança. Quando este lhe foi tomado, ficara perdida como uma criança arrastada pelas águas do Atlântico.

Conseguira chegar à margem, assim como sua família conseguira encontrar seu caminho atravessando as florestas da Ucrânia para finalmente alcançar a selva de Manhattan. Agora, gostava mais de si mesma — a mulher americana independente e ambiciosa em que se transformara. Essa nova mulher podia andar pelo vasto e bonito prédio antigo do *campus* com tanto orgulho quanto qualquer calouro.

Passos distantes, deslocados, ecoavam nos corredores. Uma tranqüila reverência que Natasha sempre associara a igrejas e universidades. De certo modo, havia religião ali — a crença no aprendizado.

Sentiu-se ela própria, de certo modo, reverente ao entrar em sua sala de aula. Quando criança, aos 5 anos, em seu pequenino vilarejo de agricultores, jamais imaginara um prédio daqueles ou os livros e a beleza ali contidos.

Vários estudantes já aguardavam. Um grupo heterogêneo, composto de gente de todas as idades, desde jovens a pessoas de meia-idade. Todos pareciam agitados, possuídos pela excitação do começo. O relógio marcava dois minutos para as oito. Esperara que Kimball já tivesse chegado e estivesse ocupado mexendo em seus papéis, olhando-os por trás dos óculos, o cabelo meio despenteado na altura dos ombros.

Distraída, sorriu para um jovem com óculos de aro de tartaruga, que a fitava como se tivesse acabado de despertar de um sonho. Pronta para começar, sentou-se e ergueu o olhar quando o mesmo homem, meio sem jeito, mudou de lugar e sentou-se ao seu lado.

— Oi.

Ele se comportava como se ela o tivesse golpeado com um bastão e não feito um cumprimento casual. Nervoso, empurrou

os óculos para cima do nariz.

— Oi. Eu... Eu sou... Terry Maynard — terminou de supetão quando, aparentemente, conseguiu se lembrar de seu próprio nome.

— Natasha. — Ela voltou a sorrir.

Ele beirava os 25 anos e parecia tão inofensivo quanto um filhotinho de cachorro.

— Eu, hã, nunca tinha visto você antes no *campus*.

— Não. — Embora achasse engraçado aos 27 anos ser confundida com uma universitária, manteve a voz contida. — Só vou assistir a esta matéria. Por diversão.

— Por diversão? — Terry parecia levar a música muito a sério. — Você sabe quem é o dr. Kimball? — A óbvia admiração o fez quase sussurrar o nome.

— Já ouvi falar dele. Você é formado em música?

— Sim. Espero, quer dizer, um dia, tocar na Sinfônica de Nova York. — Os dedos grossos ajeitaram novamente os óculos. — Sou violinista.

Natasha voltou a sorrir e o pomo-de-Adão dele saltou.

— Que maravilha! Tenho certeza de que você deve ser muito bom.

— O que você toca?

— Campinha. — Depois riu e recostou-se na cadeira. — Desculpe. Não toco nenhum instrumento. Mas adoro ouvir música e achei que gostaria de assistir às aulas. — Olhou para o relógio na parede. — Quero dizer, se tiver aula. Aparentemente, nosso estimado professor está atrasado.

Naquele exato momento, o estimado professor andava apressado pelos corredores, xingando-se por ter concordado em dar aula à noite. Ao terminar de ajudar Freddie no dever de casa — quantos animais pode encontrar neste desenho? —, convencê-la de que couve-de-bruxelas era uma delícia e não asquerosa e trocar de camisa porque o abraço carinhoso da filha transferira uma substância misteriosa e gosmenta para a manga de sua camisa, só queria um bom livro e um *brandy* para revigorá-lo.

Em vez disso, teria de enfrentar uma sala cheia de rostos ansiosos, todos à espera de aprender o que Beethoven vestia ao compor a *Nona sinfonia*.

No pior dos humores, entrou na sala.

— Boa noite. Sou o dr. Kimball. — Os murmúrios e a tagarelice cessaram. — Peço desculpas pelo atraso. Se todos se sentarem, podemos começar.

Enquanto falava, percorreu os olhos pela sala. E, de repente, estava fitando o rosto atônito de Natasha.

— Não! — Ela dissera a palavra em voz alta sem querer, e pouco se importava. Só podia ser uma brincadeira, pensou, e de mau gosto. Aquele *homem* no elegante paletó esporte era Spencer Kimball, um músico cujas composições admirara e dançara! O homem que antes de chegar aos 20 anos tocara no Carnegie Hall e fora considerado um gênio. O homem que tentara cantá-la numa loja de brinquedos era o ilustre dr. Kimball? Era absurdo, irritante. Era...

Maravilhoso, pensou Spence ao olhá-la. Absolutamente maravilhoso. Na verdade, perfeito, desde que pudesse controlar o riso que insistia em aflorar à sua face. Então, a czarina era uma de suas alunas! Era melhor, muito melhor, do que um *brandy* revigorante e uma noite serena.

— Tenho certeza — disse, após uma longa pausa — de que vamos achar os próximos meses [fascinantes](#).

Devia ter se matriculado num curso de astronomia, disse Natasha a si mesma. Poderia aprender todo tipo de coisas interessantes sobre planetas e estrelas. Asteróides. Melhor seria aprender sobre — como se chamava mesmo? — tração gravitacional e inércia. Qualquer coisa. Com certeza, era muito mais importante para ela descobrir quantas luas giravam em torno de Júpiter do que estudar os compositores da Escola de Borgonha no século XV

Decidiu pedir transferência. No dia seguinte, bem cedo, tomaria as providências. Na verdade, levantaria-se e iria embora agora mesmo se não tivesse certeza de que o dr. Spencer Kimball iria rir com ironia.

Revirando o lápis entre os dentes, cruzou as pernas determinada a não prestar atenção. Era uma pena que a voz dele fosse tão atraente.

Impaciente, olhou o relógio. Faltava ainda uma hora. Faria o que costumava fazer enquanto esperava no consultório do dentista. Fingiria estar em outro lugar. Lutando para bloquear a voz de Spence da mente, começou a balançar o pé e rabiscar no bloco.

Natasha não percebeu quando os rabiscos tornaram-se anotações, quando começou a absorver cada palavra. Spence fazia os músicos do século XV parecerem vivos e vigorosos — e as músicas por eles compostas tão reais como se de carne e sangue. Rondós, virelais, baladas. Quase podia ouvir as canções em três partes dos primórdios da Renascença, os reverentes e altissonantes cânticos.

Foi tomada, envolvida, pela antiga rivalidade entre a música e o Estado e o papel da música na política. Podia ver as imensas salas repletas de aristocratas elegantemente trajados, banquetecendo-se em música e também em comida.

— Na próxima aula, vamos discutir a Escola Franco-flamenca e os desenvolvimentos rítmicos. — Spence deu um sorriso descontraído para os alunos. — E vou tentar chegar na hora.

Já terminara? Natasha voltou a olhar o relógio e ficou chocada ao constatar que já passava das nove.

— Ele é incrível, não é?

Fitou Terry. Os olhos brilhavam por trás das lentes.

— Sim. — Custou a admitir, mas era a pura verdade.

— Você devia ouvi-lo na aula de teoria. — Ele notou, enciumado, vários estudantes agrupados em torno de seu ídolo. Mesmo assim, Terry não reunia coragem para se aproximar dele. — Vejo... Vejo você na quinta.

— O quê? Ah! Boa noite, Terry.

— Eu posso dar uma carona pra você até em casa, se quiser. — O fato de o carro estar quase sem gasolina e o amortecedor preso por um cabide não lhe veio à mente.

Ela lhe deu um sorriso sem calor mas que fez o coração dele dançar o cha-cha-chá.

— Muita gentileza sua, mas não moro longe.

Ela esperava sumir da classe enquanto Spence ainda se mantinha ocupado. Devia saber que isso não aconteceria.

Ele simplesmente colocou a mão em seu braço e a fez parar.

— Gostaria de falar com você por um momento, Natasha.

— Estou com pressa.

— Não vai demorar. — Ele meneou a cabeça para o último dos estudantes e depois se reclinou na mesa e sorriu para ela.

— Eu deveria ter prestado mais atenção à lista de chamada mas, afinal, é bom descobrir que ainda acontecem surpresas no mundo.

— Depende do ponto de vista, dr. Kimball.

— Spence. — Ele continuou a sorrir. — A aula terminou.

— Estou vendo. — Sua altiva atitude o fez pensar de novo na realeza russa. — Com licença.

— Natasha! — Ele aguardou, a impaciência quase vibrando ao redor ao se virar. — Não posso imaginar que alguém com sua herança cultural não acredite em destino.

— Destino?

— De todas as classes, em todas as universidades de todo mundo, você entra justo na minha.

Ela não ia rir. Iria se amaldiçoar caso o fizesse. Mas os cantos da boca se levantaram antes que pudesse controlá-los.

— E eu estava achando que era puro azar.

— Por que história da música?

Ela equilibrou o caderno no quadril.

— Eu estava dividida entre história da música e astronomia.

— Parece uma história fascinante. Por que não tomamos uma xícara de café? Você pode me falar sobre isso. — Ele viu a fúria crescer nos olhos aveludados qual lanças afiadas. — Por que isso a enfurece? — perguntou, quase para si mesmo. — Um convite para uma xícara de café nesta cidade é alguma proposta indecente?

— O senhor devia saber, dr. Kimball. — Ela virou-se, mas ele chegou à porta antes dela e a fechou com tanta força que ela recuou. Ele estava tão zangado quanto ela, percebeu Natasha. Não que isso importasse, apenas a surpreendia, pois ele

parecia o tipo de homem brando. Detestável, mas brando. Não havia nada de brandura nele agora. Aqueles fascinantes olhos e ângulos do rosto pareciam esculpidos em pedra.

— Esclareça.

— Abra a porta.

— Com prazer. Depois de responder à minha pergunta. — Estava zangado. Spence percebeu que há anos não sentia esse tipo de raiva cega, incontrolável. — Entendo que o fato de me sentir atraído por você não significa que você tenha de corresponder.

Natasha ergueu o queixo, odiando-se por achar os olhos cinza-chumbo tão hipnóticos.

— Eu não sinto atração por você.

— Ótimo. — Ele podia estrangulá-la pela resposta, adoraria fazê-lo. — Quero saber por que você me agride toda vez que estou por perto.

— Porque homens como você merecem levar um tiro.

— Homens como eu? — repetiu, medindo as palavras. — O que exatamente isso significa?

Ele estava perto, ameaçadoramente perto. Como daquela vez na loja, quando esbarrara nela, sentiu aquelas borbulhas de excitação, atração, confusão. Era mais do que o bastante para atirá-la no precipício.

— Você acha que só porque tem um rosto bonito e um sorriso cativante pode fazer o que bem entende? *Sim.* — respondeu antes que ele pudesse responder e bateu com o caderno no peito dele. — Você acha que basta estalar os dedos, — ela o demonstrou de forma dramática. — e todas as mulheres vão se atirar em seus braços? Não esta mulher.

O sotaque ficava mais pesado quando discutia, percebeu ele, de alguma forma surpreso com a atitude.

— Eu não me lembro de ter estalado os dedos.

Ela deixou escapar um curto e explícito palavrão em ucraniano e segurou a maçaneta.

— Você quer tomar uma xícara de café comigo? Ótimo. Vamos tomar café, mas antes vou ligar para sua mulher e convidá-la para se reunir a nós.

— Minha o quê? — Ele segurou-lhe a mão. A porta foi escancarada e voltou a bater de novo. — Não tenho mulher.

— Sério? — A simples palavra destilava escárnio. Os olhos relampejaram. — Então, devo supor que a mulher que foi à loja com você seja sua irmã.

Poderia ser engraçado, mas ele não conseguia entender a brincadeira.

— Nina? Ela é minha irmã mesmo.

Natasha abriu a porta com um som de desprezo.

— Isso é patético!

Tomada por uma justa indignação, saiu porta afora atravessando o corredor e a porta principal. Num ritmo *stacatto* em perfeita harmonia com sua irritação, os saltos batiam no concreto ao descer as escadas. Quando foi abruptamente pega pelo braço, quase tropeçou nos últimos dois degraus.

— Mas você é um bocado audaciosa!

— Eu? — conseguiu dizer. — Eu sou audaciosa?

— Você acha que sabe de tudo, não acha? — Com a vantagem da altura, Spence podia olhá-la de cima. Natasha viu as sombras moverem-se no rosto dele quando a raiva coloriu-lhe a voz. Ele não parecia descontrolado, mas absolutamente sob controle. — Ou deveria dizer que você acha que me conhece.

— Não é preciso muito. — Os dedos apertavam-lhe o braço com firmeza. Detestava a percepção de que, mesclada à raiva, havia pura atração sexual. Lutando contra a sensação, jogou os cabelos para trás.

— Na verdade, seu comportamento é bem típico.

— Eu me pergunto se sua opinião a meu respeito pode ser pior. — A fúria equiparou-se ao desejo.

— Duvido.

— Nesse caso, posso muito bem me satisfazer.

O caderno voou de sua mão quando ele a puxou. Ela conseguiu emitir um único som surpreso antes que a boca de Spence cobrisse a sua. Cobrisse, a esmagasse e depois a conquistasse.

Natasha deveria lutar com ele. Dizia a si mesma sem cessar que deveria lutar contra os sentimentos por ele despertados. Mas foi o choque — pelo menos, rezava para que fosse — que fez seus braços caírem frouxos.

Foi errado. Foi imperdoável. E, meu Deus, foi maravilhoso. Como por encanto, ele encontrara a chave para destrancar a paixão que permanecia adormecida nela há tanto tempo. Seu sangue fervia. A mente se turbava. Ouviu risos quase imperceptíveis de pessoas caminhando pela calçada. Uma buzina, um grito de cumprimento e depois outra vez o silêncio.

Ela soltou um murmúrio, um protesto lamentável que a envergonhou e foi facilmente ignorado quando a língua dele enroscou-se na sua. O gosto dele era um banquete depois de um longo jejum. Embora mantivesse as mãos caídas na lateral, Natasha entregou-se ao beijo.

Beijá-la era como caminhar num campo minado. A qualquer momento esperava a explosão da bomba e, então, seria estraçalhado. Ele devia ter parado depois do primeiro choque, mas o perigo trazia junto uma excitação muito especial.

E ela era perigosa! Quando os dedos dele mergulharam em seus cabelos, ele quase sentiu o chão tremer e oscilar. Ela era a promessa, a ameaça de uma paixão avassaladora. Podia senti-lo em seus lábios, embora ela lutasse por se conter. Podia senti-lo em sua postura tensa, aterrorizada. Se ela liberasse essa força, ele poderia se transformar em seu escravo.

Uma necessidade como ele nunca conhecera golpeava seu corpo com punhos pesados. Imagens de fogo e fumaça dançavam em seu cérebro. Algo lutava para se libertar, como um pássaro se debatendo contra as grades da gaiola. Ele podia sentir-lhe a tensão. Depois, Natasha afastou-se dele, encarando-o com olhos grandes e eloqüentes.

Ela não podia respirar. Por um instante, morreu de medo de cair dura devido à indesejada e vergonhosa vontade na consciência. Respirou fundo.

— Eu nunca odiei tanto alguém quanto odeio você.

Ele balançou a cabeça para clarear a mente. Ela o deixara tonto, confuso e absolutamente sem defesa. Para seu próprio bem, esperou até ter certeza de poder falar.

— Você me coloca numa posição sublime, Natasha. — Desceu os degraus até os olhos ficarem no mesmo nível. Havia lágrimas nos cílios dela, mas só realçavam a condenação nos olhos. — Vamos apenas nos certificar de que você me coloca nessa posição pelas razões certas. Foi porque eu a beijei ou porque você gostou?

Ela moveu a mão. Ele poderia ter evitado a bofetada com facilidade, mas achou que ela merecia o desabafo. Quando o som da bofetada ecoou, ele decidiu estarem quites.

— Não volte a se aproximar de mim — disse ela, respirando com dificuldade. — Estou avisando. Se o fizer não me responsabilizo pelo que vou dizer nem me importarei com quem possa ouvir. Se não fosse por sua filhinha... — Ela se calou e se curvou para pegar suas coisas. Seu orgulho tinha sido abalado, bem como sua auto-estima. — Você não merece uma criança tão linda.

Ele voltou a segurar-lhe o braço, mas dessa vez a expressão em seu rosto fez com que seu sangue congelasse.

— Você tem razão. Eu nunca mereci e, provavelmente, jamais merecerei Freddie, mas sou tudo o que ela tem. A mãe dela, minha mulher, morreu há três anos.

Spence saiu andando. Natasha viu o vulto iluminado pela luz de um poste para, a seguir, desaparecer em meio à escuridão. Com o caderno pressionado contra o peito, caiu sentada, fraca, no degrau.

Que diabos faria agora?

Não tinha escolha. Não importa o quanto odiasse a situação, só havia uma atitude a tomar. Natasha esfregou as palmas das mãos nas pernas da calça cáqui e começou a subir as escadas de madeira recém-pintadas.

Era uma bonita casa, pensou, na defensiva. Já a tinha visto tantas vezes que raramente a notava. Era uma daquelas casas antigas, sólidas, recuada e escondida por árvores e cercas vivas.

As flores de verão ainda não haviam murchado, mas as florações do outono já começavam a anunciar sua presença. Esporas rivalizavam com o delicioso perfume dos crisântemos, dalias vibrantes com ásteres rutilantes. Alguém cuidava das

flores. Podia ver o adubo fresco ainda úmido nos canteiros de flores.

Precisando de um pouco mais de tempo, observou a casa. Cortinas finas e transparentes de cor marfim nas janelas permitiam a entrada da luz. Mais acima, vislumbrou uma cortina estampada com unicórnios, indicação de que o quarto pertencia a uma menina.

Armou-se de coragem e atravessou a varanda em direção à porta da frente. Seria rápido, prometeu a si mesma. Bateu, respirou fundo e esperou.

A mulher que atendeu era baixinha e gorducha, o rosto tão moreno e enrugado quanto uma passa. Natasha se viu examinada por um par de olhos pequenos e escuros enquanto a empregada enxugava as mãos na barra do avental manchado.

— Posso ajudá-la?

— Gostaria de falar com o dr. Kimball se ele estiver em casa. — Sorriu, fingindo não se sentir como se amarrada no pelourinho. — Sou Natasha Stanislaski. — Viu os olhos pequenos da empregada se estreitarem, quase desaparecendo nas rugas do rosto.

Vera, a princípio, tomara Natasha por uma das alunas do *señor* e havia se preparado para dela se desvencilhar.

— Você é a dona da loja de brinquedos da cidade.

— Isso mesmo.

— Ah! — Com um aceno, abriu a porta para deixar Natasha entrar. — Freddie diz que a senhora é uma pessoa muito boa e deu um laço azul para sua boneca. Eu prometi levá-la até a loja, mas só para olhar. — Fez um gesto indicando que Natasha a seguisse.

Enquanto atravessavam o saguão, Natasha ouviu notas hesitantes de um piano. Quando viu seu reflexo num antigo espelho oval, ficou surpresa ao perceber que estava sorrindo.

Spence, sentado ao piano, com a criança no colo, olhava por cima de sua cabeça enquanto ela tocava devagar *Mary tinha um cordeirinho*. O sol atravessava as janelas, localizadas atrás deles. Naquele momento, desejou ser capaz de pintar. De que outro modo poderia capturar o momento?

Era perfeito! A luz, as sombras, os tons pastel da sala, tudo combinando para formar o perfeito pano de fundo. O alinhamento das cabeças e dos corpos era natural e eloqüente demais para uma pose. A menina, vestida de rosa e branco, o cadarço de um dos tênis desamarrado. Ele tirara o paletó e a gravata e havia enrolado as mangas da camisa social clara até os ombros, como um trabalhador.

E o brilho frágil dos cabelos da criança, o brilho mais escuro dos dele. A criança recostava-se no pai, a cabeça repousada em seu pescoço, o sorriso de prazer a iluminar-lhe o rosto. E a pairar no ar, o ritmo simples da música infantil no piano.

Ele estava com as mãos nos joelhos do jeans, os longos e lindos dedos marcando o compasso no mesmo ritmo do tique-taque do metrônomo antigo. Ela podia ver tudo: o amor, a paciência, o orgulho.

— Não, por favor — sussurrou, estendendo a mão na direção de Vera. — Não os perturbe.

— Agora é sua vez de tocar, papai. — Freddie inclinou a cabeça em direção à dele. Mechas de cabelos soltos dos pregadores em torno de seu rosto. — Toque algo bonito.

— *Für Elise*. — Natasha reconheceu de imediato a música romântica, suave e também, de certo modo, impregnada de solidão. Emocionou-se ao ver os dedos dele tocarem, acariciarem, seduzirem as teclas.

O que ele pensava? Podia perceber que seus pensamentos tinham se voltado para dentro — para a música, para si mesmo. Apesar de os dedos percorrerem as teclas sem esforço, reconhecia que esse tipo de beleza nunca era conseguido sem bastante esforço.

A música cresceu, nota após nota, insuportavelmente triste, incrivelmente linda, como os lírios brancos no vaso sobre a brilhante superfície do piano.

Muita emoção, pensou Natasha. Muita dor, embora o sol ainda brilhasse através das cortinas transparentes e a criança no seu colo continuasse a sorrir. A vontade de se aproximar de Spence, pousar a mão confortadora em seu ombro e apertar pai e filha contra o coração era tão forte que precisou enfiar as unhas nas palmas das mãos.

Depois a música sumiu, a última nota ressoando como um suspiro.

— Eu gosto desta — disse Freddie. — Foi você quem inventou?

— Não. — Ele olhou os dedos; abriu-os, flexionou-os e finalmente repousou-os nos da menina. — Não, foi Beethoven. —

Depois, voltou a sorrir, pressionando os lábios na suave curva do pescoço da filha. — Por hoje chega, bonequinha?

— Posso brincar lá fora até a hora do jantar?

— Bem... E o que vai me dar em troca?

Era uma brincadeira antiga, uma de suas favoritas. Rindo, ela girou, ainda sentada no colo do pai, e deu-lhe um beijo estalado. Ainda preso no abraço de urso, ele viu Natasha.

— Oi!

— A Srta. Stanislaski gostaria de vê-lo, dr. Kimball. — Ele meneou afirmativamente a cabeça e Vera voltou para a cozinha.

— Oi. — Natasha conseguiu sorrir, mesmo quando Spence levantou a filha e se virou. Ela ainda não se recobrava da emoção. A música ainda se derramava como lágrimas. — Espero não ter chegado em má hora.

— Não. — Depois de um último aperto, colocou Freddie no chão e ela imediatamente correu para Natasha.

— Já terminamos minha lição. Você veio brincar?

— Não, não desta vez. — Incapaz de resistir, Natasha inclinou-se para afagar o rosto de Freddie. — Na verdade, vim conversar com seu pai. — Mas ela era uma covarde, pensou Natasha enojada. Em vez de olhar para ele, continuou a se dirigir a Freddie. — Está gostando da escola? Sua professora é a sra. Patterson, não é?

— Ela é legal. Ela nem gritou quando os insetos nojentos da coleção de Mikey Towers se espalharam pela classe. E eu posso ler *Go, Dog, Go* todinho.

Natasha agachou-se para que os olhos ficassem no mesmo nível.

— "Você gosta do meu chapéu?"

Freddie riu, reconhecendo a frase do clássico de dr. Seuss, *Go, Dog, Go*.

— Eu prefiro a parte da festa do cachorro.

— Eu também. — Num reflexo automático, amarrou o cadarço do tênis de Freddie. — Você vai até a loja me visitar em breve?

— Está bem. — Encantada consigo mesma, Freddie saiu correndo para a porta. — Tchau, Srta. Stanof... Stanif...

— Tash. — Piscou o olho para Freddie. — Todas as crianças me chamam de Tash.

— Tash. — Freddie riu com o som do nome e sumiu. Ela ouviu o barulho dos tênis de Freddie ecoando pelo saguão e depois respirou fundo.

— Lamento perturbá-lo em casa, mas achei que seria mais... — Qual era a palavra? Apropriado, indicado? — Seria melhor.

— Está certo. — Os olhos dele eram muito frios, não os do homem que tocara uma música tão triste e apaixonada. — Gostaria de se sentar?

— Não. — Respondeu rápido demais, lembrando-se em seguida ser melhor ambos agirem de maneira educada. — Não vou me demorar. Só queria pedir desculpas.

— Ah? Por algo específico?

Uma centelha surgiu em seus olhos. Ele gostou do efeito, particularmente porque passara quase a noite inteira xingando-a.

— Quando eu cometo um engano, faço questão de admitir. Mas já que você se comportou tão... — Ai, por que ela sempre esquecia o inglês quando estava zangada?

— Inescrupulosamente? — sugeriu.

A sobrançelha dela subiu até os cabelos em sua testa.

— Então você admite.

— Achei que você é quem tivesse vindo aqui admitir algo. — Divertindo-se, sentou-se no braço de uma poltrona forrada em tecido com estampa adamascada azul-claro. — Não me deixe interrompê-la.

Ela ficou tentada, muito tentada, a girar nos calcanhares e sair. O orgulho era igualmente tão forte quanto o gênio. Faria o que tinha vindo fazer, e depois esqueceria.

— O que disse sobre você, sobre você e sua filha, foi injusto e falso. Mesmo quando eu estava... enganada sobre outras

coisas, eu sei que era falso. E lamento muito o que eu disse.

— Posso ver. — Pelo canto do olho, ele percebeu um movimento. Girou a cabeça a tempo de ver Freddie sair em disparada rumo aos balanços. — Vamos esquecer tudo.

Natasha seguiu-lhe o olhar e se enterneceu.

— Ela é realmente uma linda criança. Espero que a deixe ir até a loja de vez em quando.

O tom da voz fez com que ele observasse Natasha com mais atenção. Era saudade, aflição?

— Duvido ser capaz de mantê-la afastada. Você gosta muito de crianças.

Natasha manteve as emoções sob controle.

— Sim, claro, no meu ramo de negócios é uma exigência. Mas não vou ocupá-lo por mais tempo, dr. Kimball.

Ele levantou-se para aceitar a mão formalmente estendida.

— Spence — corrigiu, apertando gentilmente a mão. — Sobre o que mais se enganou?

Então, não ia ser fácil. Conformou-se, pensando ser merecedora de uma dose de humilhação.

— Achei que fosse casado e fiquei zangada. Senti-me insultada quando me convidou para sair.

— Então, agora acredita que não sou casado?

— Acredito. Olhei no *Quem é quem* na biblioteca.

Ele a fitou por mais um minuto, depois jogou a cabeça para trás e riu.

— Céus, que alma crédula! Encontrou algo interessante?

— Apenas fatos que iriam inflar-lhe o ego. Você ainda está com a minha mão.

— Eu sei. Diga, Natasha, você não gostou de mim em termos gerais ou só porque pensou que eu fosse um homem casado e, portanto, não deveria flertar com você?

— Flertar? — Ela quase se engasgou com a palavra. — Não havia nada inocente no jeito como me olhou. Como se...

— Como se...? — incentivou-a.

Como se já fôssemos amantes, pensou, e sentiu a pele pegar fogo.

— Eu não gostei — resumiu.

— Porque pensou que eu fosse casado?

— Sim. Não — disse, corrigindo-se ao se dar conta aonde a conversa os levaria. — Simplesmente não gostei. — Ele levou-lhe a mão aos lábios. — Não! — conseguiu exclamar.

— Como gostaria que eu a olhasse?

— Não é necessário me olhar de jeito nenhum.

— Como não? — Ele podia sentir de novo aquela paixão reprimida, apenas esperando se libertar da prisão em que ela a trancafiara. — Você vai estar sentada na minha frente amanhã à noite na aula.

— Vou pedir transferência.

— Não, não vai. — Ele passou o dedo na pequena argola de ouro em sua orelha. — Você gostou demais. Eu podia ver uma fumacinha nessa sua fabulosa cabeça. E se fizesse isso — continuou antes que ela pudesse se sair com uma resposta —, eu simplesmente iria à sua loja Perturbá-la.

— Por quê?

— Porque você é a primeira mulher que desejo em tanto tempo que mal posso me lembrar.

A excitação percorreu-lhe a espinha como uma corrente elétrica. Antes que pudesse evitar, a lembrança daquele beijo arrebatador voltou para enfraquecê-la. Sim, esse era um homem tomado pelo desejo. E, não importa o quanto tentasse resistir, conseguira fazer com que ela também desejasse.

Mas tinha sido apenas um beijo, inflamado pela luxúria a despeito do luar e da brisa suave. Sabia, do fundo do coração, aonde tais desejos desembocavam.

— Isso não faz sentido.

— É pura sinceridade — murmurou, fascinado pelas emoções que iam e vinham naqueles olhos escuros. — Pensando melhor, já que nosso começo foi tão conturbado, já que está convencida de que não sou casado e sabendo o quanto me sinto atraído, você não deveria se sentir insultada.

— Não me sinto insultada — disse com cuidado. — Só não estou interessada.

— Você sempre beija homens por quem não tem interesse?

— Eu não beijei você. — Ela soltou a mão. — Você me beijou.

— Podemos resolver esta questão. — Spence a puxou para perto. — Desta vez, retribua o beijo.

Ela podia ter se afastado. Os braços dele não a estavam tolhendo como antes, mas a envolviam, deixando-a solta. Os lábios dele eram mais suaves desta vez; suaves, persuasivos, pacientes. Ela podia sentir o calor penetrar em sua corrente sanguínea como uma droga. Com um gemido, passou as mãos nas costas dele.

Era como segurar uma vela e sentir a cera lentamente desmanchar-se enquanto o fogo ardia no centro. Ele podia senti-la render-se, pouco a pouco, até os lábios se abrirem para ele, assentindo, convidativos. Mas, mesmo quando ela dava, ele podia sentir que lá no fundo algo forte e duro resistia, a segurava. Ela não queria sentir o que ele podia despertar nela.

Impaciente, puxou-a mais para perto. Embora o corpo dela se moldasse ao seu e a cabeça dobrasse numa erótica entrega, parte dela fugia ao seu alcance. O que ela lhe deu apenas aumentou-lhe o apetite.

Natasha estava sem fôlego quando ele a soltou. Exigiu-lhe esforço, muito esforço, pensou, para se controlar. Mas, quando conseguiu, a voz estava firme.

— Não quero me envolver.

— Comigo ou com ninguém?

— Com ninguém.

— Certo. — Ele afagou-lhe os cabelos. — Assim, vai ser mais simples fazer você mudar de idéia.

— Sou muito teimosa — murmurou.

— Sim, já notei. Por que não fica para jantar?

— Não.

— Está certo. Levo você para jantar sábado à noite.

— Não.

— Pego você às 19h30.

— Não.

— Vai querer que eu apareça na loja no sábado e deixe você constrangida?

Sem paciência, Natasha encaminhou-se para a porta.

— Não posso entender como um homem capaz de tocar uma música com tanta sensibilidade possa ser tão idiota.

Deve ser pura sorte, pensou ao ouvir a porta bater. Sozinho de novo, percebeu que estava assoviando.

Numa loja de brinquedos, os sábados eram barulhentos, lotados e caóticos. Assim devia ser. Para uma criança, a palavra sábado era mágica. Significava 24 horas mágicas, a escola muito distante para ser um problema. Significava bicicletas para pedalar, jogos para jogar, corridas para ganhar. Desde que Natasha montara a *Fun House*, gostava tanto dos sábados quanto de sua clientela mirim.

Mais um ponto negativo para Spence por ele ser o motivo de não conseguir aproveitar o sábado.

Ela recusara o convite, recordou ao fechar o caixa, tendo vendido um jogo de montar, três dinossauros de plástico e um punhado de gomas de mascar. E deixara bem claro que a resposta era não.

O homem parecia não compreender inglês.

Caso contrário, por que lhe teria enviado uma única rosa vermelha? E, além de tudo, para a loja!, pensou, na tentativa de recriminá-lo. Que dificuldade conter o entusiasmo romântico de Annie! Mesmo tendo ignorado a flor, Annie a recuperou e atravessou correndo a rua para comprar um vasinho de plástico para que a flor ocupasse um lugar de honra no balcão do caixa.

Natasha fez o possível para não olhá-la nem tocar nas pétalas hermeticamente fechadas, mas não foi tão fácil ignorar o sutil perfume a flutuar em sua direção toda vez que completava uma compra.

Por que os homens acreditavam poder enternecer uma mulher com uma flor?

Porque obtinham êxito, admitiu Natasha, calando um suspiro ao olhar na direção da flor.

Mas isso não significava sair para jantar com ele. Jogando os cabelos para trás, contou a pilha de moedas que o menino Hampston lhe entregara para pagar sua revista em quadrinhos mensal. A vida podia ser bem simples, pensou quando o menino saiu da loja com as últimas aventuras do Capitão Zark. Droga, era simples assim! Com um profundo suspiro, reforçou sua determinação. Sua vida era simples assim, não importa o quanto Spence tentasse complicá-la. Para provar, pretendia ir para casa, mergulhar na banheira de água quente e passar o resto da noite esticada no sofá vendo um filme antigo e comendo pipoca.

Ele fora esperto. Ela deixou o caixa e foi até o corredor próximo arbitrar uma discussão acalorada entre os irmãos Freedmont sobre como deveriam gastar suas economias. Pensou se o estimado professor encarava o relacionamento deles — ou melhor, o não-relacionamento deles, corrigiu-se — como um jogo de xadrez. Ela sempre fora muito agitada para se dedicar a esse jogo em particular, mas tinha a impressão de que Spence o jogaria com paciência, e bem. De todas as maneiras, se ele pensou poder lhe dar o xeque-mate com facilidade, ia deparar-se com uma surpresa.

Spence conduzira a segunda aula de maneira brilhante, nunca a olhando mais do que a qualquer um dos outros estudantes, respondendo a suas perguntas no mesmo tom empregado com os outros. Sim, um jogador muito paciente.

Depois, justamente no momento em que relaxara, ele lhe dera aquela primeira rosa vermelha quando ela saía da sala. Um movimento inteligente para colocar sua rainha em perigo.

Se tivesse tido mais pulso, pensou Natasha, teria jogado a flor no chão e a pisoteado. Mas não o fizera, e então precisava batalhar para manter uma jogada à frente da dele. Porque aquela rosa a deixara sem reação, disse a si mesma. Assim como a que lhe fora entregue na loja pela manhã.

Se ele continuasse, o pessoal começaria a comentar. Numa cidade daquele tamanho, novidades como rosas vermelhas corriam da loja para a *pub*, do *pub* para a varanda da frente e da varanda da frente para as sessões de fofocas nos pátios dos fundos. Precisava descobrir um jeito de acabar com isso. No momento, não conseguia pensar em nada melhor além de ignorá-la. Ignorar Spence, acrescentou. Como gostaria de obter êxito!

Voltando a atenção para o problema a enfrentar no momento, Natasha deu uma chave-de-braço de brincadeira em cada um dos briguetos irmãos Freedmont.

— Chega. Se vocês continuarem se xingando de nerd e... qual foi o outro nome?

— Panaca — disse o mais alto dos meninos, com gosto.

— Sim, panaca. — Ela não conseguiu resistir a guardá-lo na memória. — Esse é um bom apelido. Se continuarem, vou pedir à mãe de vocês que os proíbam de vir aqui por duas semanas.

— Puxa, Tash!

— Isso significa que todo mundo vai ver as coisas assustadoras de *Halloween* na loja antes de vocês dois. — Deixando a ameaça pairar no ar, deu um rápido aperto nos dois pequeninos pescoços. — Então, vou dar uma sugestão: que tal jogar uma moeda e decidir se vão comprar o jogo de futebol ou o de mágica? O que não ganharem agora, podem pedir de Natal. Gostaram da idéia?

Os meninos, um de cada lado dela, fizeram uma careta um para o outro.

— Nada disso, vocês têm que dizer que é ótima ou vou bater as suas cabeças uma na outra.

Ela os deixou discutindo sobre qual moeda usar para o cara ou coroa decisivo.

— Você perdeu uma chance e tanto! — comentou Annie quando os irmãos saíram da loja com o jogo de futebol.

— Como assim?

— Você devia trabalhar para as Nações Unidas. — Fez sinal apontando a vitrine da frente. Os meninos jogavam futebol enquanto desciam a rua. — Não há crianças mais teimosas do que os irmãos Freedmont.

— Eu os faço ficar com medo de mim primeiro. Em seguida, lhes ofereço uma saída digna.

— Está vendo? Definitivamente, o estilo Nações Unidas.

Com uma risada, Natasha balançou a cabeça.

— Os problemas dos outros são mais fáceis de resolver. — Perdendo as forças, voltou a olhar a rosa. Se pudesse fazer um pedido no momento, seria que alguém aparecesse e resolvesse seu problema.

Uma hora depois, sentiu puxarem-lhe a barra da saia.

— Olá, Freddie. — Ela passou o dedo num laço que tentava prender o cabelo esvoaçante de Freddie. Ela usava a fita azul que Natasha lhe dera em sua primeira visita — Como você está bonita hoje!

Freddie deu um sorriso vaidoso, de mulher para mulher.

— Você gostou da minha roupa?

Natasha examinou a obviamente nova jardineira jeans, imóvel, com olhar de avaliação.

— Gostei muito. Tenho uma igualzinha.

— Jura? — Nada, desde que Freddie decidira fazer de Natasha sua nova heroína, poderia ter lhe agradado mais. — Meu pai comprou para mim.

— Que legal! — Contra a vontade, Natasha correu os olhos pela loja à procura dele. — Foi ele quem trouxe você?

— Não, foi Vera. Você disse que eu podia vir só olhar.

— Claro que pode. Estou feliz por ter vindo. — E estava mesmo, se deu conta. Assim como estava estupidamente desapontada por Freddie não ter trazido o pai.

— Eu não posso mexer em nada. — Freddie enfiou os dedos inquietos nos bolsos. — Vera disse que eu devo olhar com os olhos e não com as mãos.

— Ótimo conselho. — Um conselho que Natasha não se importaria que outros dessem às crianças de dedinhos nervosos. — Mas você pode tocar em algumas coisas. Basta me pedir.

— Está bem. Vou ser escoteira, comprar um uniforme e tudo mais.

— Que maravilha! Depois você vem me mostrar?

A felicidade iluminou-lhe o rosto.

— Claro. Tem um chapéu e eu vou aprender a fazer travesseiros, porta-vela, um monte de coisas. Vou fazer alguma coisa para você.

— Eu adoraria. — Ela apertou o laço frouxo no cabelo de Freddie.

— Papai disse que você vai jantar com ele num restaurante de noite.

— Bem, eu...

— Eu não gosto muito de restaurantes, só para comer pizza, então vou ficar em casa e Vera vai fazer tortilhas para mim e para JoBeth. Vamos comer na cozinha.

— Parece legal.

— Se você não gostar do restaurante, pode ir lá em casa comer um pouco. Vera sempre faz um monte.

Deixando escapar um suspiro desconsolado, Natasha ajoelhou-se para amarrar o tênis esquerdo de Freddie.

— Obrigada.

— Seu cabelo está cheiroso.

Já se apaixonando, Natasha inclinou-se para cheirar o cabelo de Freddie.

— O seu também.

Fascinada pela cascata de ondas de Natasha, Freddie tocou-lhe os cabelos.

— Queria que meu cabelo fosse igual ao seu. O meu é escorrido como se eu tivesse acabado de sair do banho — acrescentou, repetindo as palavras de tia Nina.

Sorrindo, Natasha afagou os finos fios da trança de Freddie.

— Quando eu era pequenina, colocávamos um anjo no alto da árvore de Natal todo ano. Era tão lindo! E o cabelo era igualzinho ao seu.

O prazer deixou as bochechas de Freddie rosadas.

— Ah, achei você. — Vera atravessou o corredor lotado, uma sacola de palha num dos braços e uma bolsa de pano na outra. — Vamos, vamos, precisamos voltar para casa antes que seu pai pense que nos perdemos. — Estendeu a mão para Freddie e despediu-se de Natasha. — Boa tarde, senhorita.

— Boa tarde. — Curiosa, Natasha ergueu a sobrancelha. Ela estava sendo novamente analisada pelos pequeninos olhos escuros e, definitivamente, sendo considerada atraente, pensou Natasha. — Espero que traga Freddie em breve para uma visita.

— Vamos ver. É difícil para uma criança resistir a uma loja de brinquedos como é difícil para um homem resistir a uma linda mulher.

Vera conduziu Freddie pelo corredor, sem olhar para trás quando a menina acenou e sorriu por cima do ombro.

— Bem, qual o motivo desse discurso? — perguntou Annie, a cabeça surgindo no fundo do corredor.

Com um sorriso sem graça, Natasha prendeu um grampo no cabelo.

— Suponho que ela ache que eu tenho planos para o patrão dela.

Annie deu um urro que não combinava com os modos de uma moça bem-educada.

— Só sei que o patrão tem planos para você. Quem me dera ter essa sorte! — O suspiro demonstrava um pingo de inveja.

— Agora que sabemos que o novo gatão do pedaço não é casado, tudo funciona bem no mundo, por que não me disse que ia sair com ele?

— Porque não vou.

— Mas ouvi Freddie dizer...

Esclareceu:

— Ele me convidou, mas recusei.

— Entendo. — Depois de uma breve pausa, Annie inclinou a cabeça. — Quando foi o acidente?

— Acidente?

— Sim, o acidente que lhe causou danos cerebrais.

O rosto de Natasha iluminou-se com uma risada. Dirigiu-se para a frente da loja.

— Estou falando sério — disse Annie, assim que tiveram cinco minutos livres. — O dr. Spencer Kimball é maravilhoso, desimpedido e... — Ela inclinou-se no balcão para cheirar a rosa. — Charmoso. Por que não vai mais cedo para casa se ocupar com problemas sérios, como, por exemplo, escolher a roupa para usar hoje à noite?

— Eu sei o que vou usar à noite. Meu roupão de banho.

Annie não pôde evitar o sorriso.

— Ei, não está se precipitando um pouco? Acho que não deveria usar seu roupão pelo menos até o terceiro encontro.

— Não vai haver o primeiro. — Natasha sorriu para o novo cliente e fechou uma venda.

Annie levou 40 minutos para voltar ao assunto.

— De que tem medo?

— Da Receita Federal.

— Tash, estou falando sério.

— Eu também. — Quando os grampos voltaram a se soltar, desistiu e deixou-os de lado. — Todo americano dono de algum negócio tem medo da Receita Federal.

— Estamos falando de Spence Kimball.

— Não. Você está falando sobre Spence Kimball — corrigiu-a.

— Pensei que fôssemos amigas.

Surpresa com a entonação de Annie, Natasha parou de arrumar a vitrine simulando um autódromo que os visitantes de sábado tinham bagunçado.

— E somos. Você sabe que sim.

— Tash, amigas conversam, confiam uma na outra, pedem conselhos. — Bufando, Annie enfiou as mãos nos bolsos de seu jeans *baggy*. — Olha, eu sei que aconteceram coisas com você antes de vir para cá, coisas que ainda a fazem sofrer, mas sobre as quais nunca fala. Supus que, ao respeitar e nada perguntar, estava me comportando como uma amiga.

Era tão evidente?, pensou Natasha. Todo o tempo estivera segura de ter enterrado o passado e tudo o que representava... bem fundo. Sentindo-se sem saída, tocou a mão de Annie.

— Obrigada.

Com um dar de ombros indiferente, Annie foi trancar a porta da frente. Então, a loja estava vazia, a barulheira da tarde apenas um eco.

— Lembra-se daquela vez em que me ofereceu o ombro para chorar quando Don Newman me deu o fora?

Os lábios contraídos de Natasha formavam uma linha fina.

— Ele não merecia suas lágrimas.

Annie respondeu com um sorriso alegre:

— Eu gostei de chorar por ele. Precisava chorar, gritar, gemer e me embriagar um pouco. Você ficou ao meu lado, dizendo todas aquelas coisas fantásticas e horríveis sobre ele.

— Esta última parte foi fácil — lembrou-se Natasha. — Ele era um panaca. — Ficou tremendamente satisfeita em usar o insulto do jovem Freedmont.

Annie se permitiu uma breve reminiscência.

— Sim, mas era um panaca bonito para caramba. De qualquer jeito, você me ajudou durante aquele período difícil até eu mesma me convencer de que estava melhor sem ele. Você nunca precisou de meu ombro, Tash, porque você nunca deixou um cara chegar até aqui. — Ela levantou a mão, empurrando a palma da mão no ar.

Divertida, Natasha recostou-se no balcão.

— E o que é isso?

— A poderosa Força Protetora Stanislaski — afirmou Annie. — Garantia para repelir qualquer pessoa do sexo masculino dos 25 aos 50 anos.

Natasha levantou a sobrancelha, sem ter certeza se achava graça.

— Não sei se está tentando me elogiar ou me insultar.

— Nenhum dos dois. Ouça só um minuto, OK? — Annie respirou fundo, evitando falar de supetão algo que julgava dever ser abordado com delicadeza. — Tash, eu já vi você botar pra correr caras com menos esforço do que afugenta um mosquito. E bastante automaticamente — acrescentou, quando Natasha permaneceu em silêncio. — Você é sempre muito gentil e também muito objetiva. Nunca vi você voltar a pensar num homem depois de tê-lo, delicadamente, posto porta afora. Eu sempre a admirei por ser tão segura, tão em paz consigo mesma que não precisa de encontros sábado à noite para manter seu ego impecável.

— Não sou segura de mim mesma; apenas apática quanto a relacionamentos — confessou Natasha.

— Está bem — meneou a cabeça devagar. — Aceito. Mas desta vez é diferente.

— Como assim? — Natasha deu a volta no balcão e começou a calcular as vendas do dia.

— Está vendo? Como sabe que vou mencionar o nome dele, já ficou nervosa.

— Não estou nervosa — mentiu Natasha.

— Você tem andado nervosa, mal-humorada e distraída desde que Kimball entrou nesta loja, há umas duas semanas. Em três anos, nunca vi você passar mais de cinco minutos pensando num homem. Até hoje.

— Só porque esse é mais irritante do que a maioria.

Diante do olhar oblíquo de Annie, Natasha capitulou.

— Está bem, existe... algo — admitiu. — Mas não estou interessada.

— Você tem medo de ficar interessada nele.

Natasha não gostou do que ouviu, mas forçou-se a ignorar.

— Dá no mesmo.

— Não, não dá. — Annie colocou a mão em cima da de Natasha e apertou-a. — Olha, não estou jogando você para cima desse cara. Não sabemos nada dele. Ele pode ter matado a mulher e a enterrado num jardim de rosas. Tudo o que estou dizendo é que você não ficará à vontade consigo mesma até perder o medo.

Annie tinha razão, pensou Natasha mais tarde sentada na cama, o queixo apoiado na mão. Estava nervosa, distraída. E com medo. Não de Spence, assegurou-se. Nenhum homem voltaria a assustá-la. Mas tinha medo dos sentimentos por ele despertados. Sentimentos esquecidos, indesejáveis.

Isso significava que perdera o controle sobre suas emoções? Não. Significava que agiria de forma irracional, impulsiva, simplesmente porque seus impulsos e desejos tinham conseguido abrir caminho de volta em sua vida? Não. Significava que se esconderia no quarto, com medo de enfrentar um homem? Definitivamente, não.

Só tinha medo porque ainda precisava se testar, pensou Natasha, dirigindo-se ao armário. Então, jantaria com o persistente dr. Kimball e provaria a si mesma ser forte e perfeitamente capaz de resistir a uma atração passageira. Depois, voltaria ao normal.

Natasha examinou o guarda-roupa. Com um movimento impaciente de ombros, pegou um vestido de festa azul-escuro com um cinto cravejado de pedras. Não que estivesse se vestindo para ele. Spence era realmente irrelevante. Era um de seus vestidos favoritos, pensou enquanto tirava o roupão, e raramente tinha oportunidade de usar nada além de roupas de trabalho.

Ele bateu às 19h28 em ponto. Natasha detestou-se por olhar ansiosa o relógio. Tinha passado o batom duas vezes, examinado e reexaminado o conteúdo da bolsa e desejado, fervorosamente, ter demorado a tomar uma resolução.

Agia como uma adolescente, disse a si mesma ao caminhar para a porta. Era apenas um jantar, resmungou ao chegar à porta. E ele era apenas um homem, acrescentou, ao abri-la.

Um homem incrivelmente atraente!

Ele era maravilhoso, tudo com que sonhara, com os cabelos afastados do rosto e aquele meio sorriso nos olhos.

— Oi. — Spence entregou-lhe outra rosa vermelha. Natasha quase suspirou. Cedendo ao impulso, roçou a flor no rosto.

— Não foram as rosas que me fizeram mudar de idéia. — disse.

— Sobre o quê?

— Sobre jantar com você.

Ela deu um passo atrás. Não tinha outra opção a não ser convidá-lo a entrar, enquanto colocava a flor num vaso. Ele deu um sorriso aberto e exasperou-a por parecer tão charmoso e vaidoso ao mesmo tempo.

— E o que foi?

— Estou faminta. — Colocou o blazer curto de veludo no braço do sofá. — Vou colocar a flor num vaso. Sente-se, se preferir.

Ela não ia ceder um milímetro, pensou Spence, vendo-a afastar-se. Estranhamente, isso só a tornava mais interessante. Deu um profundo suspiro, balançando a cabeça. Incrível! Quando estava convencido de que nada poderia ter um cheiro mais sexy do que sabonete, ela colocara algo que o fizera imaginar som de violinos à meia-noite.

Decidindo que ficaria a salvo se pensasse em outra coisa, observou a sala. Ela preferia cores fortes, refletiu, notando as

almofadas cor de esmeralda e verde-bandeira num sofá azul-safira. Ao lado, uma imensa urna de ferro cheia de plumas de pavão. Velas de vários tamanhos e cores, espalhadas pela sala, davam ao ambiente um odor romântico de baunilha, jasmim e gardênia. Uma estante no canto com vários livros, desde romances populares e literatura clássica até manuais de consertos de casas para leigos.

A mesa lotada de suvenires, porta-retratos, flores ressecadas, estatuetas lindas inspiradas em contos de fadas. Uma casa com teto de chocolate não maior do que a palma de sua mão; uma menina vestida de Chapeuzinho Vermelho; um porco espiando pela janela de uma minúscula casa de palha; uma linda mulher segurando um único sapatinho de vidro.

Dicas práticas de encanamento, cores vibrantes e contos de fada, refletiu, tocando com a ponta do dedo o sapatinho de cristal. Era uma combinação tão curiosa e intrigante como a mulher em si.

Ouvindo-a retornar à sala, Spence virou-se.

— São lindas — disse, apontando uma das estatuetas. — Os olhos de Freddie saltariam das órbitas.

— Obrigada. São obras do meu irmão.

— Seu irmão? — Fascinado, Spence pegou a casa de gengibre para observá-la com mais atenção. Esculpida em madeira polida, depois artisticamente pintada para que todos os cremes de licor e pirulitos fossem uma tentação. — Incrível. Você raramente vê um trabalho de arte como este.

Apesar da reserva, ela alegrou-se e atravessou a sala para juntar-se a ele.

— Ele vem esculpindo desde criança. Um dia, sua arte estará em galerias e museus.

— Já deveria estar.

A sinceridade na voz tocou-lhe o ponto mais vulnerável, o amor pela família.

— Não é fácil. Ele é jovem, teimoso e orgulhoso; então mantém o trabalho de martelar na madeira para ajudar a família financeiramente, em vez de esculpir. Mas um dia... — Sorriu para a coleção. — Ele fez estas para mim, porque eu me empenhei muito em aprender a ler os livros de contos de fada em inglês que encontrei nas caixas de coisas doadas pela Igreja quando viemos para Nova York. Os desenhos eram tão bonitos e eu queria tanto conhecer as histórias que representavam.

Ela se conteve, embaraçada por ter falado.

— Vamos.

Ele apenas concordou, tendo já decidido tentar fazê-la contar mais.

— Melhor vestir seu blazer. — Ele o pegou do sofá. — Está esfriando.

O restaurante por ele escolhido ficava a pouca distância de carro, localizado em uma das colinas que descortinavam o Potomac. Se Natasha tivesse tentado adivinhar, teria acertado que ele escolheria um restaurante sossegado e elegante, e com um serviço rápido e discreto. Tomando a primeira taça de vinho, disse a si mesma para relaxar e aproveitar.

— Freddie esteve na loja hoje.

— Eu soube. — Alegre, Spence ergueu a taça. — Ela quer encaracolar os cabelos.

O olhar surpreso de Natasha tornou-se um sorriso. Pegou a taça de vinho.

— Ah! Que amor.

— Fácil para você dizer. Fui eu quem tive de cuidar das tranças.

Para sua surpresa, Natasha sem dificuldade o imaginou trançando, pacientemente, os cabelos.

— Ela é linda. — A imagem dele segurando a menina no colo, sentado ao piano, voltou-lhe à mente. — Ela tem seus olhos.

Spence murmurou:

— Não olhe agora, mas acredito que você me fez um elogio.

Sentindo-se constrangida, Natasha ergueu o menu.

— Para suavizar a bofetada — respondeu. — Estou morta de fome por ter deixado de almoçar hoje.

E, para provar estar sendo sincera, fez um pedido generoso. Enquanto comesse, calculou Natasha, o interlúdio transcorreria sem percalços. Durante a entrada, tomou cuidado para manter a conversa nos assuntos discutidos durante as aulas. A vontade, discutiram música do século XV com suas harmonias em quatro partes e os músicos viajantes. Spence apreciou a genuína curiosidade e o interesse, mas estava igualmente determinado a explorar áreas mais pessoais.

— Conte-me sobre sua família.

Natasha colocou um pedaço quente e amanteigado de lagosta na boca, saboreando o sabor delicado, sutil.

— Sou a mais velha de quatro irmãos — começou, de repente consciente de que os dedos dele brincavam casualmente com os seus sobre a toalha da mesa. Colocou a mão fora de alcance.

Sua manobra fez com que ele levantasse a taça para ocultar um sorriso.

— Vocês são todos espões?

As chamadas da vela denunciaram a onda de irritação em seus olhos.

— Com certeza, não.

— Pensei, já que você parece tão relutante em falar sobre eles. — Sério, ele inclinou-se. — Pode dizer: "Deixa de ser intrometido."

Os lábios tremeram antes de se render e dar uma risada.

— Não. — Ela voltou a mergulhar a lagosta na manteiga derretida, saboreando-a devagar, apreciando o aroma, o sabor e a textura. — Tenho dois irmãos e uma irmã. Meus pais ainda moram no Brooklyn.

— Por que se mudou para Virgínia do Oeste?

— Queria mudar. — Levantou um ombro. — Você também não queria?

— Sim. — Uma leve linha apareceu entre as sobrancelhas enquanto a examinava. — Você disse que tinha mais ou menos a idade de Freddie quando veio para os Estados Unidos. Você se lembra de como era sua vida antes de chegarem?

— Claro. — Por alguma razão, percebeu que ele pensava mais na filha do que em suas memórias da Ucrânia. — Sempre acreditei que as impressões dos primeiros anos permanecem mais tempo. Boas ou ruins, elas nos ajudam a nos transformar no que somos. — Preocupada, inclinou-se, sorrindo. — Conte-me, quando você pensa nos seus 5 anos, do que se lembra?

— De ficar sentado ao piano, tocando escalas. — A memória surgiu com tanta clareza que ele quase riu. — Do cheiro de rosas dentro de casa, de olhar a neve pela janela. De ficar dividido entre terminar meus exercícios práticos de piano e ir para o parque atirar bolas de neve em minha babá.

— Sua babá? — repetiu Natasha, o riso demonstrando mais divertimento do que deboche. Colocou as mãos no queixo, curvando-se, enfeitando-o com o jogo de luz e sombras em seu rosto. — E o que você fez?

— Os dois.

— Uma criança responsável.

Ele passou o dedo em seu pulso e percebeu um arrepio. Antes de ela afastar a mão, sentiu o pulso acelerar.

— Do que se lembra aos 5 anos?

Irritada com a própria reação, estava determinada a não lhe revelar nada. Apenas deu de ombros.

— Do meu pai trazendo madeira para o fogo, dos cabelos e do casaco cobertos de neve. Do bebê chorando, meu irmão mais novo. Do cheiro do pão preparado por minha mãe. De fingir dormir enquanto ouvia meu pai conversar com minha mãe sobre a fuga.

— Você teve medo?

— Muito. — Os olhos ficavam enevoados com a memória. Não costumava pensar no passado, não precisava fazê-lo com frequência. Mas, quando acontecia, as lembranças não vinham esmaecidas pelo tempo, mas claras como a água. — Se tinha. Muito medo. Mais do que jamais voltarei a sentir.

— Você vai me contar?

— Por quê?

Os olhos intensos a fitavam.

— Porque eu gostaria de entender.

Ela tentou mudar de assunto. Já tinha até o discurso preparado na mente. Mas a memória permanecia bastante vívida.

— Esperamos a chegada da primavera e levamos somente o que podíamos carregar. Não contamos a ninguém, a ninguém mesmo, e partimos no vagão. Papai disse que íamos visitar a irmã da minha mãe que morava no oeste da cidade. Mas acho que algumas pessoas sabiam, pois nos viram partir com rostos cansados e olhos arregalados. Papai tinha documentos falsificados e um mapa e torcia para sermos capazes de evitar os guardas das fronteiras.

— E você só tinha 5 anos?

— Quase 6 na época. — Pensativa, passou o dedo na borda da taça. — Mikhail tinha entre 4 e 5 anos, Alex, só 2. A noite, se conseguíamos acender uma lareira, nos sentávamos e papai contava histórias. Eram as noites serenas. Caíamos no sono ouvindo a voz dele e sentindo o cheiro da fumaça do fogo. Atravessamos as montanhas e entramos na Hungria. Levamos 93 dias.

Ele não conseguia imaginar o terror, apesar de vê-lo refletido tão claramente nos olhos dela. A voz dela era baixa, mas as emoções estavam presentes, enchendo de riqueza as palavras. Pensando na menininha que ela fora um dia, pegou-lhe a mão e esperou que ela prosseguisse.

— Meu pai planejava por anos. Talvez tivesse sonhado com a fuga a vida inteira. Tinha nomes de pessoas que ajudariam os desertores. Atravessávamos um período de guerra, a Guerra Fria, mas eu era muito pequena para entender. Entendia o medo olhando meus pais e os outros que nos ajudaram. Fomos contrabandeados da Hungria para a Áustria. A Igreja nos acolheu e nos mandou para a América. Demorei muito tempo até deixar de esperar que a polícia chegasse e levasse meu pai embora.

— Mas isso é demais para uma criança lidar.

— Também me lembro do primeiro cachorro-quente que comi. — Ela sorriu e pegou a taça. Nunca falava dessa época, nunca! Nem mesmo em família. Agora que o fizera com ele, sentiu uma necessidade desesperada de mudar de assunto. — E do dia em que meu pai trouxe a primeira televisão. Nenhuma infância, nem mesmo com babás, é totalmente segura. Mas crescemos. Sou uma mulher de negócios e você é um respeitado compositor. Por que deixou de compor? — Ela sentiu os dedos tensos nos dela. — Desculpe — disse ela rapidamente. Não deveria ter feito perguntas íntimas.

— Não faz mal. — Os dedos voltaram a relaxar. — Não componho porque não consigo.

— Conheço sua música... — algo tão intenso que não perde a força.

— Não me importei com isso nos últimos dois anos. Só ultimamente comecei a me importar.

— Não seja paciente.

Quando ele sorriu, ela sacudiu a cabeça, ao mesmo tempo impaciente e realista. A mão agora apertava a dele, com força.

— Estou falando sério. As pessoas falam sobre o momento certo, o clima certo, o lugar certo. Perdemos anos assim. Se meu pai tivesse esperado até ficarmos mais velhos, até a viagem ser mais segura, poderíamos ainda estar na Ucrânia. Há coisas que devem ser agarradas com as duas mãos. A vida pode ser muito, muito curta.

Ele podia sentir a urgência na maneira como suas mãos seguraram as dele. E podia ver uma sombra de arrependimento nos olhos. O motivo de ambos o intrigava tanto quanto as palavras.

— Talvez tenha razão — disse ele lentamente, levando a palma da mão dela aos lábios. — Esperar nem sempre é a melhor opção.

— Está ficando tarde. — Natasha soltou a mão, depois fechou o punho e repousou-a no colo. Mas não foi o suficiente para interromper o fluxo do calor em seu braço... — Devemos ir.

Voltara a relaxar, quando ele a acompanhou até a porta. Durante o curto trajeto para casa, ele a fez rir com histórias das artimanhas de Freddie para convencê-lo a ter um gatinho.

— Acho que cortar fotos de gatos de uma revista para preparar um pôster para você foi muito inteligente. — Ela virou-se para recostar-se na porta da frente. — Você vai deixá-la ter um?

— Estou tentando não ser um ingênuo manipulado.

Natasha apenas sorriu.

— Casas grandes como a de vocês costumam ter ratos no inverno. Na verdade, numa casa daquele tamanho, seria esperto de sua parte pegar dois dos filhotes de JoBeth.

— Se Freddie vier com esse papo, vou saber exatamente de onde ela tirou a idéia. — Enrolou um dos cachos de Natasha entre os dedos. — E ela ganha um ponto a favor se você for à minha casa semana que vem.

Natasha levantou as sobrancelhas.

— Chantagem, dr. Kimball?

— Pode apostar.

— Pretendo aceitar o desafio e tenho a forte impressão de que Freddie vai convencê-lo a aceitar a ninhada inteira sozinha,

se estiver decidida.

— Apenas o cinza.

— Você já foi vê-los?

— Umas duas vezes. Você não vai me convidar para entrar?

— Não.

— Está certo. — Ele passou os braços em torno de sua cintura.

— Spence...

— Só estou seguindo seu conselho — murmurou, passando os lábios por sua mandíbula. — Não serei paciente. —

Aproximou-se e a boca roçou-lhe o lóbulo da orelha. — Vou agarrar o que quero. — Os dentes arranharam-lhe o lábio superior. — Não perderei tempo.

No instante seguinte, comprimia a boca contra a dela. Podia sentir o suave sabor de vinho nos lábios e sabia que podia ficar bêbado só com isso. Seu gosto era rico, exótico, intoxicante. Como o prenúncio de outono no ar, ela o fazia pensar no fogo das lareiras, em nuvens de fumaça. E o corpo dela já estava pressionado contra o seu numa compreensão instantânea.

A paixão não floresceu, não despertou suavemente, ela explodiu. Mesmo o ar à volta parecia tremer.

Ela o fazia ficar inquieto. Sem ter consciência do que murmurava para ela, subiu os lábios para seu rosto, voltou, sempre retornando para a boca quente e ávida. Com um áspero toque, afastou as mãos dela.

A cabeça dela girava. Se ao menos pudesse acreditar ser efeito do vinho. Mas sabia ser ele. Só ele a deixava tonta, confusa, alucinada. Queria ser tocada. Por ele. Com um gemido, a cabeça tombou para trás e deixou os lábios sôfregos percorrerem-lhe o pescoço.

Não podia ser certo sentir-se desse jeito. Medos antigos e dúvidas retornavam, deixando espaços vazios implorando para serem preenchidos. E, quando satisfeitos, pelo prazer incompreensível e ofuscante, o medo apenas crescia.

— Spence. — Cravou as unhas nos ombros dele. Travava uma guerra entre a necessidade de interrompê-lo e o desejo impossível de prosseguir. — Por favor...

Tão abalado quanto ela, ele parou, mergulhando o rosto em seus cabelos.

— Não sei o que acontece comigo sempre que estou com você. Não consigo explicar.

Ela queria desesperadamente apertá-lo contra si, mas forçou os braços a tombarem ao longo do corpo.

— Não pode continuar a acontecer.

Ele se afastou o suficiente para segurar-lhe o rosto entre as mãos. O frio da noite e o calor da paixão haviam deixado o rosto dela afogueado.

— Se eu quisesse parar, o que não quero, não poderia.

Ela manteve os olhos no mesmo nível que os dele e tentou não se emocionar com o modo gentil com que ele lhe afagava o rosto.

— Você quer ir para a cama comigo?

— Quero. — Ele não tinha certeza se queria rir ou xingá-la por ser tão direta. — Mas não é tão simples.

— Sexo nunca é simples.

Os olhos dele estreitaram-se.

— Não estou interessado em fazer sexo com você.

— Você acabou de dizer...

— Quero fazer amor com você. É diferente.

— Prefiro não romantizar.

O aborrecimento nos olhos dele desvaneceu-se tão rápido quanto surgira.

— Então, lamento, mas vou desapontá-la. Quando um dia fizermos amor, será muito romântico. — Antes que ela pudesse escapar, ele cobriu-lhe a boca com a sua. — É uma promessa que pretendo manter.

Natasha! Ei, Natasha!

Tirada dos pensamentos, não exatamente produtivos, Natasha levantou o olhar e fitou Terry. Ele usava um cachecol comprido, listrado de amarelo e branco, a fim de se proteger da súbita queda de temperatura que espalhara gelo pelo solo. Correndo ao seu encontro, o cachecol esvoaçava de um jeito esquisito às suas costas. Quando a alcançou, os óculos tinham escorregado, tortos, até a ponta de seu nariz vermelho.

— Oi, Terry.

A corrida de 90 metros o deixara exausto. Ele só esperava que não agravasse sua asma.

— Oi. Eu vi você chegando. — Ele a esperara por 20 minutos.

Num gesto maternal ao ver o filho desengonçado, ajeitou-lhe os óculos e protegeu-lhe o pescoço fino com o cachecol. A respiração ofegante do rapaz embaçava as lentes dos óculos.

— Você devia usar luvas. — Depois, batendo na mão gelada, conduziu-o escadas acima.

Em êxtase, ele tentou falar, só conseguindo emitir um ruído estranho.

— Você está ficando resfriado? — Procurando na bolsa, encontrou um lenço de papel e o ofereceu.

Ele limpou a garganta com barulho.

— Não. — Mas pegou o lenço de papel e jurou mantê-lo até o dia de sua morte. — Só estava pensando se hoje, depois da aula, você sabe, se não tiver nada... Provavelmente já tem planos, mas, se não tiver, talvez pudéssemos tomar uma xícara de café. Duas xícaras — emendou nervoso. — Quero dizer, eu poderia lhe oferecer uma xícara e tomar outra. — Assim dizendo, o rosto atingiu uma tonalidade esverdeada.

O pobre menino estava solitário, pensou Natasha, dando-lhe um sorriso despretensioso.

— Claro. — Podia lhe fazer companhia por mais ou menos uma hora, decidiu entrando na sala de aula. Isso a ajudaria a manter a mente afastada do...

Do homem parado em frente aos alunos, refletiu aborrecida. Do homem que a beijara deixando-a sem fôlego duas semanas atrás e que, no momento, ria para uma lourinha ousada que não devia ter um dia a mais de 20 anos.

De mau humor, sentou-se na cadeira e enfiou o nariz no livro.

Spence sentiu sua entrada na sala. Estava mais do que gratificado por ter percebido o ciúme em seu rosto antes de cobri-lo com um livro. Aparentemente, o destino havia cooperado mantendo-o ocupado até dizer chega com problemas pessoais e profissionais durante as últimas duas semanas: um vazamento na casa, reuniões de pais, encontros de escoteiros e um debate na faculdade. Não tivera uma hora livre. Mas agora as coisas voltavam a seu estado normal. Observou o topo da cabeça de Natasha. Ele pretendia recuperar o tempo perdido.

Sentando na beirada da mesa, abriu uma discussão sobre as diferenças entre a música sagrada e a secular durante o período barroco.

Natasha não queria se interessar. Tinha certeza de que ele percebera. Caso contrário, por que lhe pedira, de propósito, a opinião... duas vezes?

Ah, ele era inteligente, pensou. Nem uma centelha no olhar, uma mínima entonação na voz, revelavam um relacionamento mais íntimo com ela. Ninguém na classe poderia suspeitar que aquele palestrante seguro, até mesmo brilhante, beijara-a sem motivo aparente, não uma nem duas vezes, mas três. Agora discursava calmamente sobre o desenvolvimento lírico no início do século XVII.

Em sua camisa de gola rolê preta e um paletó de *tweed* cinza, passava a impressão de elegância e absoluto controle. E, é claro, como sempre, tinha a classe na palma daquela mão linda que usava com intensidade para reforçar uma idéia. Quando sorria de um comentário de um estudante, ouviu a lourinha duas fileiras atrás dela. Porque ela própria quase sorrisse, Natasha retesou-se na cadeira.

Ele, provavelmente, tinha uma fila de mulheres loucas por ele. Um homem com aquela aparência, com aquela conversa, com aquele beijo, bem que merecia. Era do tipo que fazia promessas a qualquer mulher à meia-noite e segurava outra nos braços no café-da-manhã na cama.

Sorte sua não acreditar mais em promessas.

Algo se passava naquela fabulosa cabeça de Natasha, refletiu Spence. Num momento, ouvia-o como se ele tivesse as respostas para os mistérios do universo na ponta da língua. No seguinte, sentava ereta fitando o espaço, como se desejasse estar em outro lugar. Podia jurar que ela estava zangada e que a raiva tinha ele como alvo. Quanto ao motivo, esse era um assunto totalmente distinto.

Toda vez que tentara falar com ela depois da aula, ao longo das últimas duas semanas, Natasha saiu do prédio como uma bala. Naquele dia, ele teria que descobrir uma tática para segurá-la.

Ela levantou-se tão logo a aula terminou. Spence viu-a sorrir para o rapaz sentado ao seu lado. Depois, ela abaixou-se para pegar os lápis e livros que o homem deixara cair ao se levantar.

Como era o nome dele? Tentou se lembrar. Maynard. Era isso. O Sr. Maynard assistia a várias de suas aulas e conseguia passar despercebido em meio aos demais em cada uma delas. Ainda assim, no momento, o discreto Sr. Maynard estava agachado, com os joelhos tocando os de Natasha.

— Acho que conseguimos pegar tudo. — Natasha amigavelmente empurrou os óculos de Terry para o topo do nariz.

— Obrigado.

— Não se esqueça do cachecol — começou a dizer, para, em seguida, erguer o olhar. Sentiu a mão segurar-lhe o braço e ajudá-la a se levantar. — Obrigada, dr. Kimball.

— Gostaria de falar com você, Natasha.

— É mesmo? — Ela espiou a mão em seu braço, depois pegou o casaco e os livros. Sentindo-se como se estivesse novamente diante de um tabuleiro de xadrez, decidiu bloquear-lhe o movimento com agressividade.

— Lamento. Será preciso esperar. Tenho um encontro.

— Um encontro? — conseguiu pronunciar, imediatamente imaginando alguém moreno, deslumbrante e musculoso.

— Sim. Com licença. — Desvencilhou-se da mão e enfiou o braço no casaco. Como os homens, um de cada lado dela, pareciam igualmente paralisados, ela mudou os livros de braço e tentou achar a outra manga. — Já está pronto, Terry?

— Bem, sim, claro. Sim. — Ele olhava Spence com um misto de temor e respeito. — Mas posso esperar se quiser falar primeiro com o dr. Kimball.

— Não é preciso. — Ela deu-lhe o braço e o puxou para a porta.

Mulheres, pensou Spence sentado à mesa. Ele já aceitara o fato de que nunca as entendera. Aparentemente, nunca as entenderia.

— Caramba, Tash, não acha que devia ouvir o que o dr. Kimball queria?

— Eu sei o que queria — disse entre os dentes enquanto abria as portas principais. O ar outonal gelou-lhe o rosto. — Não estava com vontade de discutir o assunto hoje. — Quando Terry tropeçou na calçada irregular, ela se deu conta de que ainda o arrastava e diminuiu o passo. — Além disso, pensei que íamos tomar um café.

— Certo. — Quando ela sorriu para ele, Terry agarrou o cachecol como se evitasse se estrangular.

Caminharam até um lugar onde metade das pequenas mesas quadradas estava vazia. No bar antigo, dois homens resmungavam tomando cerveja. Um casal num canto, quase no colo um do outro, ignorava as bebidas.

Ela sempre gostou desse lugar, com suas luzes fracas e os antigos pôsteres em preto-e-branco de James Dean e Marilyn Monroe. Cheirava a cigarro e a vinho barato. Um grande aparelho de som portátil, na prateleira acima do bar, tocava uma música antiga de Chuck Berry, alto o bastante para caracterizar a ausência de fregueses. Natasha sentiu o baixo vibrar na cadeira ao sentar-se.

— Só café, Joe — disse ao homem atrás do balcão do bar antes de apoiar os cotovelos na mesa. — E então? Como vão as coisas? — perguntou a Terry.

— Bem. — Ele não podia acreditar. Estava ali, sentado com ela, num encontro. Ela mesma tinha chamado de encontro.

Seria preciso puxar assunto. Paciente, tirou o casaco. A sala superaquecida a fez puxar as mangas do blusão até acima dos cotovelos.

— Deve ser diferente para você aqui. Você já me disse que universidade cursava?

— Eu me formei em Michigan. — Como as lentes dos olhos novamente embaraçaram, Natasha parecia envolta numa leve

e misteriosa névoa. — Quando eu, eh, ouvi que o dr. Kimball ia ensinar aqui, decidi fazer o mestrado aqui.

— Você veio para cá por causa de Spence, do Dr. Kimball?

— Não quis perder a oportunidade. Fui a Nova York o ano passado assistir a uma palestra dele. — Terry ergueu a mão e quase derrubou o açucareiro. — Ele é incrível.

— Imagino... — murmurou ao ser servido o café.

— Onde você andou escondida? — perguntou o garçom, apertando-lhe o ombro com intimidade. — Não apareceu aqui o mês inteiro.

— Ando trabalhando muito. Como vai Daria?

— Acabou. — Joe piscou o olho de um jeito amigável. — Sou todo seu, Tash.

— Vou me lembrar disso. — Com uma risada, voltou-se para Terry. — Algo errado? — perguntou ao vê-lo repuxando a gola.

— Sim. Não. Ou melhor... Ele é seu namorado?

— Meu... — Para evitar rir na cara de Terry, tomou um gole de café. — Você está falando de Joe? Não. — Pigarreou e tomou outro gole. — Não, não é... Somos apenas... — Procurou a palavra. — Amigos.

— Ah! — Alívio e insegurança disputavam terreno.

— Eu pensei, já que ele... bem.

— Ele estava apenas brincando. — Querendo colocar Terry à vontade, apertou-lhe a mão. — E você? Tem uma namorada em Michigan?

— Não. Ninguém. Ninguém mesmo. — Ele virou a mão, segurando a dela.

Ai, meu Deus! Ao se dar conta, Natasha ficou pasma. Só uma tola não teria percebido, pensou ao fitar os olhos míopes e em estado de adoração de Terry. Uma tola, acrescentou, tão envolvida com os próprios problemas que não percebeu o que acontecia debaixo de seu nariz. Precisava ser cautelosa, decidiu. Muito cautelosa.

— Terry... — começou. — Você é um amor.

Foi o suficiente para a mão do rapaz tremer e derrubar café na camisa. Movendo-se com agilidade, Natasha mudou a cadeira de lugar para ficar ao lado dele. Pegou guardanapos de papel e começou a limpar a mancha.

— Ainda bem que nunca servem café quente neste lugar. Se lavar com água fria logo, a mancha vai sair.

Emocionado, Terry agarrou-lhe as mãos. Como ela estava perto, o perfume de seus cabelos o deixou tonto.

— Eu amo você — confessou e o demonstrou beijando-a.

Os óculos escorregaram pelo nariz. Natasha sentiu os lábios frios e trêmulos tocarem seu rosto. Com pena do rapaz, decidiu que agir com cautela não seria a atitude apropriada. Precisava de firmeza e rápido.

— Não, você não me ama. — A voz era severa e ela se afastou para limpar a sujeira na mesa.

— Eu não a amo? — A resposta o desconcertou. Nada se assemelhava às fantasias tecidas. Numa delas, ele a salvava de um caminhão desgovernado. Noutra, ele tocava a música que compunha em sua homenagem e ela atirava-se em seus braços aos prantos, apaixonada. Sua imaginação não chegara ao ponto de vê-la limpar café e dizer-lhe calmamente que ele não a amava.

— Sim, eu amo você. — Ele voltou a tomar-lhe a mão.

— Isso é ridículo — disse e sorriu para atenuar a crueza das palavras. — Você gosta de mim e eu também gosto de você.

— Não, é bem mais do que isso. Eu...

— Está bem. Por que você me ama?

— Porque você é linda — conseguiu dizer, perdendo o controle ao voltar a encará-la. — Você é a mulher mais linda que já conheci.

— E isso é o suficiente? — Soltando a mão, cruzou os dedos e apoiou o queixo. — E se eu dissesse que sou uma ladra? Ou que gosto de atropelar animaizinhos peludos com meu carro? Talvez eu já tenha sido casada três vezes e assassinado todos os meus maridos enquanto dormiam.

— Tash...

Ela riu, mas resistiu à tentação de afagar-lhe o rosto.

— O que quero dizer é que você não me conhece o suficiente para me amar. Se me amasse, não se importaria com minha aparência.

— Mas... mas eu penso em você todo o tempo.

— Porque se convenceu de que seria legal estar apaixonado por mim. — Ele parecia tão desconsolado que ela aproveitou a oportunidade e cobriu-lhe a mão com a sua. — Para mim, é um elogio.

— Isso significa que você não vai sair comigo?

— Estou com você agora. — Ela empurrou a xícara de café dela para ele. — Como amiga — disse, antes que a luz voltasse a brilhar em seus olhos. — Sou muito velha para ser outra coisa além de amiga.

— Não, não é.

— Sou sim. — De repente, ela se sentiu com 100 anos. — Sim, eu sou.

— Você acha que eu sou bobo — resmungou. A onda de humilhação tomou o lugar da excitação confusa. Ele podia sentir o rubor subindo-lhe à face.

— Não, não acho. — A voz suavizou-se e mais uma vez pegou-lhe as mãos. — Terry, ouça...

Mas, antes que pudesse impedi-lo, ele afastou a cadeira.

— Preciso ir.

Amaldiçoando-se, Natasha pegou o cachecol listrado dele. Não fazia sentido segui-lo. Ele precisava de tempo, pensou. E ela, de ar.

As folhas começavam a mudar de cor e algumas haviam caído, derrubadas pelo vento. Era o tipo de noite de que mais gostava, mas agora mal reparava. Deixara o café intocado para dar uma caminhada comprida em volta da cidade.

Dirigindo-se para casa, pensou em uma dúzia de formas que poderia ter usado para lidar melhor com a tola paixão de Terry. Por lhe faltar habilidade, ferira um menino sensível e vulnerável. Poderia ter evitado a situação, tudo, se tivesse prestado atenção ao que acontecia diante de seu nariz.

Em vez disso, os sentimentos indesejados por outra pessoa a cegaram.

Sabia muito bem o que representava acreditar estar amando, sentir-se desesperada, sem esperança. E sabia como doía descobrir que a pessoa amada não correspondia a seus sentimentos. Cruel ou gentil, a rejeição do amor deixava o coração ferido.

Soltando um suspiro, alisou o cachecol em seu bolso. Será que ela também já fora tão confiante e indefesa? Sim, respondeu. Isso e muito, muito mais.

Já era mais do que tempo, pensou Spence ao vê-la aproximar-se. Obviamente, sua mente estava a milhões de quilômetros de distância. Pensando no seu encontro, decidiu tentar não trincar os dentes. Bem, ele ia providenciar para que ela tivesse bem mais no que pensar em muito pouco tempo.

— Ele não a trouxe até em casa?

Natasha ficou imóvel e arfou involuntariamente. No portão, iluminado por um raio de luz, viu Spence sentado nos degraus. Mas era tudo o que precisava, pensou, passando a mão nos cabelos. Com Terry, sentira-se como se tivesse chutado um filhote. Agora, teria de enfrentar um lobo grande e faminto.

— O que está fazendo aí?

— Congelando.

Ela quase riu. Da boca de Spence saía uma fumaça branca. Considerando o vento frio, imaginava que a temperatura devia estar em torno de — 4°C. Passado um segundo, Natasha convenceu-se de ser muito perversa por se divertir diante da idéia de Spence sentado no concreto frio por uma hora.

Ele se levantou enquanto ela continuava a caminhar. Como podia ter se esquecido de como ele era alto?

— Você não convidou seu amigo para tomar um drinque?

— Não. — Ela girou a maçaneta. Como a maioria das portas na cidade, estava destrancada. — Se tivesse, você ficaria muito sem graça.

— Esta não é a palavra certa.

— Suponho ter sorte de não ter encontrado você esperando por mim dentro de casa.

— Mas teria, se tivesse me ocorrido conferir se a porta estava aberta — resmungou.

— Boa noite.

— Espere aí um minuto. — Ele espalmou a mão na porta antes que ela pudesse fechá-la em sua cara. — Eu não fiquei aqui sentado no frio por causa de minha saúde. Quero falar com você.

Havia algo de prazeroso na breve e boba brincadeira de empurra-empurra da porta.

— Já é tarde.

— E cada vez mais tarde. Se fechar a porta, vou bater até todos os vizinhos espiarem pela janela.

— Cinco minutos — disse, pois já planejara conceder-lhe esse tempo de qualquer jeito. — Vou lhe servir um *brandy* e depois você vai embora.

— Você é tão generosa, Natasha...

— Não. — Colocou o casaco nas costas do sofá. — Não sou.

Desapareceu na cozinha sem outra palavra. Ao voltar com dois copos de *brandy*, ele estava parado no meio da saia, revirando o cachecol de Terry entre os dedos.

— Que tipo de jogo você está fazendo?

Ela colocou o *brandy* na mesa e, calmamente, tomou um gole do seu.

— Não sei a que se refere.

— O que você está fazendo, saindo com um garoto universitário que ainda molha as calças?

Tanto suas costas quanto a voz retesaram-se.

— Não é da sua conta com quem eu saio.

— Agora é — respondeu Spence, dando-se conta do quanto se importava.

— Não, não é. E Terry é um jovem muito simpático.

— Jovem é a palavra-chave. — Spence atirou o cachecol de lado. — Sem dúvida, é jovem demais para você.

— É mesmo? — Uma coisa era ela dizer isso e outra, bem diferente, era Spence atirar-lhe isso na cara como uma acusação. — Acredito que caiba a mim decidir.

Dessa vez, você tocou no ponto fraco, murmurou Spence para si mesmo. Houve um tempo — não houve? — em que considerava saber lidar com as mulheres.

— Talvez eu devesse ter dito que você é muito velha para ele.

— Ah, é! — Mesmo sem querer, começou a achar a situação engraçada. — Agora melhorou muito. Prefere tomar o *brandy* ou quem que eu o derrube em você?

— Vou beber, obrigado. — Ergueu o copo, mas, em vez de levá-lo aos lábios, deu outra volta pela sala. Estava com ciúmes, percebeu. Era patético, mas estava com ciúmes de um estudante esquisito e de língua presa. E fazia papel de bobo. — Ouça, talvez eu devesse começar do princípio.

— Não sei por que você começaria algo que nunca deveria ter começado.

Mas, como um cachorro com um osso, ele não podia parar de roer.

— É que, obviamente, ele não faz seu tipo.

Ela lançou outra labareda.

— Ah, e você sabe qual é meu tipo?

Spence levantou a mão livre.

— Está bem, uma pergunta direta antes que eu enfie uma rolha em minha boca. Você está interessada nele?

— Claro que estou. — De pronto, amaldiçoou-se. Era impossível usar Terry e os sentimentos dele como uma barricada contra Spence. — Ele é um menino muito legal.

Spence quase relaxou, depois voltou a olhar o cachecol ainda jogado nas costas do sofá.

— O que está fazendo com isto?

— Eu o peguei para ele. — A visão do cachecol colorido e um pouco cafona no sofá a fez sentir-se como o mais perverso tipo de mulher fatal. — Ele o esqueceu quando eu o magoei. Ele pensa estar apaixonado por mim. — Infeliz, caiu numa cadeira. — Ah, vai embora. Não sei por que estou falando com você.

A expressão de seu rosto deu-lhe vontade de rir e afagar-lhe os cabelos. Pensou melhor e manteve o tom descontraído.

— Porque está chateada e sou o único aqui.

— Pode ser. — Ela não fez nenhuma objeção quando Spence sentou-se na sua frente. — Ele era tão meigo e nervoso e eu não fazia idéia de seus sentimentos. Devia ter percebido, mas não percebi até ele derramar o café na camisa e... Não ria dele.

Spence continuou a sorrir enquanto sacudia a cabeça.

— Não estou rindo. Acredite em mim. Sei exatamente como ele deve ter se sentido. Algumas mulheres têm a capacidade de nos tornar desajeitados.

Os olhos se encontraram e mantiveram-se fixos.

— Não flerte comigo.

— Já passei da fase de flertar com você, Natasha.

Inquieta, ela se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Você está mudando de assunto.

— Estou?

Ela gesticulou impaciente enquanto andava.

— Eu feri os sentimentos dele. Se soubesse o que estava acontecendo, teria interrompido. Não há nada — disse, em tom apaixonado —, nada pior do que amar alguém e não ser correspondida.

— Não mesmo. — Ele compreendia. E podia ver, pelas sombras a cobrir-lhe os olhos, que ela também sabia. — Mas você não acha que ele a ama.

— Ele acredita nisso. Eu perguntei por que ele acreditava nisso e sabe o que disse? — Voltou-se, o cabelo balançando em seus ombros com o movimento. — Falou que me ama porque me acha linda. É isso. — Ela levantou as mãos e começou a andar de um lado para o outro de novo. Spence apenas olhou, capturado pelos movimentos e pela cadência musical que a agitação produzia em sua voz. — Quando ele disse isso, tive vontade de bater nele e perguntar: "O que está errado com você? Um rosto não passa de um rosto. Você não conhece minha mente ou meu coração." Mas ele olhava com aqueles olhos grandes e tristes e eu não podia gritar com.

— Você nunca teve problema em gritar comigo.

— Você não tem olhos grandes e tristes e não é um menino que acredita estar apaixonado.

— Não sou um menino — concordou, pegando-a pelos ombros por trás. Apesar de ela ficar tensa, ele a girou para encará-lo. — E eu não gosto só de seu rosto, Natasha. Embora goste muito dele.

— Você também não sabe nada de mim.

— Sei sim. Sei que você viveu experiências que eu mal posso imaginar. Sei que ama sua família, sente falta dela, que compreende as crianças e sente uma afeição natural por elas. Você é organizada, teimosa e apaixonada. — Ele desceu as mãos por seus braços e voltou a segurar-lhe os ombros. — Sei que já amou antes. — Ele a prendeu, antes que ela pudesse se afastar. — E você não está pronta para falar a respeito. Você tem uma mente aguda e curiosa e um coração afetuoso e gostaria de não sentir atração por mim. Mas sente.

Ela abaixou os cílios para ocultar o olhar.

— Pelo que estou vendo, você sabe mais a meu respeito do que eu sobre você.

— Isso é fácil de resolver.

— Eu não sei se quero. Ou por que deveria.

Os lábios de Spence roçaram os seus e afastaram-se antes que ela pudesse corresponder ou rejeitá-lo.

— Existe algo entre nós — murmurou. — E isso serve de motivo.

— Talvez exista — começou. — Não. — Ela se afastou quando ele tentou beijá-la novamente. — Não me beije. Não estou muito forte hoje à noite.

— Uma boa razão para eu me sentir culpado se tirar vantagem.

Ela sentiu, ao mesmo tempo, decepção e alívio quando ele a soltou.

— Vou cozinhar para você — disse ela num impulso.

— Agora?

— Amanhã. Mas é só um jantar — acrescentou, se questionando se devia se arrepender do convite. — Se você trazer Freddie.

— Ela vai gostar. E eu também.

— Está bem. Às 19h. — Natasha pegou o casaco dele e o entregou. — Agora precisa ir.

— Você devia aprender a dizer o que está pensando. — Com um meio sorriso, Spence pegou o casaco. — Só mais uma coisinha.

— Só uma?

— Uma só. — Ele a estreitou nos braços para um beijo longo, apaixonado, de turvar a mente. Ele satisfez-se ao vê-la sentar-se fraca no braço do sofá quando a soltou.

— Boa noite — disse e saiu, envolto pelo ar frio.

Era a primeira vez que Freddie era convidada para um jantar de adultos e esperava impaciente enquanto o pai se barbeava. Normalmente, gostava de vê-lo passar o barbeador no rosto coberto de espuma branca. Tinha vezes em que secretamente desejava ser um menino, para poder um dia repetir o ritual. Mas, naquela noite, ela achou que o pai estava lento demais.

— Podemos ir agora?

Ainda de roupão, Spence limpou as sobras de espuma.

— Talvez seja uma boa idéia eu vestir minhas calças.

Freddie apenas revirou os olhos.

— E quando vai colocar as calças?

Spence pegou-a no colo para morder-lhe de leve o pescoço.

— Assim que você deixar.

Obediente, desceu correndo as escadas para vagar pelo hall de entrada e contar até 60. Depois da quinta vez, sentou-se no degrau inferior para brincar com a fivela do sapato do pé esquerdo.

Freddie já tinha calculado tudo: O pai ia se casar ou com Tash ou com a sra. Patterson, porque as duas eram bonitas e tinham sorrisos simpáticos. Depois, a que ele escolhesse viria morar na casa nova. Em breve, teria uma irmãzinha. Um irmãozinho servia, mas era, definitivamente, uma segunda opção. Todo mundo ficaria feliz, porque todo mundo gostaria um bocado um do outro. E o pai tocaria sua música tarde da noite de novo.

Quando ouviu Spence descer as escadas, Freddie pulou e se virou para encará-lo.

— Pai, eu contei até 60 um zilhão de vezes.

— Aposto que você pulou os 30 de novo. — Ele pegou o casaco dela do armário do hall e a ajudou a se vestir.

— Não, não pulei. — Pelo menos, achava que não tinha pulado. — Você demorou horas. — Com um suspiro, ela o empurrou para a porta.

— Mas assim vamos chegar cedo.

— Ela não vai se importar.

Nesse momento, Natasha vestia um suéter e pensava por que convidara alguém para jantar, especialmente um homem que seus instintos diziam para evitar. Passara o dia distraída, preocupada se a comida ficaria gostosa, se o vinho escolhido combinava com a comida. E agora estava mudando de roupa pela terceira vez.

Totalmente em desacordo com seu temperamento, disse a si mesma, franzindo o cenho diante do reflexo no espelho. O

suéter azul casual e a calça *legging* a acalmaram. Se parecesse à vontade, decidiu Natasha, sentiria-se à vontade. Prendeu os compridos brinços de prata, ajeitou o cabelo e correu de volta à cozinha. Mal tinha conferido o molho quando ouviu a batida.

Tinham chegado antes da hora, pensou, permitindo-se soltar um palavrão antes de ir até a porta.

Eles estavam lindos. A agitação desapareceu num sorriso. A visão da menininha com a mão apertada na do pai tocou-lhe o coração. Por parecer natural, curvou-se e beijou Freddie nas duas bochechas.

— Obrigada por me convidar para jantar — recitou a frase e depois olhou para o pai à espera de aprovação.

— De nada.

— Você não vai beijar papai também?

Natasha hesitou e surpreendeu o sorriso desafiante de Spence.

— Claro. — Roçou os lábios formalmente em seu rosto. — É um cumprimento tradicional ucraniano.

— Fico muito grato pelo *glasnost*. — Ainda sorrindo, ele pegou-lhe a mão e a levou aos lábios.

— Vamos comer *borscht*? — quis saber Freddie.

— *Borscht*? — Natasha franziu a testa enquanto ajudava Freddie a tirar o casaco.

— Quando eu contei à sra. Patterson que eu e papai íamos jantar na sua casa, ela disse que *borscht* é sopa de beterraba em russo. — Freddie conseguiu não dizer que achava horrível, mas Natasha entendeu.

— Que pena! Não fiz — disse, com o rosto sério. — Preparei outro prato tradicional. Macarrão e almôndegas.

Foi fácil, surpreendentemente fácil. Comeram acomodados na velha mesa de dobrar perto da janela e a conversa girou sobre as dificuldades de Freddie em aritmética e sobre ópera napolitana. Só precisou de um pouco de incentivo para falar sobre sua família. Freddie queria saber tudo sobre ser a irmã mais velha.

— Nós não brigávamos muito — refletiu Natasha, enquanto tomava o café e balançava Freddie no joelho. — Mas, quando brigávamos, eu ganhava porque era mais velha. E mais malvada.

— Você não é malvada.

— De vez em quando, quando estou zangada, sou. — Olhou para Spence lembrando, arrependida, de ter dito que ele não merecia Freddie. — Aí, fico triste.

— Quando as pessoas brigam, nem sempre significa que elas não se gostam — murmurou Spence. Ele fazia o possível para não pensar o quão perfeito, o quão perfeitamente correto era ver a filha aninhada no colo de Natasha. Você está indo muito rápido, muito longe, avisou a si mesmo. Para todos os envolvidos.

Freddie não tinha certeza se entendia, mas tinha apenas 5 anos. Depois, contente, lembrou-se que, em breve, teria 6 anos.

— Vou fazer aniversário.

— mesmo? — Natasha deu a impressão de estar impressionada. — Quando?

— Em duas semanas. Você vem à minha festa?

— Adoraria. — Natasha olhou Freddie, enquanto ela enumerava todos as maravilhosas surpresas guardadas na manga.

Não era sábio envolver-se tanto com a menininha, avisou a si mesma. Não quando a menina estava ligada tão estreitamente a um homem que fazia Natasha desejar coisas que tinha posto de lado. Spence sorriu para ela. Não, não era sábio, pensou de novo. Mas era irresistível.

Catapora — repetiu a palavra. Spence, parado na porta, olhava a menininha dormir. — Um presente de aniversário e tanto, meu anjo.

Em dois dias, a filha faria 6 anos e, então, de acordo com o médico, estaria coberta de erupções, agora restritas à barriga e ao peito.

Uma epidemia, dissera o pediatra. Iria embora por si só. Para ele, era fácil dizer, pensou Spence. Não eram os olhos da filha dele que lacrimejavam. Não era o bebê dele que estava com 37,8°C de febre.

Ela nunca ficara doente antes, lembrou ele enquanto esfregava os olhos cansados. Ah, uns resfriados, vez por outra, mas nada que um pouco de carinho, atenção e uma aspirina infantil não resolvessem. Enfiou os dedos nos cabelos. Freddie gemia no sono e tentava encontrar um lugar frio no travesseiro.

A ligação de Nina não ajudara. Ele precisou ser enérgico para evitar que ela pegasse o avião e batesse em sua porta. Isso não a impediu de dizer que Freddie, provavelmente, contraíra catapora por estar freqüentando a escola pública. Um absurdo, sem dúvida, mas, quando olhou para a filhinha, jogada na cama, o rosto vermelho de febre, a culpa era quase insuportável.

A lógica lhe dizia que catapora fazia parte da infância. O coração dizia que ele deveria ser capaz de descobrir um modo de curá-la.

Pela primeira vez, percebeu o quanto queria alguém a seu lado. Não para assumir o controle nem para poupá-lo das obrigações como pai, apenas para estar ali, para compreender o que significava ver a filha doente, machucada ou infeliz. Alguém com quem conversar de madrugada, quando as preocupações ou os prazeres o mantivessem acordado.

Quando pensava nesse alguém, só Natasha lhe vinha à mente.

Um grande passo, lembrou-se e voltou para a cabeceira da cama. Um passo que não tinha certeza se seria capaz de dar de novo e se firmar nos dois pés.

Colocou um pano úmido, trazido por Vera, na testa de Freddie para refrescá-la. Os olhos da menina se abriram.

— Papai?

— Sim, bonequinha. Estou aqui.

O lábio inferior tremeu.

— Estou com sede.

— Vou pegar algo para você beber.

Doente ou não, ela sabia como manipulá-lo.

— Quero um fresco. Posso tomar um Kool Aid?¹

Ele deu-lhe um beijo no rosto.

— Claro. De que tipo?

— Do azul.

— Do azul. — Ele deu-lhe outro beijo. — Volto já. — Estava no meio das escadas quando, simultaneamente, o telefone e a campainha tocaram. — Droga! Vera, atenda o telefone, por favor. — Irritado, escancarou a porta da frente.

O sorriso ensaiado por Natasha a tarde inteira desapareceu.

— Desculpe. Cheguei em má hora.

— É. — Mesmo assim, puxou-a para dentro. — Espere um minuto. Vera, puxa vida! — acrescentou, quando viu a governanta chegar. — Freddie quer um Kool Aid, o azul.

— Vou preparar. — Vera cruzou as mãos no avental. — A sra. Barklay está no telefone.

— Diga a ela... — Spence calou-se, soltando um palavrão. Vera retorceu a boca. Ele não gostava de contar nada a Nina. — Está bem. Vou atender.

— Melhor eu ir embora — Natasha comentou, sentindo-se inconveniente. — Só vim porque você não foi à aula hoje e pensei que podia não estar bem.

— É Freddie. — Spence olhou o telefone e pensou se poderia estrangular a irmã pelo telefone. — Ela pegou catapora.

— Ah, pobrezinha! — Ela precisou controlar a vontade de subir e olhar a criança. Não é sua filha, lembrou-se. Não é sua

casa. — Não quero atrapalhar.

— Desculpe. As coisas estão um pouco confusas.

— Não precisa se desculpar. Espero que ela fique boa logo. Avise se eu puder fazer algo.

Nesse exato momento, Freddie chamou o pai numa voz, ao mesmo tempo, anasalada e chorosa.

Foi a rápida olhada de Spence em direção às escadas, como se não soubesse como agir, que fez Natasha ignorar o que julgava ser correto.

— Gostaria que eu subisse um minuto? Posso sentar com ela até você ter as coisas novamente sob controle.

— Não. Sim. — Spence deixou escapar um longo suspiro. Se não lidasse com Nina já, ela ligaria de novo. — Agradeço.

— No limite das forças, atendeu ao telefone. — Nina.

Natasha seguiu o brilho do abajur para encontrar o quarto de Freddie. Encontrou-a sentada na cama, cercada de bonecas.

Duas lágrimas escorriam-lhe pelo rosto.

— Quero meu pai — disse, infeliz.

— Ele já vem. — Emocionada, Natasha sentou-se na cama e abraçou Freddie.

— Não estou me sentindo bem.

— Eu sei. Vamos, asse o nariz.

Freddie obedeceu e depois recostou a cabeça no peito de Natasha. Suspirou, achando gostoso o peito acolchoado de Natasha, diferente do peito duro do pai.

— Eu fui ao médico e tomei remédio, então não posso ir à reunião das bandeirantes amanhã.

— Não vai ser a única reunião e você poderá ir quando o remédio fizer você melhorar.

— Estou com catapora — anunciou Freddie, dilacerada entre o desconforto e o orgulho. — E estou quente e me coçando.

— Catapora é uma bobagem — disse Natasha, confortando-a. Colocou os cabelos suados de Freddie atrás da orelha.

Freddie deu um sorrisinho.

— JoBeth teve a semana passada e Mikey também. Agora, não vou poder ter uma festa de aniversário.

— Você pode fazer a festa depois, quando todo mundo estiver bem de novo.

— Foi o que papai disse. — Uma nova lágrima caiu. — Não é a mesma coisa.

— Não, mas, às vezes, pode ser ainda melhor.

Curiosa, Freddie olhou a luz brilhar na argola dourada na orelha de Natasha.

— Como?

— Assim, você tem mais tempo para pensar em como vai se divertir. Gostaria de ir comigo para a cadeira de balanço?

— Sou grande demais.

— Eu não sou. — Enrolando Freddie numa colcha, Natasha a carregou até a cadeira branca de balanço. Tirou os bichinhos e colocou um coelho velho nos braços de Freddie. — Quando eu era pequena e ficava doente, minha mãe me embalava numa grande cadeira de balanço que rangia e ficava perto da janela. Ela cantava músicas para mim. Não importava o quanto eu me sentia mal, mas, quando ela me embalava na cadeira de balanço, eu me sentia melhor.

— Minha mãe não me embalava na cadeira de balanço. — A cabeça de Freddie doía e ela queria muito chupar o dedo, mas sabia ser muito grande para isso. — Ela não gostava de mim.

— Não é verdade. — Natasha instintivamente abraçou mais forte a criança. — Aposto que ela amava muito você.

— Ela queria que meu pai me mandasse embora.

Comovida, Natasha reclinou o rosto no topo da cabeça de Freddie. O que podia dizer agora? As palavras de Freddie tinham sido bastante diretas para considerá-las uma fantasia.

— Às vezes, as pessoas dizem coisas que não pensam, e depois se arrependem. Seu pai mandou você embora?

— Não.

— Está vendo?

— Você gosta de mim?

— Claro que gosto. — Ela balançou a cadeira, para a frente e para trás. — Gosto muito de você.

O balanço, o cheiro suave feminino e a voz acalmaram Freddie.

— Por que você não tem uma filhinha?

A dor estava lá, profunda, sombria. Natasha fechou os olhos para abafá-la.

— Talvez um dia eu tenha.

Freddie enroscou os dedos nos cabelos de Natasha, sentindo-se confortada.

— Você pode cantar como sua mãe fazia?

— Posso. E você vai tentar dormir.

— Não vai embora.

— Não. Vou ficar um pouco.

Spence as olhou da soleira da porta. Na luz fraca, pareciam tão lindas que seu coração ficou apertado: a criança de cabelos lisos nos braços da mulher de pele dourada, morena e cabelos encaracolados. Ouvia o som da cadeira de balanço ao mover-se para frente e para trás e a voz de Natasha cantando antigas músicas folclóricas ucranianas de sua infância.

Isso o emocionou de forma tão intensa, tão absoluta quanto ter aquela mulher nos braços o emocionara. E ainda assim de um jeito tão diferente, tão calmo, que ele queria ficar parado ali olhando a noite inteira.

Natasha levantou o rosto e o viu. Ele parecia tão esgotado que ela teve que rir.

— Ela dormiu.

Se suas pernas estavam bambas, ele esperava que motivo fosse ter subido e descido as escadas inúmeras vezes nas últimas 24 horas. Exausto, sentou-se na beira da cama.

Observou o rosto vermelho da filha, apoiado em paz na dobra do braço de Natasha.

— Dizem que piora antes de melhorar.

— E isso mesmo. — Ela acariciou os cabelos de Freddie. — Todos nós tivemos catapora quando criança. Incrível! Todos sobrevivemos.

Ele deixou escapar um profundo suspiro.

— Estou me comportando como um idiota.

— Não, você está muito fofo. — Ela o fitou ainda a se balançar, pensando como devia ter sido difícil para ele criar um bebê sem o amor da mãe. Muito difícil, pensou, e merecia crédito por garantir à filha felicidade, segurança e por não ter medo de amar. Sorriu de novo.

— Toda vez que um de nós ficava doente quando criança, e ainda hoje, meu pai deixava o médico exausto, ia à igreja acender velas e depois recitava uma antiga reza cigana aprendida com a avó. Cercava por todos os lados.

— Por enquanto, só cansei o médico. — Spence conseguiu dar um sorriso. — Por acaso você se lembra da reza?

— Vou dizer por você. — Levantou-se com cuidado, com Freddie nos braços. — Posso deitá-la?

— Obrigado. — Juntos cobriram-na com a colcha. — De coração.

— Sempre às ordens. — Ela olhou a criança adormecida e, embora o sorriso fosse sincero, começava a se sentir desconfortável. — Melhor ir. Pais de crianças doentes precisam repousar.

— Posso, ao menos, oferecer-lhe um drinque? — Ele estendeu o copo. — Que tal um Kool Aid? É do azul.

— Acho que dispenso. — Ela contornou a cama e dirigiu-se à porta. — Quando a febre baixar, ela vai ficar entediada. Aí, então, você realmente vai ter que dar duro.

— Que tal algumas dicas? — Ele pegou a mão de Natasha e desceram juntos as escadas.

— Lápis-cera novos. Em geral, o melhor é o mais simples.

— Como alguém como você não tem uma penca de filhos? — Ele não precisou senti-la se contrair para saber ter dito a coisa errada. Podia ver a tristeza surgir e desaparecer de seus olhos. — Desculpe.

— Não precisa se desculpar. — Recobrada, pegou o casaco no corrimão da escada onde o pendurara. — Gostaria de visitar Freddie de novo, se não se importar.

Ele pegou o casaco e voltou a colocá-lo no mesmo lugar.

— Se você não quer o negócio azul, que tal um chá? Eu gostaria de ter companhia.

— Está certo.

— Só vou... — Virou-se e quase colidiu com Vera.

— Eu preparo o chá — disse Vera, dando uma última olhada para Natasha.

— Sua empregada acha que eu tenho planos para você.

— Espero que não a desaponte — disse Spence, conduzindo Natasha à sala de música.

— Receio desapontar vocês dois. — Riu e caminhou até o piano. — Mas você deve estar ocupado. Todas as jovens na faculdade falam do dr. Kimball. — Ela fez uma careta. — Você é um gato, Spence. A opinião popular está igualmente dividida entre você e o capitão do time de futebol.

— Muito engraçado.

— Não estou brincando, mas é engraçado deixar você encabulado. — Ela sentou-se e deixou os dedos correrem pelas teclas. — Você compõe aqui?

— Costumava compor.

— É ruim não compor mais. — Ela tocou uma série de teclas. — A arte é mais do que um privilégio. É uma responsabilidade. — Tentava reproduzir a melodia. Com um som impaciente, balançou a cabeça. — Não sei tocar. Era muito grande quando tentei aprender.

Ele gostava de vê-la sentada ali, os cabelos caídos nos ombros, quase lhe cobrindo o rosto, os dedos repousando de leve nas teclas do piano no qual ele tocava desde criança.

— Se quiser aprender, eu ensino.

— Eu preferia que você compusesse uma música.

Foi mais do que um impulso, pensou. Hoje, ele parecia precisar de um amigo. Ela sorriu e estendeu a mão.

— Aqui, amigo.

Ele ergueu o rosto quando Vera trouxe uma bandeja.

— Pode deixar ali, Vera. Obrigado.

— Querem algo mais?

Ele voltou o olhar para Natasha. Sim, queria algo mais. E muito.

— Não. Boa noite. — Ele ouviu os passos arrastados da empregada. — Por que está fazendo isso?

— Porque você precisa rir. Venha, componha uma música para mim. Não precisa ser boa.

Ele riu.

— Você quer que eu componha uma música ruim para você?

— Pode ser uma música horrorosa. Quando você tocá-la para Freddie, ela vai tapar os ouvidos e dar um sorriso amarelo.

— Uma música ruim é tudo o que posso compor ultimamente. — Mas estava satisfeito em sentar-se a seu lado. — Se eu concordar, preciso que você faça o juramento de não contar a nenhum de meus alunos.

— Juro.

Ele começou a dedilhar as teclas, Natasha interferindo vez por outra para acrescentar alguma nota, segundo sua inspiração. Não foi tão ruim quanto imaginava, considerou Spence tocando alguns acordes. Ninguém a consideraria brilhante, mas tinha um certo charme peculiar.

— Deixe-me tentar. — Afastando os cabelos, Natasha tentou repetir as notas.

— Aqui. — Como às vezes fazia com a filha, colocou as mãos por cima das de Natasha para guiá-las. A sensação era totalmente diferente. — Relaxe — murmurou em sua orelha.

Ela bem que gostaria.

— Odeio fazer alguma coisa malfeita — conseguiu dizer. Com a palma da mão firme por cima da dela, ele tentou se concentrar na música.

— Você está indo bem. — O cabelo suave e cheiroso tocou-lhe o rosto.

Enquanto se inclinavam sobre as teclas, não lhe ocorreu que ele não tocava piano há anos. Bem, tocara Beethoven, Gershwin, Mozart e Bernstein, mas por obrigação... Há muito tempo não se sentava diante das teclas por prazer.

— Não, não, um lá menor talvez.

Natasha, teimosa, voltou a tocar um si maior.

— Gosto mais desta.

— Essa nota faz ficar dissonante.

— Mas é essa a intenção.

Spence sorriu para ela

— Você quer colaborar?

— Você se sai melhor sem mim.

— Eu não acho. — O sorriso dele desapareceu. Segurou-lhe o rosto com a mão. — Não acho mesmo.

Não era isso que pretendia. Queria deixá-lo um pouco mais animado, ser sua amiga. Não queria despertar essas sensações nele, sensações que seria melhor ignorar. Mas elas estavam ali, pulsantes. Não importa quão intensa fosse sua força de vontade, ela não podia negá-las.

Mesmo o leve toque dos dedos em seu rosto a fazia desejar, ansiar, recordar.

— O chá está ficando frio. — Mas ela não se afastou, não tentou se levantar. Quando ele inclinou-se para beijá-la, apenas fechou os olhos. — Isso não vai nos levar a lugar nenhum.

— Já levou. — A mão de Spence moveu-se em suas costas, forte, possessiva, em contraste com o toque macio dos lábios. — Penso em você todo tempo, em estar com você, tocar você. Nunca desejei ninguém como desejo você. — Devagar, passou a mão em seu pescoço, em seu ombro, ao longo do braço até os dedos se entrelaçarem sobre as teclas do piano. — É como uma sede, Natasha, uma sede constante. E, quando estou junto de você, sei que você também se sente assim.

Ela desejava negar, mas a boca de Spence percorria-lhe o rosto com avidez, provocante, até ela tremer de desejo. E ela desejava ficar abraçada com ele, daquele jeito. No passado, havia sido fácil fingir não precisar ser desejada. Não, ela não precisara fingir. Até agora, até ele aparecer, havia sido verdade.

Agora, de repente, como uma porta se abrindo, como a luz sendo acesa, tudo mudara. Ela ansiava por ele e o sangue corria acelerado nas veias só de saber que ele a desejava. Mesmo que por um segundo, disse a si mesma, as mãos agarrando-lhe os cabelos para puxar a boca ao encontro da sua. Mesmo que só por esse segundo.

A sensação voltara; aquele redemoinho de sensações que se formava no instante em que ficavam juntos. Rápido demais, sensual demais, palpável demais para ser tolerado. Maravilhoso demais para resistir.

Era como se ele fosse o primeiro, embora não fosse. Era como se ele fosse o único, embora não fosse possível. Quando ela se entregou ao beijo, desejou desesperadamente que a vida recomeçasse naquele momento, com ele.

Havia mais do que paixão. As emoções que a invadiam quase o engoliram. Havia desespero, medo e uma generosidade sem limites que o deixavam atordoado. Nada voltaria a ser simples. Ao admitir isso, uma parte dele tentou recuar, pensar, raciocinar. Mas o gosto dela, quente, potente, só o fez aproximar-se ainda mais da chama.

— Espere. — Pela primeira vez, ela admitiu a própria fraqueza e deixou a cabeça repousar em seu ombro. — Estamos indo rápido demais.

— Não. — Ele passou os dedos nos cabelos de Natasha. — Já está levando anos.

— Spence. — Debatendo-se em busca de equilíbrio, ela sentou-se ereta. — Não sei o que fazer — disse, devagar, fitando-o. — É importante, para mim, saber o que fazer.

— Acho que podemos chegar a uma conclusão. — Mas, quando ele voltou a tocá-la, ela se ergueu e se afastou.

— Não é simples para mim. — Irritada, puxou os cabelos para trás com as duas mãos. — Eu sei que pode parecer fácil, devido ao jeito como correspondi. Eu sei que é mais fácil para os homens. De alguma forma, vocês se envolvem menos.

Ele levantou-se com cuidado, propositalmente.

— Por que não me explica isso?

— Só quis dizer que sei que os homens acham atitudes, como essa, menos difíceis de serem justificadas.

— Justificadas? — repetiu, girando nos calcanhares. Como ele podia ficar zangado tão rápido, quando minutos atrás se sentia tão enfeitiçado? — Do jeito como fala, parece um tipo de crime.

— Nem sempre encontro as palavras exatas — retrucou. — Não sou professora universitária. Não falei inglês até os 8 anos e não sabia ler até então.

Ele controlou a raiva ao observá-la. Os olhos dela estavam sombrios com algo mais do que raiva. Parada, imóvel, a cabeça erguida — mas ele não saberia dizer se a postura era de altivez ou autodefesa.

— O que isso tem a ver com o resto?

— Nada. E tudo. — Frustrada, dirigiu-se ao saguão para pegar o casaco. — Odeio me sentir tola, odeio ser tola. Não pertencço a este lugar. Não deveria ter vindo.

— Mas veio. — Ele a agarrou pelos ombros. O casaco escorregou e caiu no degrau inferior. — Por que veio?

— Não sei. Não importa.

Spence apertou-lhe o ombro, impaciente.

— Por que me sinto como se estivesse conversando com duas pessoas ao mesmo tempo? O que se passa em sua cabeça, Natasha?

— Eu quero você — disse, em tom apaixonado. — E não quero querer você.

— Você me quer. — Antes que ela pudesse escapulir, ele a puxou para mais perto. Não havia paciência no beijo, nem persuasão. Demorou um tempo até ela ter certeza de não ter mais nada a fazer. — Por que isso a aborrece? — murmurou, os lábios colados aos seus.

Incapaz de resistir, ela passou as mãos em seu rosto, emoldurando-o.

— Tenho minhas razões.

— Fale-me sobre elas.

Ela sacudiu a cabeça e, dessa vez, ao se afastar, ele a soltou.

— Não quero mudar minha vida. Se algo acontecesse entre nós, sua vida não mudaria, mas a minha poderia mudar. Quero ter certeza de que nada vai mudar.

— Essa conversa nos leva de novo àquela teoria de os homens e as mulheres pensarem diferente?

Ele pensou em quem teria magoado seu coração e não sorriu.

— Você parece mais inteligente. O que sinto por você já mudou minha vida.

Isso a assustou, porque a fez desejar acreditar.

— Sentimentos aparecem e desaparecem.

— Sim, é verdade. Alguns. E se lhe dissesse que estou me apaixonando por você?

— Eu não acreditaria. — A voz vacilou e ela curvou-se para pegar o casaco no chão. — E ficaria zangada com você por dizer isso.

— Talvez fosse melhor esperar até poder convencê-la. E se eu lhe dissesse que até conhecê-la não sabia me sentir solitário?

Ela abaixou o olhar, bem mais emocionada do que ficaria se ouvisse palavras de amor.

— Eu teria que pensar.

Ele voltou a tocá-la, apenas passando a mão em seus cabelos.

— Você reflete sobre tudo?

Os olhos eram eloqüentes ao fitá-lo.

— Sim.

— Então, reflita sobre isso. Não era minha intenção seduzir você. Não que eu não tenha pensado a respeito um bocado, mas não podia imaginar que acontecesse com minha filha doente no andar de cima.

— Você não me seduziu.

— Agora, você está tentando destruir meu ego.

As palavras a fizeram sorrir.

— Não houve sedução. O que implica em persuasão planejada. Eu não quero ser seduzida.

— Não vou me esquecer. De todas as maneiras, acho que não quero dissecar nossa relação como um estudante de música acerca de um concerto de Beethoven. Arruinaria o romance do mesmo jeito.

Natasha voltou a sorrir.

— Eu não quero romance.

— É uma lástima. — E uma mentira, pensou, lembrando-se de como ela reagira ao receber a rosa. — Já que a catapora vai me manter ocupado por uma ou duas semanas, você vai ter tempo para pensar. Você vai voltar?

— Para visitar Freddie. — Ela enfiou o casaco e rendeu-se. — E você.

Natasha cumpriu a palavra. O que começou com uma passada rápida para trazer um presente de incentivo para Freddie transformou-se, na maior parte, em cuidados com uma criança infeliz, cheia de erupções na pele e um pai exausto e histérico. Surpreendentemente, ela gostou e, nos dez dias seguintes, manteve o hábito de passar para visitá-los no intervalo do almoço para dar uma folga à ainda desconfiada Vera, ou depois do trabalho, para dar a Spence uma merecida hora de paz e calma.

Quanto ao romance, dar banho com permanganato numa menina cheia de coceira deixava muito a desejar. Apesar disso, Natasha sentia-se cada vez mais atraída por Spence e cada vez mais apaixonada pela filha dele.

Ela viu-o fazer o possível para alegrar a paciente, desconfortável e triste em seu aniversário, depois o ajudou um bocado com um casal de gatinhos, presente pedido por Freddie. Quando a coceira desapareceu e o tédio se instalou, Natasha substituiu as histórias, pois a imaginação começava a falhar, com suas próprias histórias.

— Só mais uma história.

Natasha cobriu a menina até o pescoço.

— Você disse isso três histórias atrás.

— Mas você conta umas muito boas.

— Elogios não vão levá-la a lugar nenhum. Já passou da minha hora de dormir. — Natasha levantou a sobrancelha e olhou o grande relógio vermelho. — E da sua.

— O médico disse que eu podia voltar à escola na segunda-feira. A doença não está mais "fecciosa".

— Infeciosa — corrigiu Natasha. — Você vai ficar feliz em encontrar de novo as amigas.

— Mais ou menos. — Envergonhada, Freddie brincou com a ponta da colcha. — Você vem me visitar quando eu não estiver mais doente?

— Acho que sim. — Ela curvou-se e ergueu um dos gatinhos, que miava. — E para ver Lucy e Desi.

— E papai.

Cuidadosa, Natasha acariciou as orelhas do gatinho.

— Sim, suponho.

— Você gosta dele, não gosta?

— Sim. Ele é um ótimo professor.

— Ele também gosta de você. — Freddie não contou ter visto o pai beijar Natasha no pé da cama na noite anterior, quando eles acharam que ela já estava dormindo. Olhá-los despertou uma sensação esquisita no estômago dela. Entretanto, após um minuto, notou ser a sensação esquisita algo bom.

— Você vai se casar com ele e morar com a gente?

— Bem, isto é uma proposta de casamento? — Natasha conseguiu sorrir. — Acho ótimo que você queira, mas sou apenas amiga de seu pai. Como sou sua amiga.

— Se você morar aqui, a gente vai continuar amiga.

A criança era tão inteligente quanto o pai.

— Não vamos ser amigas se eu morar na minha casa?

— Acho que sim. — Ela fez biquinho. — Mas eu preferia que você morasse aqui, como a mãe de JoBeth mora como ela. Ela faz bolinhos.

Natasha curvou-se esfregando o nariz nela.

— Então, você me quer aqui só por causa dos meus bolinhos?

— Eu amo você. — Freddie atirou os braços em volta do pescoço de Natasha e apertou-os. — Eu vou ser uma menina comportada se você vier.

Surpresa, Natasha abraçou a menina bem apertado e balançou-a.

— Ah, meu bebê, eu amo você também.

— Então, case com a gente.

Colocado dessa maneira, Natasha não tinha certeza se devia rir ou chorar.

— Eu não acho que casar agora seja a solução para nenhum de nós. Mas vou continuar sendo sua amiga, visitar você e contar histórias.

Freddie deu um longo suspiro. Ela sabia quando um adulto tentava esquivar-se e percebeu ser mais inteligente recuar um passo. Especialmente quando já tomara sua decisão. Natasha era exatamente a mãe que queria. E havia um bônus extra: Natasha fazia seu pai rir. Freddie decidiu, naquele instante, que seu desejo de Natal mais secreto e solene seria que Natasha se casasse com seu pai e trouxesse para a casa uma irmãzinha.

— Promete? — pediu Freddie.

— Juro. — Natasha beijou-lhe a sua face. — Agora, é hora de dormir. Vou procurar seu pai para ele subir e lhe dar um beijo de boa noite.

Freddie fechou os olhos, os lábios curvados num sorriso misterioso.

Com o filhotinho no colo, Natasha desceu as escadas. Pusera de lado a contabilidade e o inventário mensal da loja para visitá-los hoje. Ia ficar acordada até altas horas, decidiu, esfregando o gatinho contra o rosto.

Teria que tomar cuidado com Freddie e consigo mesma. Uma coisa era ter se apaixonado pela pequena, mas outra bem diferente era a menina amá-la o bastante para querê-la como mãe. Como esperar de uma criança de 6 anos a compreensão de que, com frequência, os adultos tinham problemas e medos que lhes tornavam impossível pegar uma estrada simples?

A casa estava quieta e a luz da sala de música, acesa. Ela colocou o gatinho no chão, sabendo que ele correria em disparada para a cozinha.

Encontrou Spence na sala de música, deitado no sofá de dois lugares, as pernas penduradas para o lado de fora. De moletom surrado e descalço, lembrava apenas vagamente o brilhante compositor e professor de música. Também não se barbeara, e Natasha foi forçada a admitir que a sombra da barba apenas o deixava ainda mais atraente, principalmente porque os cabelos estavam desalinhados, sem ver o toque de um barbeiro há uma ou duas semanas.

Dormia profundamente, um travesseiro amassado embaixo da cabeça. Vera havia lhe contado que Spence permanecera duas noites acordado, durante o pior período de febre e desconforto da filha.

Tinha conhecimento, também, que ele fizera malabarismos para respeitar os compromissos na faculdade, alternando-os com idas em casa durante o dia. Mais de uma vez, em suas visitas, encontrara-o ocupadíssimo com o trabalho.

No início, via-o como um homem mimado, cujos talentos e posição herdara. Talvez ele tivesse nascido com talento, pensava agora, mas dera duro tanto por ele quanto pela filha. Não havia nada que admirasse mais num homem.

Estou me apaixonando por ele, admitiu. Por seu sorriso e seu temperamento, sua devoção e sua energia. Talvez, quem sabe, um dia pudessem dar algo um ao outro. De forma cautelosa, cuidadosa, sem promessas.

Ela queria ser amante dele. Nunca antes desejara tanto algo. Com Anthony, simplesmente acontecera, atordoando-a, uma montanha-russa, para depois destruí-la. Não seria assim com Spence. Nada voltaria a feri-la tão profundamente. E com ele havia uma chance, apenas uma, de felicidade.

Não deveria agarrá-la? Movendo-se com lentidão, desdobrou a manta de lã azul-claro, dobrada nas costas do sofá, para cobri-lo. Fazia muito tempo que não se arriscava. Talvez a hora houvesse chegado. Curvou-se e roçou os lábios na testa dele. E o homem também.

O gato preto soltou um miado de aviso. Uma rajada de vento abriu a porta com uma batida e uma risada demoníaca ecoou. O barulho de gotas escorrendo pelas paredes e caindo no chão liso de concreto era acompanhado pelo som de prisioneiros arrastando correntes. Ouviu-se um grito agudo, seguido por um longo e desesperado gemido.

— Fantásticas essas gravações — comentou Annie, estourando uma bola de chiclete.

— Devia ter encomendado mais desses discos. — Natasha pegou uma peruca laranja e colocou-a num fofo urso de pelúcia transformando-o num demônio de Halloween. — Este é o último.

— A partir de amanhã, você vai ter que começar a pensar no Natal — Annie colocou para trás o chapéu de bruxa e sorriu, mostrando os dentes pretos. — Lá vem os meninos Freedmont. — Esfregou as mãos e ensaiou uma gargalhada diabólica. — Se essa roupa servir para alguma coisa, serei capaz de transformá-los em sapos.

Ela não obteve êxito, mas, pelo menos, vendeu-lhes sangue de mentirinha e cicatrizes de látex.

— Só queria saber o que esses pequeninos e adoráveis seres estão planejando para a vizinhança hoje à noite. — mencionou Natasha.

— Nada de bom. — Annie curvou-se debaixo de um morcego pendurado. — Não está na hora de ir embora?

— Sim, num minuto. — Tentando ganhar tempo, Natasha brincou com seu reduzido estoque de máscaras e narizes falsos. — O focinho de porco vendeu mais do que eu havia imaginado. Não me dei conta de quantas pessoas iam querer se vestir como animais da fazenda. — Ela pegou um deles para colocar em cima do nariz. — Talvez devêssemos mantê-los à venda o ano todo.

Reconhecendo a tática da amiga, Annie passou a língua nos dentes para evitar rir.

— Foi muito gentil de sua parte oferecer-se para ajudar na decoração da festa de Freddie hoje.

— Que bobagem! — disse Natasha, odiando-se por estar nervosa. Tirou o focinho de porco, passou a mão numa tromba enrugada de elefante presa em gigantescos óculos. — Já que dei a idéia de fazer uma festa de Halloween para compensar a festa de aniversário que não pôde dar por estar doente, achei que devia ajudar.

— Hum-hum. Será que o pai dela vai aparecer vestido de Príncipe Encantado?

— Ele não é o Príncipe Encantado.

— Então, o Lobo Mau? — Com uma risada, Annie ergueu as mãos num gesto de paz. — Desculpe. É tão estranho ver você nervosa!

— Não estou nervosa. — Que mentira!, admitiu Natasha enquanto colocava no saco algumas de suas contribuições para a festa. — Você sabe, você é bem-vinda na festa.

— Agradeço muito. Melhor ficar em casa e protegê-la de bandidos pré-adolescentes. E não se preocupe — completou antes que Natasha pudesse falar —, vou trancar a porta.

— Está bem. Talvez eu também... — Natasha calou-se quando a porta se abriu. Outro cliente, supôs. Oba, teria mais tempo para se preparar. Ao ver Terry, não foi possível dizer quem ficou mais surpreso. — Oi.

Com um nó na garganta, ele tentou reconhecê-la naquele traje.

— Tash?

— Eu mesma. — Esperando que ele a tivesse perdoado, sorriu e estendeu a mão. Ele trocara de lugar na sala de aula e toda vez que ela tentava se aproximar ele se esgueirava. Agora, parecia ter caído numa armadilha, embaraçado e inseguro. Terry apertou a mão estendida depois voltou a enfiá-la no bolso.

— Não esperava encontrá-la aqui.

— Não? — Inclinou a cabeça. — Esta é minha loja. — Ela pensou se isso lhe daria uma pista de como estava certa ao dizer quão pouco a conhecia e sua voz suavizou-se. — Sou dona da loja.

— Você é a dona? — Ele olhou à volta, incapaz de esconder a forte impressão causada. — Uau! Uma loja e tanto.

— Obrigada. Você veio comprar algo ou apenas olhar?

No mesmo instante, ruborizou-se. Uma coisa era entrar numa loja e outra entrar numa cuja dona era a mulher a quem declarara seu amor.

— Eu só... hã...

— Algo para Halloween? — perguntou, na tentativa de ajudá-lo. — Vai ter festa na faculdade.

— Sim, bem. Achei que podia usar algo. Eu sei que é bobo, mas...

— Halloween é um negócio muito sério aqui na *Fun House* — disse Natasha, solene. Enquanto falava, outro grito ecoou dos alto-falantes. — Está vendo?

Encabulado por ter se assustado, Terry deu um risinho sem graça.

— É. Bem, eu estava pensando numa máscara ou algo assim. Você sabe... — As mãos grandes e ossudas agitaram-se no ar, depois voltaram para os bolsos.

— Gostaria de algo assustador ou engraçado?

— Não sei. Não pensei nisso.

Compreensiva, Natasha resistiu à vontade de dar-lhe uma palmadinha no rosto.

— Talvez tenha alguma idéia enquanto olha o que sobrou. Annie, este é meu amigo, Terry Maynard. Ele é violinista.

— Oi. — Annie olhou os óculos escorregarem pelo nariz ao menear a cabeça num cumprimento e o achou adorável. —

Estamos com pouca variedade, mas ainda temos umas coisas bem legais. Por que não me acompanha e dá uma olhada? Vou ajudá-lo a escolher algo.

— Preciso ir embora — disse Natasha pegando as duas sacolas, esperando que a visita os tivesse colocado numa situação mais equilibrada. — Divirta-se em sua festa, Terry.

— Obrigado.

— Annie, veja você de manhã.

— Certo, e não coma muitas maçãs. — Afastando novamente o chapéu de bruxa dos olhos, Annie sorriu para Terry. — Então, você é violinista.

— E. — Ele acompanhou Natasha com o olhar. Quando a porta se fechou, sentiu dor, mas bem pequenininha. — Estou fazendo uns cursos de graduação na universidade.

— Legal. Ei, você sabe tocar *Turkey in the Straw*?²

Do lado de fora, Natasha ficou na dúvida se deveria passar em casa para pegar o carro. O ar frio e o dia claro a fizeram mudar de idéia. As folhas das árvores tinham mudado de cor. O *patchwork* glorioso da semana anterior, com suas folhas escarlates e tons vivos de laranja e amarelo, tinha passado para um tedioso tom marrom-dourado. Folhas secas curvadas pendiam dos galhos caíam nos meio-fios e espalhavam-se pelas calçadas. As folhas rangiam sob seus pés no curto percurso.

As flores imunes ao frio permaneciam, espalhando um cheiro gostoso muito diferente das pesadas fragrâncias do verão. Mais fresco, mais puro, mais suave, pensou Natasha enquanto caminhava.

Deixou a rua principal, onde cercas vivas e grandes árvores ocultavam as casas. Lanternas enfeitavam entradas e varandas, rindo à espera de serem acesas ao anoitecer. Ali e acolá, efígies em camisas de flanelas e jeans rasgados pendurados em galhos desnudos. Bruxas e fantasmas estofados com palha sentados nos degraus, esperando assustar e alegrar as crianças que passavam.

Se alguém lhe perguntasse por que escolhera uma cidade pequena para se estabelecer, essa seria uma das respostas. As pessoas ali tinham tempo — tempo para esculpir uma abóbora, tempo para pegar um monte de roupas velhas e vesti-las num cavaleiro sem cabeça. Hoje à noite, antes do pôr-do-sol, as crianças correriam pelas ruas, vestidas como fadas ou duendes. Suas bolsas ficariam cheias de balas compradas em lojas e de doces caseiros, enquanto os adultos fingiriam não reconhecer os andarilhos, palhaços e demônios em miniatura. A única coisa que as crianças teriam a temer era de faz-de-conta.

Sua criança teria 7 anos!

Natasha fez uma pausa por um instante, apertando a pião no estômago até a dor e a lembrança serem bloqueadas. Quantas vezes dissera a si mesma que o passado deveria ser esquecido? E quantas vezes esse passado iria retornar e retalhá-la em pedaços?

Verdade que a dor vinha com menos frequência agora mas continuava bastante aguda, e sempre inesperada. Podiam se passar dias, até mesmo meses, para de repente vir à tona, abatendo-se sobre ela, deixando-a um pouco atordoada, um pouco frágil, como uma mulher que tivesse batido com a cabeça na parede.

O motor de um carro acelerou. Ouviu a buzina.

— Ei, Tash!

Ela piscou e conseguiu erguer a mão numa saudação, embora não pudesse identificar o motorista, que seguiu seu caminho.

Vivia o presente, pensou, tentando concentrar-se de novo no redemoinho de folhas. Vivia o aqui. Não havia volta. Anos antes, convencera-se de só poder andar para a frente. Deliberadamente, respirou fundo, aliviada ao sentir a calma chegar. Hoje, não era dia para tristezas. Prometera uma festa a outra criança e pretendia organizá-la.

Não pôde deixar de sorrir ao subir os degraus da casa de Spence. Ele se mantivera ocupado, dava para perceber. Duas enormes lanternas de abóbora flanqueavam a entrada. Representando a Comédia e a Tragédia, uma apresentava um sorriso e a outra uma cara zangada. Ao longo do corrimão, um lençol branco fora arrumado de forma a parecer que o fantasma estava em pleno vôo Morcegos de papelão com olhos vermelhos pendurados nas calhas. Numa cadeira de balanço velha, ao lado da porta, um terrível monstro sentado, segurando uma cabeça risonha na mão. Na porta, uma bruxa, em tamanho natural, mexendo um caldeirão fervendo.

Natasha bateu debaixo do nariz de verrugas da bruxa. Ela ria quando Spence abriu a porta.

— Doces ou travessuras — disse.

Ele ficou sem fala. Por um momento, pensou estar imaginando coisas, só podia ser. A cigana da caixa de música estava parada à sua frente, ouro em abundância nas orelhas e pulsos. O cabelo encaracolado, preso numa echarpe safira esvoaçando quase até sua cintura. Mais ouro pendurado no pescoço e correntes grossas e enfeitadas acentuavam-lhe a figura esbelta. O vestido vermelho era justo, colado na parte superior, com a saia rodada, e trazia xales coloridos presos na cintura.

Os olhos enormes e escuros, misteriosos graças às artes femininas. Os lábios cheios e vermelhos abriram-se ao dar uma volta. Ele levou alguns segundos para ver tudo em detalhes, até a renda preta na barra. Parecia estar parado na porta há horas.

— Tenho uma bola de cristal — disse a ele, pegando no bolso uma pequena e transparente esfera. — Se você colocar moedas de prata na minha mão, posso ler sua sorte.

— Meu Deus! — conseguiu dizer. — Você está linda!

Ela riu e entrou.

— Fantasias. A noite de hoje privilegia as fantasias. — Percorrendo o lugar com o olhar, colocou a bola de cristal de volta no bolso. Mas a imagem da cigana e o mistério permaneceram. — Onde está Freddie?

A mão dele ficara imóvel na fechadura.

— Está... — Levou um tempo até o cérebro voltar a funcionar. — Está na casa de JoBeth. Quis aproveitar sua saída para arrumar tudo.

— Boa idéia. — Examinou o moletom cinza e os tênis empoeirados. — Esta é sua fantasia?

— Não. Eu estava pendurando teias de aranhas.

— Vou lhe dar uma ajuda. — Sorrindo, entregou-lhe as sacolas. — Eu tenho algumas travessuras e alguns doces. Qual você prefere primeiro?

— Você precisa perguntar? — disse baixinho, e, envolvendo-lhe a cintura com o braço, trouxe-a com força para si.

Ela jogou a cabeça para trás, expressões de raiva e de desacato nos olhos e na ponta da língua. Em seguida, a boca de Spence encontrou a sua. As sacolas escorregaram de suas mãos. Os dedos livres mergulharam nos cabelos dele.

Não era o que ela queria. Mas era do que precisava. Sem hesitação, os lábios se afastaram, convidativos. Ouviu o gemido baixo de prazer misturar-se ao seu. Parecia normal, absolutamente normal abraçá-lo assim, na porta da casa dele, em meio ao perfume das flores outonais, ao ar fresco e à cortante brisa.

Era perfeito. Ele podia sentir e provar o quanto era perfeito ter o corpo dela pressionado contra o seu, os lábios dela quentes e ágeis. Não era ilusão. Ela não era uma fantasia, apesar dos xales coloridos e do reluzente ouro. Ela era real, estava ali e lhe pertencia. Antes de a noite terminar, ele provaria isso a ambos.

— Ouço violinos — murmurou Spence, percorrendo-lhe o pescoço com os lábios.

— Spence. — Ela só podia ouvir as batidas do coração ressoando em sua cabeça. Lutando por recobrar a sanidade, empurrou-o. — Você me obriga a fazer coisas que eu digo a mim mesma que não deveria. — Depois de recuperar o fôlego, deu-lhe um olhar sério. — Vim ajudá-lo a arrumar a festa de Freddie.

— E eu fico grato. — Devagar, fechou a porta. — Pendure o jogo de colocar o nariz na abóbora. Eles estão no primeiro ano.

Natasha tocou na aranha de borracha pendurada por um fio e a fez rodopiar.

— Não é muito assustadora. Uma vez, meus irmãos fizeram uma casa mal-assombrada. Taparam os meus olhos e os de Rachel para nos levar até a casa. Mikhail colocou minha mão numa bacia de uvas e me disse serem olhos.

— Isso é nojento — decidiu Spence.

— Sim. — Ficou encantada ao recordar. — Depois, tinha outra bacia... De macarrão.

— Deixa pra lá! — interrompeu-a. — Já entendi.

Ela riu, ajeitando o brinco.

— De qualquer modo, me diverti muito, e sempre desejei ter tido a idéia primeiro. As crianças hoje ficariam muito desapontadas se não tivéssemos alguns monstros esperando por elas. Depois que tiverem se assustado, o que desejam do fundo do coração, aí você acende as luzes para verem que é tudo de mentirinha.

— Uma pena não termos uvas.

— Não faz mal. Quando Freddie for mais velha, vou lhe ensinar como fazer mãos feridas cheias de sangue, feitas de luva de borracha.

— Mal posso esperar.

— E a comida?

— Vera foi ao supermercado. — Com a máscara no topo da cabeça, Spence deu um passo atrás a fim de analisar a sala. Parecia bom, realmente ótimo, ver os resultados e saber que ele e Natasha tinham feito tudo juntos. — Ela fez tudo. Desde os ovos recheados até o ponche da bruxa. Você sabe o que seria fantástico? Uma máquina de gelo seco.

— Esse é o espírito da coisa. — O sorriso dele a fez rir e desejar beijá-lo. — No próximo ano.

Ele gostava de ouvir isso, percebeu. No próximo ano, e no seguinte. Um pouco tonto com a rapidez dos pensamentos, ele apenas a observou.

— Algo errado?

Spence sorriu.

— Não. Está tudo perfeito.

— Tenho os prêmios aqui. — Com as pernas doendo, Natasha se sentou no braço da cadeira ao lado de um diabo espreguiçando-se. — Para os jogos e fantasias.

— Você não precisava.

— Eu disse que queria. Este é meu favorito. — Ela pegou um crânio, ligou-o e, ao colocá-lo no chão, ele saiu andando, sem o corpo, os olhos vazios piscando.

— Seu favorito? — Com uma careta, Spence o pegou e o deixou vibrando na mão.

— Sim. Aterrorizante. — Inclinou a cabeça. — Diga: "Ai de mim, pobre Yorick!"³

Ele riu e desligou-o. Depois, colocou a máscara.

— "Oh, se esta carne, sólida, tão sólida se desfizesse."⁴ — Ele gargalhava ao se aproximar e pegá-la no colo. — Nos dê um beijo.

— Não — decidiu depois de uma pausa. — Vocês são feios.

— OK. — Obediente, ele voltou a tirar a máscara. — E agora?

— Pior ainda. — Séria, cobriu-lhe o rosto com a máscara.

— Muito engraçado.

— Não, mas pareceu necessário. — Dando-lhe o braço, observou a sala. — Acho que você vai fazer o maior sucesso.

— Nós vamos fazer o maior sucesso — corrigiu-a.

— Você sabe que Freddie é louca por você.

— Sei. — Natasha deu-lhe um sorriso sincero. — É mútuo.

Ouviram o barulho da porta da frente e um grito.

— Por falar em Freddie...

As crianças foram chegando, a princípio em grupos pequenos, depois em bandos. Quando o relógio tocou as seis badaladas, a sala estava apinhada de bailarinas e piratas, monstros e super-heróis. A casa mal-assombrada provocou falta de ar, berros e estremecimentos. Ninguém foi bastante corajoso para percorrer sozinho a casa, embora muitos a percorressem duas, três vezes. Ocasionalmente, uma alma valente ganhava coragem suficiente para encostar o dedo na múmia ou tocar a capa do vampiro.

Quando acenderam as luzes, ouviram suspiros de desapontamento e outros, de alívio. Freddie, fantasiada de boneca de pano, abriu, animada, os presentes atrasados.

— Você é um pai maravilhoso — murmurou Natasha.

— Obrigado. — Ele entrelaçou os dedos nos dela, sem se preocupar se era certo ficarem juntos e observarem a festa de sua filha. — Por quê?

— Porque você não precisou tomar nenhum comprimido para dor de cabeça e mal piscou quando Mikey derrubou ponche no seu tapete.

— Isso porque preciso poupar forças para enfrentar Vera quando ela descobrir. — Spence desviou a tempo de evitar uma colisão com uma princesa de conto de fadas perseguida por um duende. Berros ecoavam em cada canto da sala, pontuados pelas batidas e gemidos do disco. — Quanto à aspirina... por quanto tempo eles podem se manter em atividade?

— Ah, bem mais do que nós.

— Como você me consola!

— Vamos começar as brincadeiras agora. Você vai se surpreender ao ver como duas horas podem passar rápido.

Ela estava com a razão. Quando os vários narizes tinham sido presos na proximidade da cabeça da abóbora, quando as danças das cadeiras passaram a ser apenas uma doce lembrança, depois do desfile de fantasias e da premiação, quando a última maçã caramelada sumiu e o último jogo terminou, os pais começaram a chegar para buscar seus relutantes Frankensteins e duendes. Mas a diversão não terminara.

Em grupos, a criançada percorria as casas da vizinhança gritando "doces ou travessuras" para receber balas e maçãs carameladas. A ventania da noite e o crepitar das folhas eram coisas de que se lembrariam bem depois do último chocolate consumido.

Já se aproximava das 22h quando Spence conseguiu colocar uma exausta e excitada Freddie na cama.

— Foi o melhor aniversário da minha vida — disse ao pai. — Ainda bem que peguei catapora.

Spence esfregou o dedo na sarda cor-de-abóbora que o sabonete não conseguira limpar.

— Não sei se chega a tanto, mas estou feliz por você ter se divertido.

— Posso comer...? — Deu-lhe um beijo no nariz.

— Não. Se comer mais um pedaço de doce, você vai explodir.

Ela gargalhou e, como estava cansada demais para tentar qualquer artimanha, aninhou-se no travesseiro. As memórias giravam em sua cabeça.

— No ano que vem, quero me vestir de cigana como Tash, está bem?

— Claro. Agora, vai dormir. Vou levar Natasha em casa, mas Vera está aqui.

— Você vai se casar logo com Tash, para ela ficar com a gente?

Spence ficou boquiaberto. Freddie bocejou.

— De onde você tira essas idéias? — murmurou.

— Quanto tempo demora até eu ganhar uma irmãzinha? — perguntou, mergulhando no sono.

Spence afagou-lhe o rosto, agradecido por ela ter, enfim, dormido e ele não precisar responder.

No andar de baixo, encontrou Natasha limpando a bagunça. Ela puxou os cabelos para trás, quando ele entrou.

— Quando você vê uma zona dessas, sabe que a festa foi um sucesso. — Algo na expressão do rosto dele a fez apertar os olhos. — Algo errado?

— Não. Não. É Freddie.

— Ela está com dor de barriga? — disse, na mesma hora sentindo pena da criança.

— Ainda não. — Ele sacudiu os ombros com um meio sorriso. — Ela sempre consegue me surpreender. Não — disse, e pegou o saco de lixo de sua mão. — Você já trabalhou demais.

— Não me importo.

— Eu sei.

Antes que ele pudesse segurar-lhe a mão, ela cruzou-as.

— Está na hora de ir. Amanhã é sábado, nosso dia mais movimentado.

Ele se questionou como seria se pudessem simplesmente subir as escadas e ir para o quarto dele. Para a cama dele.

— Vou levá-la em casa.

— Não precisa.

— Eu gostaria. — A tensão retornara. Entreolharam-se e ele compreendeu que ela sentia o mesmo. — Está cansada?

— Não. — Era chegada a hora de dizer algumas verdades. Ele tinha feito o que ela pedira e fora apenas o pai de Freddie durante a festa. Agora, a festa terminara. Mas não a noite.

— Gostaria de dar uma caminhada?

Os cantos de sua boca levantaram-se e ela colocou a mão na dele.

— Sim, gostaria.

Esfriara; o vento anunciava a proximidade do inverno. No céu, a lua cheia e branca cintilava. Nuvens sobrevoavam o céu, formando sombras. Ouvia o eco de gritos risadas da garotada remanescente abafando o som do crepitar das folhas. Inevitavelmente, o grande carvalho da esquina estava coberto de papel higiênico, obra dos adolescentes.

— Adoro esta época — murmurou Natasha. — Principalmente à noite, quando tem uma suave brisa. Você pode sentir o cheiro da fumaça das chaminés.

Na rua principal, crianças maiores e adolescentes ainda perambulavam usando máscaras assustadoras, os rostos pintados. Uma pobre imitação de um urro de lobo ressoou, seguido por um berro feminino e risadas. Um carro cheio de diabos parou tempo suficiente para se debruçarem nas janelas e berrarem.

Spence viu o carro virar a esquina, os passageiros ainda uivando.

— Não posso me lembrar de ter estado em nenhum outro lugar onde o Halloween fosse levado tão a sério.

— Espere até ver o que acontece no Natal.

A abóbora de Natasha brilhava na entrada do prédio, ao lado de uma tigela quase cheia de doces. Havia uma placa na porta: "Pegue apenas um. Ou então..."

Spence balançou a cabeça.

— Isso funciona?

Natasha apenas olhou a placa.

— Eles me conhecem.

Inclinando-se, Spence pegou um.

— Posso tomar um *brandy* com o doce?

Ela hesitou. Se o deixasse entrar, seria inevitável recomeçar de onde o beijo parara. Fazia dois meses; dois meses de encantamento, de adiamento, de pretextos. Ambos sabiam que isso teria de acabar, cedo ou tarde.

— Claro. — Ela abriu a porta e o convidou a entrar. Foi direto para a cozinha servir os drinques. Era sim ou não, disse a si mesma. Sabia a resposta bem antes desta noite, estava preparada. Mas como ele agiria? Como ela agiria? E como, após viverem tantas coisas juntos, poderia conseguir fingir não querer mais?

Não podia querer mais, avisou a si mesma. Não importavam os sentimentos que nutrisse por ele, mesmo que fossem profundos, muito mais do que ousava admitir. A vida precisava continuar como era. Sem promessas, sem obrigações. Sem corações partidos.

Ele voltou-se quando ela retornou à sala, mas nada disse, assaltado por pensamentos confusos, embaralhados. O que ele queria? Ela, com certeza. Mas quanto poderia aceitar? Muito ou pouco? Estava certo de que nunca mais se sentiria desse jeito. Mais do que certo de nunca mais querer se sentir assim. Apesar disso, parecia muito natural toda vez que a olhava.

— Obrigado. — Ele pegou o copo, fitando-a enquanto bebia. — Você sabe, a primeira vez que dei uma palestra, fiquei parado no tablado, minha mente vazia. Por um terrível instante, não conseguia me lembrar nada do que planejava dizer. Estou enfrentando exatamente o mesmo problema agora.

— Você não precisa dizer nada.

— Não é tão fácil quanto imaginei. — Ele pegou-lhe a mão, surpreso por encontrá-la fria e trêmula. Instintivamente, levantou-a para colocar os lábios na palma da mão. Ajudou saber que ela estava tão nervosa quanto ele.

— Não quero assustá-la.

— Isso me assusta. — Ela podia sentir a sensação perpassá-la. — Às vezes, as pessoas dizem que eu penso demais. Talvez seja verdade. Se for, é porque eu sinto tudo com muita intensidade. Houve uma época... — Ela retirou as mãos, querendo ser forte. — Houve uma época — repetiu — em que deixei os sentimentos decidirem por mim. Alguns erros nós pagamos até a morte.

— Isto não é um erro. — Ele descansou o copo para tomar-lhe o rosto entre as mãos.

Os dedos dela enroscaram-se em seus punhos.

— Eu não quero que seja. Não pode haver promessas, Spence, porque prefiro não ouvi-las a vê-las quebradas. Não preciso de palavras bonitas, não as quero. Elas são ditas com muita facilidade. — O aperto de suas mãos estreitou-se. — Quero ser sua amante, mas preciso de respeito, não de poesia.

— Já terminou?

— Preciso que compreenda — insistiu.

— Começo a entender. Você deve tê-lo amado um bocado.

Ela deixou as mãos caírem, mas se controlou antes de responder.

— Sim.

Doeu, o que o surpreendeu. Ele não podia se sentir ameaçado por alguém pertencente ao passado. Ele também tinha um passado. Mas *se sentia* ameaçado e *se sentia* ferido.

— Não me importa quem ele era e não dou a mínima para o que aconteceu. — Era uma mentira, percebeu, uma mentira com a qual teria de lidar, cedo ou tarde. — Mas não quero que pense nele quando está comigo.

— Eu não penso, não do jeito como você imagina.

— De jeito nenhum.

Ela levantou a sobrancelha.

— Você não pode controlar meus pensamentos, não pode me controlar.

— Você está enganada. — Inflamado por um ciúme incontrolável, puxou-a para seus braços. O beijo era zangado, exigente, possessivo. E tentador. Sentiu-se tão tentada a se submeter que lutou para se desvencilhar.

— Você não vai me dominar. — A voz era desafiadora por ter medo de estar enganada.

— Devo me submeter às suas regras, Natasha?

— Sim. Se forem justas.

— Para quem?

— Para nós dois. — Ela pressionou os dedos nas têmporas por um momento. — Não devíamos ficar zangados. — disse, mais baixo. — Desculpe. — Ela contraiu os ombros e deu um sorriso brando. — Tenho medo. Faz muito tempo que não tenho ninguém, que não quero ter.

Ele pegou o *brandy*, olhando a bebida enquanto sacudia o copo.

— Eu não consigo ficar zangado com você.

— Gostaria de pensar em nós dois como amigos. Nunca fui amiga de um amante.

E ele nunca se apaixonara por uma amiga. Era uma imensa e assustadora constatação — que estava seguro de não poder expressar em voz alta. Talvez, se parasse de se comportar de modo tão deselegante, pudesse mostrar-lhe.

— Somos amigos. — Estendeu a mão e enroscou os dedos nos dela. — Amigos confiam um no outro, Natasha.

— Sim.

Ele mirou as mãos unidas.

— Por que não...?

Um barulho na janela o interrompeu. Antes que ele se movesse, Natasha apertou-lhe a mão. Só levou um momento para perceber que ela não estava assustada, mas alegre. Ela levou um dedo de sua mão livre aos lábios.

— Acho que é uma boa idéia ser amiga de meu professor — disse, levantando a voz e fazendo um gesto para que Spence continuasse a falar.

— Eu, é, estou feliz por Freddie e eu termos encontrado tantas pessoas legais desde que nos mudamos. — Intrigado, viu Natasha mexer numa gaveta.

— É uma cidade encantadora. É claro, às vezes enfrentamos problemas. Você não ouviu falar da mulher que escapou do hospício?

— Que hospício? — Diante do olhar impaciente, ele se recobrou. — Não, acho que não.

— A polícia está mantendo a fuga em segredo. Sabem que ela está na área e não querem que as pessoas entrem em pânico. — Natasha experimentou a lanterna que pegara e acenou em aprovação ao constatar que as baterias funcionavam. — Ela é louca, você sabe, e gosta de seqüestrar crianças pequenas. Principalmente meninos. Depois, ela os tortura de uma maneira odiosa. Em noites de lua cheia, ela os ataca, silenciosa, diabólicamente. Depois, antes que eles possam gritar, ela os agarra pelo pescoço.

Assim dizendo, ela abriu a cortina de supetão. Com a lanterna acesa debaixo do queixo, pressionou o rosto contra o vidro e riu.

Gritos ecoaram. Depois, o barulho de uma queda, um berro e passadas desnorteadas.

Rolando de rir, Natasha recostou-se no parapeito da janela.

— Os meninos Freedmont — explicou quando recuperou o fôlego. — No ano passado, eles penduraram um rato morto na porta de Annie. — Ela pressionou a mão no coração quando Spence aproximou-se para espiar pela janela. Tudo o que pôde ver foi duas sombras correndo pela rua.

— Acho que você virou o jogo.

— Ah, você devia ter visto a cara deles! — Ela enxugou uma lágrima dos cílios. — Acho que os corações só vão voltar a bater quando cobrirem as cabeças com as cobertas.

— Esse vai ser um Halloween inesquecível.

— Toda criança devia se lembrar de um bom susto sempre. — Ainda sorrindo, voltou a colocar a lanterna debaixo do queixo. — O que você acha?

— Já é tarde para me assustar. — Ele pegou a lanterna e a pôs de lado. Fechando a mão sobre a dela, ele a levantou. — Chegou a hora de descobrir o quanto há de ilusão e o quanto há de realidade. — Devagar, ele fechou as cortinas.

Era real. Dolorosamente real. A sensação da boca na dela não deixava dúvidas de que ela estava viva e voraz. A hora, o local, nada significavam. Podiam não passar de ilusões. Mas ele não era uma ilusão. Nem o desejo. Ela sentiu o desejo consumi-la ao sentir os lábios se encontrarem.

Não, não era simples. Desde o primeiro beijo, desde que se permitira ser tocada por ele, tinha consciência de que o que acontecesse entre eles nunca seria simples. Ainda assim, era isso que estava tão segura de desejar. Simplicidade, uma estrada sem sacolejos, um caminho cômodo.

Não com ele. E nunca mais novamente.

Aceitando o destino, envolveu-o com os braços. Hoje não haveria passado nem futuro. Apenas um momento que agarrariam com as duas mãos e o aproveitariam.

Respondendo e desejando em uníssono, eles se uniram. A luz suave perto da porta desenhava as silhuetas na parede, uma única sombra a se mover quando eles se moveram, e, depois, imobilizou-se.

Quando ele a pegou no colo, ela protestou. Tinha dito que não seria dominada. E falava sério. Não obstante, ao aconchegar-se não se sentiu fraca, sentiu-se amada. Para demonstrar gratidão e receptividade, pressionou os lábios em seu pescoço. Quando ele a levou para o quarto, ela se permitiu ceder.

Depois, só existia o luar penetrando através da fina cortina, suave, mansamente, como um amante deveria entrar pela janela, ao encontro da amada. Seu amante nada disse ao colocá-la de pé junto à cama. O silêncio disse tudo.

Ela era exatamente como ele imaginara. Parecia impossível, mas era verdade. A imagem construída fora clara e vívida. Ele a vira com os cabelos fartos e despenteados caindo em volta do rosto, com os olhos escuros e firmes, a pele brilhando como o ouro que usava. E em suas fantasias vira muito, muito mais.

Lentamente, Spence retirou a echarpe de seus cabelos e a deixou cair no chão. Ela esperou. Com os olhos fixos nos seus, ele soltou cada um dos panos coloridos — safira, esmeralda, âmbar —, até estenderem-se como jóias a seus pés. Ela sorriu. Com os dedos, ele afastou o vestido dos ombros dela e comprimiu os lábios na pele desnuda.

Um suspiro e um estremecimento. Depois, ela o buscou, tentando respirar ao tirar-lhe a camisa pela cabeça. A pele dele era sedosa e lisa sob as palmas das mãos. Ela podia sentir os músculos estremecerem ao contato de suas mãos. Quando os olhos mantiveram-se fixos nos dele, ela viu o calor e a fúria da paixão que os ensombreciam.

Ele precisou lutar contra os instintos para não lhe rasgar o vestido, destruindo as barreiras e tomando o que estava sendo oferecido. Ela não o teria interrompido. Podia ver nos olhos — em parte, desafiantes, em parte, conscientes, e completamente desejosos.

Mas ele fizera uma promessa. Embora ela alegasse não querer promessas, ele pretendia mantê-la. Ela teria romance, tanto quanto ele fosse capaz de proporcionar. Lutando contra a impaciência, desabotoou a fileira de botões nas costas do vestido. Os lábios de Natasha curvaram-se ao pressioná-los contra seu peito. Sentiu as mãos macias dela roçando sua pele quando desceu a calça até os quadris. Quando o vestido escorregou para o chão, ele a puxou para um demorado e sensual beijo.

Ela se desequilibrou. Parecia tolice, mas estava tonta. As cores pareciam dançar em sua cabeça, numa frenética sinfonia. Os braceletes tiniram quando ele ergueu a mão dela para beijar-lhe o pulso, formando um pequeno círculo. Mais notas na música, ao tirar as anáguas coloridas uma após outra, o som do tecido sendo amassado.

Ele não imaginara que ela podia ser tão linda. Mas agora, parada à sua frente, coberta apenas por uma fina camiseta e pelo brilho do ouro, ela era mais do que um homem podia suportar. Os olhos semicerrados, a cabeça levantada — um orgulho que lhe caía bem. O luar dançava ao seu redor.

Devagar, ela ergueu os braços, cruzando-os na frente do corpo para afastar as alças finas dos ombros. O tecido colou-se aos seios, ali permanecendo por um breve instante, antes de cair no chão a seus pés. Agora, havia apenas o brilho do ouro em sua pele. Excitante, erótico, exótico. Ela esperou e depois ergueu novamente os braços — para ele.

— Quero você — disse Natasha.

Peles unidas, produzindo gemidos em ambos. Bocas unidas, enviando ondas de prazer e dor em ambos. Desejos unidos, deixando-os enlouquecidos.

Inevitável! Ela era o único pensamento a se infiltrar no caos da sua mente quando suas mãos percorreram o corpo dele. Nenhuma força tão forte, nenhum desejo tão profundo podia ser tão inevitável. Então, ela foi ao encontro dessa força, desse desejo, com o coração aberto.

A paciência foi esquecida. Ela despertava uma fome por muito tempo negada. Ele queria tudo, tudo o que ela era, tudo o que tinha. Antes que pudesse pedir, ela dava. Quando se deitaram na cama, as mãos dele já buscavam, ávidas, dar e receber prazer.

Ele tinha noção de que seria tão poderoso, tão intenso? Tudo nela era vívido e arrebatador. O gosto, uma intoxicante mistura de mel e uísque, ambos quentes. A pele, tão macia quanto pétalas de rosa molhadas de orvalho. O perfume, tão estimulante quanto a própria paixão. Sua vontade, tão cortante quanto uma lâmina recém-afiada.

Ela curvou-se, oferecendo, desafiando, gritando sempre que ele buscava e revelava cada segredo. O prazer abateu-se sobre ele quando o corpo pequeno e ágil colou-se ao seu. Forte, determinada, ela rolou por cima dele para conhecer, explorar, até a respiração lhe queimar os pulmões e o corpo tornar-se uma massa de sensações. Semi-enlouquecido, rolou com ela na cama, desarrumando os lençóis. Quando ele ergueu-se por cima dela, pôde ver a cortina selvagem dos cabelos como uma nuvem escura, o brilho rico e profundo de seus olhos presos aos dele. A respiração tão acelerada quanto a dele, o corpo tão faminto.

Nunca antes, deu-se conta — nem nunca mais —, encontrara alguém que combinasse tanto com ele, de maneira tão perfeita. Tudo o que ele queria, ela queria, tudo o que ele desejava, ela desejava. Antes que pudesse pedir, ela respondia. Pela primeira vez na vida, sabia o que era fazer amor com a mente, o coração, a alma e o corpo.

Ela não pensou em mais ninguém, em nada a não ser nele. Quando ele a tocou, era como se nunca houvesse sido tocada antes. Quando ele pronunciou seu nome, foi a primeira vez que ela o ouviu. Quando a boca procurou a sua, foi o primeiro beijo, o beijo pelo qual tanto esperara, tanto ansiara toda a vida.

As mãos se encontraram, os dedos se entrelaçando como uma única mão. Eles se fitaram quando ele a penetrou. E havia uma promessa, ambos perceberam. Num momento de pânico, ela balançou a cabeça. Em seguida ele moveu-se dentro dela, e ela o acompanhou.

— De novo — foi tudo o que ele disse quando ele a puxou contra o corpo.

— Spence...

— De novo. — A boca cobriu a sua, tirando-a do estado de sonho e mergulhando-a na paixão.

Ele a desejou com a mesma intensidade, agora que sabia o que podiam ter, mas com um fogo que se mantinha aceso, queimando lentamente. Dessa vez, embora o desejo ainda fosse voraz, a loucura foi menos intensa. Ele podia apreciar as curvas sutis, os ângulos suaves, os suspiros que despertava com apenas um toque. Era como fazer amor com alguma deusa primitiva, nua a não ser pelo ouro que lhe adornava a pele. Depois de tanto tempo de sede, ele saciou-se devagar, sem pressa, depois do primeiro e sedento gole.

Como ela pôde imaginar o que era amar e ser amada por um homem? Havia prazeres que, como mulher, sabia nunca ter experimentado antes. Então, isso era se sentir impregnada, afogada, saciada. Passou as mãos pelo corpo dele, absorvendo as eróticas sensações da ponta da língua, o arranhar dos dentes, as carícias daqueles dedos hábeis. Não, esses eram prazeres novos, muito novos. E tinham gosto de liberdade.

Quando a lua planou alta no céu, ela a acompanhou.

— Pensei que sabia como seria ficar com você. — Com a cabeça de Natasha repousada no ombro, Spence subia e descia os dedos pelo braço dela. — Não cheguei nem perto.

— Eu achei que nunca estaria aqui com você. — Ela sorriu na escuridão. — Estava bem enganada.

— Graças a Deus. Natasha...

Sacudindo rapidamente a cabeça, ela colocou o dedo em seus lábios.

— Não diga nada. É fácil fazer promessas ao luar. — E fácil de acreditar, acrescentou em silêncio.

Embora impaciente, ele engoliu as palavras que desejava proferir. Uma vez, cometera um erro ao desejar demais e apressadamente. Estava determinado a não cometer erros com Natasha.

— Posso dizer que nunca mais vou olhar correntes douradas do mesmo modo de novo?

Rindo, ela deu-lhe um beijo no ombro.

— Sim, isso pode dizer.

Ele brincou com os braceletes.

— Posso dizer como estou feliz?

— Sim.

— E você?

Ela inclinou a cabeça para olhá-lo.

— Sim. Mais feliz do que jamais imaginei. Você me faz sentir... — Ela sorriu, movendo rapidamente os ombros. — Mágica.

— A noite de hoje foi mágica.

— Eu tinha medo — murmurou. — De você, de tudo. De mim mesma — admitiu. — Faz muito tempo.

— Para mim também. — Defrontado com o movimento impaciente, ele segurou-lhe o queixo com a mão. — Não estive com ninguém desde que minha esposa morreu.

— Você a amava muito? Desculpe — disse rápido, comprimindo os olhos. — Não é da minha conta.

— É sim. — Ele manteve os dedos firmes. — Eu a amei ou amei a idéia que fazia dela. Essa idéia partiu bem antes de ela morrer.

— Por favor. Não é hora de falar sobre o que passou.

Quando ela se sentou, ele a acompanhou, segurando-lhe os braços.

— Talvez não. Mas tem coisas que preciso dizer, coisas sobre as quais precisamos conversar.

— O que aconteceu antes é tão importante?

Ele ouviu um traço de irritação em sua voz e desejou poder descobrir o motivo.

— Acho que pode ser.

— O momento é agora. — Ela cruzou as mãos sobre as dele. Era o mais perto de uma promessa que ousava fazer. — Agora, eu quero ser sua amiga e sua amante.

— Então, seja ambos.

Ela se acalmou com um esforço proposital.

— Talvez eu não queira falar sobre outras mulheres enquanto estou na cama com você.

Spence percebeu que ela estava pronta para discutir. Com um movimento, ele a derrubou e aproximou-se para tocar sua testa com os lábios.

— Vou concordar com você, por enquanto.

— Obrigada. — Ela afagou-lhe os cabelos. — Gostaria de passar esta noite com você, a noite toda. — Com um meio sorriso, ela meneou a cabeça.

— Você não pode ficar.

— Eu sei. — Ele segurou-lhe a mão para levá-la aos lábios. — Freddie me faria algumas perguntas embaraçosas no café-da-manhã.

— Ela é uma menina de sorte.

— Não gosto de sair assim.

Natasha sorriu e o beijou.

— Eu compreendo, desde que a outra mulher tenha apenas 6 anos.

— Vejo você amanhã. — Curvando-se ainda mais, aprofundou o beijo.

— Sim. — Com um suspiro, ela o abraçou. — Mais uma vez — murmurou, puxando-o para a cama. — Só mais uma vez.

Natasha sentou-se à escrivaninha, em seu apertado escritório nos fundos da loja. Tinha chegado cedo para colocar em dia o lado burocrático do negócio. O livro de contabilidade estava atualizado, as faturas preenchidas. Com o Natal a menos de dois meses, finalizara os pedidos e estocara parte da mercadoria em todo espaço disponível. Gostava de se sentir rodeada pelos desejos das crianças e saber que, na manhã de Natal, os brinquedos guardados em caixas provocariam gritos de alegria e deslumbramento.

Mas precisava também se concentrar no lado prático. Apenas começara a pensar nas vitrines, enfeites e descontos. Teria que decidir, em breve, se pretendia contratar funcionários para ajudá-la no período de festas.

Naquele dia, no meio da manhã, Annie encarregava-se da loja enquanto anotações e livros espalhados cercavam Natasha. Tinha a loja e os estudos, e levava ambos muito a sério.

A prova sobre a época barroca se aproximava e ela pretendia mostrar a seu professor — seu amante — que podia se sair bem.

Talvez não fosse tão importante provar que aprendera e retivera o aprendizado. Mas houve épocas em sua vida em que a fizeram se sentir inadequada, até mesmo estúpida. Isso Spence jamais poderia entender. A menininha com um inglês capenga, a magra adolescente mais preocupada com a dança do que com os livros escolares, a bailarina que lutara tanto para o corpo suportar a dureza dos treinos, a jovem que ouvira o coração e não a razão.

Ela deixara de ser todas essas pessoas, mas ainda assim era todas elas. Precisava do respeito de Spence por sua inteligência, que ele a visse como igual, não apenas como a mulher que desejava.

Agia como uma tola. Com um suspiro, reclinou-se na cadeira e brincou com as pétalas da rosa vermelha no vaso. Equivocara-se a respeito de Spence. Spence não se parecia com Anthony. Excetuando a vaga semelhança física, os dois eram o oposto um do outro. Na verdade, um era um brilhante bailarino e o outro um brilhante músico, mas Anthony fora egoísta, desonesto e, no final, covarde.

Ela nunca conhecera um homem mais generoso e gentil que Spence. Ele era bondoso e honesto. Ou estaria deixando seu coração falar? Podia ser. Mas o coração não vinha com garantia, como um brinquedo eletrônico. Todo dia que passava com ele, sentia-se cada vez mais apaixonada. Tão apaixonada que havia momentos, momentos terríveis, em que desejava jogar tudo para o alto e revelar que oferecera o coração a um homem antes, um coração puro e frágil, e ele lhe devolvera o coração machucado.

Não, não havia garantia.

Como podia ousar arriscar-se novamente? Mesmo sabendo que agora era diferente, muito diferente do que acontecera com a jovem de 17 anos, como podia correr o risco de se abrir e se submeter à dor e à humilhação?

Melhor deixar tudo como estava. Eles eram dois adultos se divertindo. E eram amigos.

Tirando a rosa do vaso, passou-a no rosto. Era uma pena que ela e o amigo só pudessem passar poucas horas a sós. Precisavam cuidar da criança, e também dos compromissos e responsabilidades. Mas, nessas horas, quando seu amigo se tornava seu amante, ela sabia o verdadeiro significado da felicidade.

Voltando à realidade, recolocou a rosa no vaso e concentrou-se nos estudos. O telefone tocou cinco minutos depois.

— Bom dia. *Fun House*.

— Bom dia, executiva.

— Mamãe!

— Então, você está ocupada ou tem um minuto para falar com sua mãe?

Natasha agarrou o telefone com ambas as mãos, adorando o som da voz da mãe.

— Claro que tenho. Todos os minutos que quiser.

— Fiquei preocupada. Faz duas semanas que não liga.

— Desculpe. — Por duas semanas, um homem tinha sido o centro de sua vida. Mas não poderia contar isso à mãe. —

Como você está? E papai? E todo mundo?

— Eu, papai e todo mundo estamos bem. Papai conseguiu um aumento.

— Que maravilha!

— Mikhail não está mais saindo com a garota italiana. — Nadia deu graças a Deus em ucraniano e Natasha riu. — Alex está saindo com todas as garotas. Garoto esperto, meu Alex. E Rachel só tem tempo para os estudos. E Natasha?

— Natasha está bem. Estou comendo bem e dormindo bastante — acrescentou, antes que Nadia perguntasse.

— Ainda bem. E sua loja?

— Estamos nos preparando para o Natal e espero que este seja melhor do que o do ano passado.

— Quero que pare de mandar dinheiro.

— E eu quero que pare de se preocupar com seus filhos.

O suspiro de Nadia fez Natasha sorrir. Era uma antiga discussão.

— Você é uma mulher muito teimosa.

— Como minha mamãe.

Era verdade, e Nadia, obviamente, não pretendia ceder.

— Conversaremos sobre isso quando você vir para o Dia de Ação de Graças.

Dia de Ação de Graças, pensou Natasha. Como podia ter esquecido? Prendendo o aparelho entre a orelha e o ombro, folheou o calendário. Faltavam menos de duas semanas.

— Não posso discutir com minha mãe no Dia de Ação de Graças. — Natasha anotou um lembrete para ligar para a estação de trem. — Chego na quarta à noite. Levo o vinho.

— Traga você.

— Eu e o vinho. — Natasha fez outra anotação. A época não era apropriada para viajar, mas nunca deixara de comparecer, e nunca deixaria, a um feriado em casa. — Vou ficar feliz em ver todos vocês de novo.

— Talvez você traga um amigo.

Era outra rotina antiga, mas, dessa vez, pela primeira vez, Natasha hesitou. Não, disse a si mesma, sacudindo a cabeça. Por que Spence ia querer passar o Dia de Ação de Graças no Brooklyn?

— Natasha. — O apurado sexto sentido de Nadia obviamente, percebera o debate mental da filha. — Você tem um amigo?

— Claro! Um monte de amigos.

— Não banque a espertinha com sua mãe. Quem é ele?

— Ninguém. — Depois revirou os olhos quando Nadia começou a cobri-la de perguntas. — Está bem, está bem. Ele é um professor universitário. Viúvo — acrescentou. — Com uma filha pequena. Eu só estava pensando se eles gostariam de companhia para o feriado, só isso.

— Ah!

— Não me venha com esse significativo "Ah!", mamãe. Ele é um amigo, e gosto muito da menina.

— Há quanto tempo você o conhece?

— Eles se mudaram no final do verão. Estou assistindo a um de seus cursos e a menininha vem à loja de vez em quando.

— Era tudo verdade, pensou. Não toda a verdade, mas verdade. Ela desejou que seu tom de voz fosse mais normal. — De qualquer jeito, vou perguntar se ele gostaria de ir.

— A menina pode dormir com você e Rachel.

— Sim, se...

— O professor pode ficar no quarto de Alex e Alex pode dormir no sofá.

— Ele pode já ter feito planos.

— Você pergunta.

— Está bem. Se tiver oportunidade.

— Você pergunta — repetiu Nadia. — Agora, volte ao trabalho.

— Sim, mamãe. Eu amo você.

Pronto, falei, pensou Natasha ao desligar. Já podia imaginar a mãe, parada perto da mesinha de telefone bamba, esfregando as mãos.

O que ele acharia de sua família, e ela dele? Será que ele gostaria de uma refeição farta e simples? Ela pensou no primeiro jantar juntos: na mesa elegante, no serviço discreto e tranquilo. De qualquer modo, ele já devia ter planos, supôs Natasha. Não ia se preocupar com o assunto.

Vinte minutos depois, o telefone tocou de novo. Era, provavelmente, sua mãe, pensou Natasha, com mais uma dúzia de perguntas sobre o tal "amigo". Preparada para a discussão, Natasha atendeu.

— Bom dia. *Fun House*.

— Natasha.

— Spence? — Automaticamente, olhou o relógio. — Por que não está na universidade? Está doente?

— Não, não. Vim em casa no intervalo entre as aulas. Tenho mais ou menos uma hora livre. Preciso que venha aqui.

— Na sua casa? — Havia urgência na voz, mas nada que a fizesse pensar em desastre, mas simplesmente em excitação. —

Por quê? O que houve?

— Você vem, não vem? Não é nada que eu possa explicar. Preciso mostrar. Por favor.

— Claro, está bem. Tem certeza de que não está doente?

— Absoluta. — Ela ouviu o riso e descontraíu-se. — Não, não estou doente. Nunca me senti melhor. Apresse-se.

— Dez minutos. — Natasha pegou o casaco. O tom de voz era diferente. Feliz? Não. Exaltado, empolgado. Que motivos teria um homem para ficar empolgado no meio da manhã? Talvez estivesse doente. Calçando as luvas, entrou correndo na loja.

— Annie, eu tenho que... — Parou, piscou e depois ficou boquiaberta ao ver Annie trocando um beijo apaixonado com Terry Maynard. — Eu... desculpe.

— Oh, Tash, Terry só... Bem, ele... — Annie soprou para afastar os cabelos dos olhos e deu uma risadinha tola. — Você vai sair?

— Sim. Preciso ver alguém. — Natasha mordeu o lábio para conter uma risada. — Não vou demorar mais de uma hora. Pode cuidar de tudo?

— _ Claro. — Annie ajeitou os cabelos, enquanto Terry, parado a seu lado, expunha vários tons de vermelho no rosto. — A manhã foi tranquila. Não precisa se apressar.

Talvez o mundo tivesse decidido enlouquecer hoje, pensou Natasha saindo às pressas. Primeiro, a ligação da mãe, já se preparando para expulsar Alex do quarto para hospedar um estranho. Spence pedindo que fosse à casa dele para ver... algo no meio do dia. E, agora, Annie e Terry se beijando ao lado da caixa registradora. Bem, ela podia lidar com uma coisa de cada vez. Spence parecia ser o primeiro da lista.

Subiu as escadas de dois em dois, convencida de que ele sofria de alguma espécie de febre. Quando ele abriu a porta, antes que ela a alcançasse, ficou convencida disso. Os olhos brilhando, o rosto ruborizado, o suéter amarrotado, o nó da gravata desfeito.

— Spence, você está...?

Antes que pudesse completar a frase, ele a agarrou, apertando a boca na sua, enquanto a girava.

— Pensei que você nunca chegaria.

— Vim o mais rápido que pude. — Instintivamente, colocou a mão na testa dele. Depois, o olhar dele a fez franzir os olhos. Não, não era febre, percebeu. Pelo menos, não do tipo que exigisse atendimento médico. — Se você me fez correr da loja até aqui por causa disso, eu vou bater em você com toda força.

— Para...? Não — respondeu, dando uma risada. — Embora seja uma excelente idéia. Uma idéia realmente excelente. — Ele voltou a beijá-la até que ela acabou por concordar com ele. — Sinto que poderia fazer amor com você por horas, dias, semanas.

— Podem sentir sua falta na aula — murmurou. Controlando-se, deu um passo atrás. — Você pareceu excitado. Ganhou na loteria?

— Melhor. Venha aqui. — Lembrando-se da porta, ele a fechou e puxou Natasha para a sala de música. Não diga nada. Apenas sente-se.

Ela obedeceu, mas, quando ele foi para o piano, ela voltou a se levantar.

— Spence, eu adoraria ouvir um concerto, mas...

— Não fale — disse, impaciente. — Apenas ouça.

E começou a tocar. Ela levou alguns minutos para se dar conta de nunca ter ouvido aquela música. Nada que já tivesse sido composto. Um tremor percorreu-lhe o corpo. Ela apertou as mãos com força no colo.

Paixão. Cada nota transbordava paixão, levantava vôo, chorava, movida pela paixão. Ela só podia olhar fixo, vendo a intensidade nos olhos dele e a graça fluida dos dedos nas teclas. A beleza a dilacerou, dando pontadas profundas em seu coração e em sua alma. Como podia exprimir seus sentimentos, seus mais íntimos sentimentos numa música?

Quando a melodia cresceu, seu pulso bateu agitado. Ela não podia falar, mal podia respirar. Depois, a música transformou-se em notas tristes e fortes. E vivas. Fechou os olhos, emocionada, sem tomar consciência de que lágrimas começavam a jorrar de seus olhos.

Ao terminar, ela se sentou, muito quieta.

— Não preciso lhe perguntar o que achou — murmurou Spence. — Posso ver.

Ela simplesmente meneou a cabeça. Não tinha o que dizer. Não havia palavras.

— Quando?

— Nos últimos dias. — Arrebatado pela emoção despertada pela música, Spence se levantou, aproximou-se e segurou-lhe as mãos para levantá-la. Quando os dedos se encontraram, ela sentiu a intensidade despejada ao tocar a música por ele composta. — Voltou. — Ele pressionou-lhe as mãos nos lábios. — A princípio, foi aterrorizante. Eu podia ouvir a música na minha cabeça, do jeito como costumava ser no passado. É como estar no paraíso, Natasha. Não posso explicar.

— Não, não precisa. Eu ouvi.

Ela compreendia, ele concluiu. De algum modo, tinha certeza de que ela compreenderia.

— Eu achei que era apenas um desejo latente ou que quando eu me sentasse ali... — Voltou o olhar para o piano. — Tudo se desvaneceria. Mas não foi o que aconteceu. Fluiu. Céus, é como recuperar as mãos ou a visão.

— Sempre estive aí. — Ela levantou as mãos para o rosto dele. — Apenas estava em repouso.

— Não, *você* me trouxe a música de volta. Eu disse uma vez a você: minha vida mudou quando a conheci. Não sabia quanto. Foi graças a você, Natasha.

— Não, foi graças a você. Só a você. — Envolvendo-o com os braços, deu-lhe um beijo. — E é só o começo.

— Sim. — Ele enfiou os dedos em seus cabelos, inclinando-lhe o rosto. — Sim. — Ele aumentou a pressão quando ela tentou se afastar. — Se você prestou atenção se compreendeu, então sabe o que significa. E sabe o que sinto.

— Spence, não seria correto dizer nada agora. Suas emoções estão à flor da pele. O que você sente a respeito de sua música pode ser facilmente confundido com outras coisas.

— Isso é um absurdo. Você não quer me ouvir dizer que a amo.

— Não. — O pânico desceu-lhe pela espinha. — Não, não quero. Se você se importa comigo, não vai dizer.

— Você me coloca numa situação insustentável.

— Desculpe. Quero que você seja feliz. Enquanto as coisas transcorrerem como estão...

— E por quanto tempo as coisas podem prosseguir como estão?

— Eu não sei. Não posso lhe dizer as palavras que você quer me dizer. Nem mesmo sentir. Não posso. — Os olhos ergueram-se ao encontro dos dele. — Gostaria de poder.

— Ainda estou competindo com outra pessoa?

— Não. — Rapidamente, ela segurou-lhe as mãos. — O que senti por... antes — corrigiu — era uma fantasia. Uma fantasia de garota. Isto é fato. Apenas não me sinto forte o suficiente para assumir um compromisso.

Ou forte o suficiente para ceder, pensou ele. E isso o magoava. Talvez por desejá-la com tanta força, sua impaciência *acabava* , por pressioná-la, o que acabaria por afastá-los em vez de uni-los.

— Então, não vou dizer que amo você. — Ele beijou-lhe a testa. — E que preciso de você em minha vida. — Beijou-lhe os lábios, de leve. — Ainda não. — Os dedos enroscaram-se nos dela, apertando-os. — Mas vai chegar o dia, Natasha, em que vou dizer, e você vai escutar. E responder.

— Nossa, parece uma ameaça!

— Não, é uma dessas promessas que você não quer ouvir. — Ele beijou-lhe os dois lados do rosto. — Preciso voltar.

— Eu também. — Ela pegou as luvas e ficou mexendo-as inquieta nas mãos. — Spence, você não imagina o quanto significa para mim você ter desejado dividir toda essa emoção comigo. Conheço a sensação de ter perdido parte de mim mesmo. Estou muito orgulhosa de você e por você. E estou feliz por ter comemorado comigo.

— Volte hoje, jante comigo. Nós nem começamos ainda a comemorar.

Ela voltou a sorrir.

— Eu adoraria.

Normalmente, ela não comprava champanhe, mas pareceu apropriado. Até mesmo necessário. Uma garrafa de vinho não seria o suficiente para retribuir o que ele lhe proporcionara aquela manhã. A música, em si, era um presente que sempre guardaria como um tesouro.

E, com a música, ele lhe dera tempo e um vislumbre de esperança.

Talvez ele a amasse. Se ela realmente acreditasse nos sentimentos dele, esperaria um tempo até o sentimento se solidificar. Se acreditasse, teria de lhe contar tudo. A confissão, mais até do que os próprios medos, a retinha.

Ela precisava de tempo, assim como ele. Mas, hoje, a noite era de comemoração. Natasha bateu na porta e tentou sorrir serenamente para Vera.

— Boa noite.

— Senhorita. — Com esse cumprimento seco, Vera escancarou a porta. Guardava sua opinião sobre Natasha para si mesma. É verdade, a mulher fazia o *señor* feliz e parecia gostar muito de Freddie. Mas, depois de mais de três anos tendo os dois só para si, Vera tinha receio de dividi-los. — O dr. Kimball está na sala de música com Freddie.

— Obrigada. Trouxe vinho.

— Pode me entregar.

Com um suspiro, Natasha viu Vera se afastar. Quanto mais a governanta se mantinha firme, mais determinada Natasha se mostrava em conquistá-la.

Ouviu as risadas de Freddie ao se aproximar da sala de música. E outras. Ao chegar à porta, viu Freddie e JoBeth abraçadas e rindo. E por que não?, pensou Natasha com um sorriso. Spence usava um capacete ridículo e um tubo de papelão como arma.

— Passageiras clandestinas em meu navio serão oferecidas como comida para o monstro Beta — comunicou. — Ele tem dentes de 2 metros e um hálito terrível.

— Não! — Olhos arregalados, coração disparando de alegria e medo, Freddie correu para se esconder. — Não, o monstro Beta, não!

— Ele prefere menininhas. — Com uma risada diabólica, agarrou a barulhenta JoBeth pelo braço. — Ele come os menininhos de uma vez só, mas ele mastiga e mastiga e mastiga quando eu lhe dou menininhas.

— Que nojento! — JoBeth cobriu a boca com as duas mãos.

— Pode apostar. — Assim dizendo, Spence debruçou-se e surgiu com Freddie se debatendo. — Façam suas preces, vocês estão prestes a servir de prato principal.

Em seguida, com um gemido rouco, caiu no sofá com as duas.

— Vencemos você! — anunciou Freddie, subindo em cima dele. — As Irmãs Maravilha venceram você.

— Desta vez, mas, da próxima, será o monstro Beta.

Afastando os cabelos dos olhos, viu Natasha parada na soleira da porta. — Oi. — Ela pensou como o sorriso dele era adoravelmente tímido. — Sou um pirata espacial.

— Ah! Agora entendi. — Antes que pudesse entrar na sala, as duas meninas abandonaram o pirata espacial e se atiraram em seus braços.

— A gente sempre ganha dele — contou Freddie. — Sempre, sempre.

— Fico contente em saber. Não gostaria de saber de ninguém sendo engolido pelo monstro Beta.
— Ele inventou essa história — disse JoBeth, esperta — O dr. Kimball inventa umas histórias bem maneiras.
— E, eu sei.
— JoBeth também vai ficar para jantar. Você é a convidada de papai e ela a minha. Vocês vão ser servidas primeiro.
— Quanta gentileza! — Ela curvou-se, beijou Freddie e JoBeth. — Como vai sua mãe?
— Ela vai ter um bebê. — JoBeth esfregou o rosto e deu de ombros.
— Ouvi dizer. — Natasha afagou os cabelos da menina. — Você está tomando conta dela?
— Ela não fica mais enjoada de manhã, mas papai disse que ela vai ficar gorda.

Morrendo de inveja, Freddie se mexia irrequieta.

— Vamos para meu quarto — falou a JoBeth. — Podemos brincar com os gatinhos.

— Lavem as mãos e os rostos — disse Vera quando apareceu com um balde de gelo e taças. — Depois, desçam para jantar, andando como senhoritas e não correndo como elefantes. — Ela fez sinal para Spence. — A Srta. Stanislaski trouxe champanhe.

— Obrigado, Vera. — Tardiamente, lembrou-se de remover o capacete.

— O jantar será servido em dez minutos — comunicou ela, e se foi.

— Agora, ela tem certeza de que tenho planos para você — murmurou Natasha. — E tem certeza de que estou atrás de sua fortuna.

Com uma risada, ele tirou a rolha da garrafa.

— Não tem problema, mas eu sei que você está apenas interessada no meu corpo. — A espuma subiu até a borda das taças e depois recuou.

— Eu gosto muito do seu corpo. — Com um sorriso, aceitou a taça de champanhe.

— Então, talvez queira usufruir dele mais tarde. — Ele fez um brinde. — Freddie me fez jurar que a deixaria dormir na casa dos Riley. Para eu não me sentir abandonado, podia passar a noite com você. A noite toda.

Natasha tomou o primeiro gole de champanhe, saboreando o sabor da bebida borbulhando em sua língua.

— Está bem — disse, sorrindo.

Natasha observou as sombras formadas pelas luzes das velas espalhadas no quarto, brincando nas cortinas, na parte superior da velha cadeira de espaldar alto no canto, na pena de pavão que impulsivamente colocara numa garrafa de leite vazia para enfeitar a penteadeira. Seu quarto. Sempre tinha sido só seu. Até...

Com um suspiro, repousou a mão no coração de Spence.

O tempo tinha mudado. O vento forte trouxe uma chuva fria que batia contra as vidraças. Lá fora, a noite fria, o temporal prometia uma manhã fria e com neve.

O inverno sempre chegava mais cedo na pequena cidade situada aos pés das montanhas Blue Ridge. Mas ela se sentia aquecida, maravilhosamente aquecida, nos braços de Spence.

O silêncio entre eles era confortador, como o amor deitados juntinhos, parados, felizes por deixar as horas passarem, um segundo preguiçoso de cada vez. Cada um deles celebrava, em segredo, a constatação de que na manhã seguinte não iriam acordar sozinhos. A mão dele subiu pela coxa de Natasha, pelo quadril, até se entrelaçar com a dela.

Uma música tocava em sua cabeça — a música que ele lhe oferecera aquela manhã. Ela sabia que sempre se lembraria de cada nota, cada acorde, pelo resto da vida. E era apenas o começo para ele ou, melhor dizendo, um recomeço. A idéia a encantava. Nos próximos anos, ouviria a música dele e se lembraria do tempo que passaram juntos. Ao ouvi-la, voltaria a comemorar, mesmo que a música o afastasse dela.

Não obstante, precisava perguntar:

— Você vai voltar para Nova York?

Ele passou os lábios em seus cabelos.

— Por quê?

— Você voltou a compor. — Ela podia imaginar Spence em Nova York, usando smoking, assistindo à estréia de sua própria sinfonia.

— Não preciso estar em Nova York para compor. E tenho mais motivos para ficar aqui.

— Freddie.

— Sim, Freddie e você.

O movimento agitado remexeu as cobertas. Ela podia vê-lo depois da sinfonia em uma festa íntima, talvez no Rainbow Room, ou num clube privado. Ele dançaria com uma linda mulher.

— A Nova York onde viveu é diferente da minha.

— Imagino que sim. — Ele se perguntou por que ela se importaria com isso. — Você pensa em voltar?

— Para morar, não. Só para visitar. — Era tolo, pensou, ficar nervosa em perguntar algo tão simples. — Minha mãe me ligou hoje.

— Está tudo bem?

— Está. Só ligou para me lembrar do Dia de Ação de Graças. Eu quase esqueci. Todo ano, fazemos um grande jantar e comemos muito. Você vai para casa passar o feriado?

— Estou em casa.

— Estou falando de sua família. — Ela mudou de lugar para olhar o rosto dele.

— Só tenho Freddie. E Nina — acrescentou. — Ela sempre comemora no Waldorf.

— E seus pais? Eu nunca perguntei se ainda estão vivos ou onde moram.

— Estão em Cannes. — Ou seria em Monte Carlo? Ocorreu-lhe de repente não ter certeza. Os laços eram tênues, convenientes para todos os envolvidos.

— Eles não vão voltar para as festas?

— Eles nunca vão a Nova York no inverno.

— Ah! — Por mais que tentasse, ela não conseguia imaginar as festas sem a família.

— Nunca comemos em casa no Dia de Ação de Graças. Sempre saíamos. Em geral, viajavamos. — As memórias de sua infância eram mais de lugares do que de pessoas, mais de música do que de palavras. — Quando era casado com Angela,

normalmente encontrávamos amigos num restaurante e íamos ao teatro.

— Mas... — Ela percebeu estar sendo indiscreta e ficou em silêncio.

— Mas o quê?

— Quando vocês tiveram Freddie?

— Nada mudou. — Ele deitou de costas para fitar o teto. Queria contar sobre seu casamento, sobre ele, o homem que ele fora, mas deixara de lado o assunto. Por tempo demais, refletiu. Como esperava construir algo quando precisava ainda limpar o entulho emocional de seu passado? — Eu nunca lhe falei sobre Angela.

— Não é necessário. — Ela voltou a pegar-lhe a mão. Queria convidá-lo para um jantar em família e não reviver velhos fantasmas.

— É importante para mim. — Sentando-se, pegou a garrafa de champanhe que haviam trazido com eles. Enchendo as duas taças, estendeu-lhe uma.

— Não preciso de explicações, Spence.

— Mas pode escutar pelo menos?

— Se for importante para você...

Ele levou um momento para juntar os pensamentos.

— Eu tinha 25 anos quando a conheci. No auge do sucesso profissional. E, para ser sincero, aos 25 anos só isso me importava. Passava a vida viajando, fazendo o que bem entendia e obtinha sucesso no que me era mais importante. Eu não acredito que ninguém jamais tenha me dito "Não, você não pode ter isso. Não, você não pode fazer isso". Quando eu a vi, a desejei.

Ele parou para dar um gole e recordar-se. A seu lado, Natasha fitou a taça, vendo as bolhas subirem.

— E ela desejou você.

— Do jeito dela. A lástima era que sua atração por mim era tão superficial quanto a minha por ela. E, no final, tão destrutiva quanto. Eu adorava coisas lindas. — Com um meio sorriso, ele voltou a brindá-la com a taça. — E estava acostumado a ter tudo o que queria. Ela era linda, como uma delicada boneca de porcelana. Frequentávamos os mesmos ambientes, íamos às mesmas festas, gostávamos do mesmo tipo de literatura e música.

Natasha moveu a taça de uma das mãos para a outra, desejando que as palavras dele não a fizessem se sentir tão infeliz.

— É importante ter coisas em comum...

— Ah, tínhamos muito em comum. Ela era tão mimada e paparicada quanto eu; tão egoísta e ambiciosa quanto eu. Acredito que não compartilhássemos de alguma qualidade admirável em particular.

— Você está sendo muito duro consigo mesmo.

— Você não me conheceu na época. — E ele se sentiu profundamente grato por isso. — Eu era um jovem muito rico que não levava nada a sério, não dava importância às coisas, porque elas sempre estiveram ao meu alcance. As coisas mudam... — murmurou.

— Só pessoas que nasceram com dinheiro podem considerar esse fato como desvantagem.

Ele olhou e a viu sentada com as pernas cruzadas, a taça envolvida pelas duas mãos. O olhar era solene e direto, e o fez rir de si mesmo.

— Sim, você tem razão. Eu me pergunto o que teria acontecido se eu a encontrasse quando tinha 25 anos. — Ele tocou-lhe os cabelos, mas não se desviou do assunto. — De qualquer modo, Angela e eu nos casamos em um ano e nos cansamos um do outro alguns meses depois de a tinta ter secado em nossa certidão de casamento.

— Por quê?

— Porque nessa época éramos muito parecidos. Quando eu comecei a desmoronar, queria desesperadamente reparar a situação. Nunca fracassara, em nenhuma circunstância. O pior de tudo é que queria que o casamento funcionasse, mais devido ao meu próprio ego do que por causa de meus sentimentos por ela. Eu estava apaixonado pela imagem dela e por nossa imagem juntos.

— Sim. — Ela pensou em si mesma e em seus sentimentos por Anthony. — Compreendo.

— Você compreende? — A pergunta foi feita num murmúrio. — Levei anos para compreender. De qualquer modo,

quando compreendi, havia outras considerações.

— Freddie — disse Natasha.

— Sim, Freddie. Embora morássemos juntos e mantivéssemos as aparências, Angela e eu tínhamos nos distanciado. Mas, em público e na intimidade, éramos... civilizados. Difícil explicar como um casamento civilizado pode ser humilhante e destrutivo. É uma trapaça, Natasha, para ambos os parceiros. E nós dois tínhamos culpa. E aí, um dia, ela chega em casa, furiosa, pálida. Ainda me lembro de ela caminhar até o bar, jogando o casaco de vison no chão. Ela serviu-se de um drinque, bebeu tudo e atirou o copo na parede. E me disse que estava grávida.

A garganta ficou seca. Natasha bebeu.

— Como você se sentiu?

— Atônito. Abalado. Nunca tínhamos planejado ter filhos. Nós éramos muito crianças... crianças mimadas. Angela tivera mais tempo para pensar a respeito e já encontrara a solução. Queria ir para a Europa, se internar numa clínica particular, e fazer um aborto.

Algo se contraiu dentro de Natasha.

— Era o que você queria?

Ele queria — como queria — poder responder com um irrevogável não.

— A princípio, eu não sabia. Meu casamento estava desmoronando. Nunca pensei em ter filhos. Parecia sensato. E, depois, não sei explicar por quê, eu estava furioso. Acho que era a maneira mais fácil, a maneira mais fácil para nós dois. Ela queria estalar os dedos e se ver livre daquele... inconveniente.

Natasha olhou as mãos fechadas. As palavras dele a atingiam lá no fundo.

— E o que você fez?

— Barganhei com ela. Se tivesse o bebê, daríamos uma nova chance a nosso casamento. Se fizesse o aborto nos divorciariamos e eu me certificaria de que ela não receberia um tostão do que considerava ser merecedora.

— Porque você queria a criança.

— Não. — Era uma dolorosa admissão, e ainda lhe custava assumir. — Porque eu queria que minha vida transcorresse do modo como a imaginara. Eu sabia que, se ela fizesse um aborto, jamais conseguiríamos colar os pedaços. Achei que, se tivéssemos um filho, poderíamos nos acertar de novo.

Natasha permaneceu em silêncio por um momento, absorvendo as palavras e vendo-as refletidas em suas próprias lembranças.

— As pessoas, às vezes, pensam que um bebê pode consertar o que está quebrado.

— E não conserta — concluiu ele. — Nem deveria. Quando Freddie nasceu, eu já estava perdendo meu dom musical. Não conseguia compor. Angela teve Freddie e a entregou a Vera como se ela não passasse de uma ninhada de gatinhos. Minha atitude não foi muito diferente.

— Não. — Ela segurou-lhe o punho. — Eu a vi com ela. Eu sei que você a ama.

— Agora. O que você me disse aquela noite nos degraus da universidade, sobre não merecê-la, doeu por ser verdade. — Ele viu Natasha menear negativamente a cabeça, mas prosseguiu. — Eu tinha feito um acordo com Angela e, por mais de um ano, mantive a palavra. Eu mal via a criança, pois estava muito ocupado em acompanhar Angela ao balé ou ao teatro. Parei de trabalhar. Não fazia nada. Nunca a alimentei, dei um banho ou a fiz dormir à noite. Às vezes, ouvia seu choro no outro quarto e pensava: que barulho é esse? Aí eu me lembrava. — Ele pegou a garrafa para encher a taça. — Um pouco antes de Freddie completar 2 anos, parei e analisei o que fizera com minha vida. E o que não fizera. Fiquei enojado. Tinha uma filha. Levei mais de um ano para cair na real. Eu não possuía um casamento, nem uma esposa, nem minha música, mas tinha uma criança. Decidi que tinha obrigações, responsabilidades e que chegara a hora de me reerguer e lidar com o fato. Foi assim que pensei em Freddie a princípio, quando finalmente comecei a pensar nela. Uma obrigação. — Ele voltou a beber e sacudiu a cabeça. — Foi um pouco melhor do que ignorá-la. Finalmente eu olhei, realmente olhei aquela linda menininha e me apaixonei. Eu a peguei do berço, morrendo de medo, e a segurei. Ela gritou, chamando Vera. — Ele riu ao se lembrar e voltou novamente a olhar o líquido na taça. — Meses se passaram até ela se sentir à vontade comigo. Nessa época, pedi o divórcio a Angela. Ela aceitou minha oferta sem pestanejar. Quando lhe disse que ia ficar com a criança, ela me desejou boa sorte e se foi. Nunca

voltou para ver Freddie, nem uma única vez em todos os meses que os advogados discutiam a separação. Depois, soube que ela morrerá. Um acidente de barco no Mediterrâneo. Por vezes, tenho medo de que Freddie se lembre de como era sua mãe. Mais ainda tenho medo de que se lembre de como eu era.

Natasha lembrou-se do que Freddie lhe falara sobre a mãe quando a fizera dormir na cadeira de balanço. Colocando a taça de lado, ela segurou o rosto de Spence.

— As crianças perdoam — disse ela. — É fácil perdoar quando se é amado. É bem mais difícil perdoar a si mesmo. Mas você precisa fazer isso.

Natasha pegou a taça dele e a colocou de lado.

— Deixe-me amá-lo — falou simplesmente, e o abraçou.

Era diferente agora que a paixão tinha amadurecido. Mais devagar, mais suave, mais profundo. Ao ajoelharem-se na cama, as bocas se buscaram sonhadoras — uma longa e preguiçosa exploração de gostos já familiares. Ela queria mostrar o que ele significava para ela e que o que haviam construído juntos, hoje, estava a quilômetros de distância do que tinham no passado. Ela queria confortar, excitar, fazê-lo esquecer.

Um suspiro, seguido de um murmúrio e de um baixo e límpido gemido. Os sons acompanhados de um toque suave, terno. As pontas dos dedos rastreavam a pele. Ela agora conhecia o corpo dele tão bem quanto o próprio, cada ângulo, cada superfície, cada vulnerabilidade. Quando ele ofegou, o riso despontou. Ao vê-lo à luz da vela tremeluzente, cobriu-o de beijos na testa, no rosto, no canto da boca, no pescoço, onde a pulsação batia forte e acelerada.

Natasha era tão sensual quanto qualquer fantasia, o corpo oscilando de encontro ao seu, para depois se afastar. Os olhos permaneciam fixos nele, brilhando, hipnotizando. O cabelo caía numa cascata de seda escura por cima dos ombros nus.

Quando ele a tocou, passando-lhe as mãos pelo corpo em movimentos contínuos, ela jogou a cabeça para trás. Mas o gesto não demonstrava submissão e, sim, exigência: satisfaça-me.

Arfante, ele desceu a boca tocando-lhe o pescoço e sentiu o desejo atingi-lo como um soco no estômago. A boca aberta, tornando-se mais ávida, desceu pelo corpo, detendo-se no monte firme dos seios. Ele podia sentir o coração bater, quase a saboreá-lo, quando a batida acelerou e tornou-se mais forte contra seus lábios. As mãos de Natasha agarraram-lhe os cabelos ao mesmo tempo em que se dobrava como um arco.

Antes que ele pudesse raciocinar, ele a tocou e a fez arrepiar-se da cabeça aos pés. Sem ar, ofegante, ela agarrou-se a ele, conseguindo apenas emitir murmúrios confusos ao ser deitada de costas na cama. Tentava manter o equilíbrio, mas ele já lhe destruíra a força de vontade e o autocontrole.

Isso, sim, era sedução. Ela não pedira, não desejara. E, agora, recebia-a de braços abertos. Não conseguia se mover, não conseguia criar objeções. Totalmente entregue, afogando-se no próprio prazer, deixou-o conduzi-la por onde bem entendia. A boca de Spence percorria a pele úmida sem empecilhos. As mãos brincavam com ela de maneira habilidosa como se afinassem um instrumento. Os músculos de Natasha relaxaram.

A respiração começou a falhar. Ouviu música. Sinfonias, cantatas, prelúdios. Fraqueza tornou-se força e ela o puxou com a única intenção de sentir o corpo dele se encaixar no seu.

Lenta, atormentadamente, ele subiu em cima dela deixando trilhas de calor e gelo, de prazer e dor. Teve um espasmo ao senti-la mover-se debaixo dele. Ao encontrar-lhe a boca, mergulhando mais fundo, controlando-se ao sentir os dedos dela cravados em seus quadris.

Uma, duas vezes ele os levou próximo ao clímax, para recuar, prolongando dúzias de pequenos prazeres. O pescoço dela era uma comprida coluna branca na qual podia banquetear-se quando se erguia para encontrá-lo. Os braços o envolviam como seda macia. A respiração ofegante aquecia-lhe o peito, a boca. Pronunciou o nome dele como uma oração, com os lábios colados aos dele.

Quando ele finalmente a penetrou, até o prazer foi compartilhado.

Natasha acordou com o cheiro de café e de sabonete e a sensação agradável de uma carícia no pescoço. Spence murmurou-lhe ao ouvido:

— Se não acordar, vou ser obrigado a me enroscar na cama de novo com você.

— Está bem — respondeu ela com um suspiro, aninhando-se em seus braços.

Spence olhou, demorada e relutantemente, para os ombros descobertos.

— É tentador, mas, dentro de uma hora, preciso estar em casa.

— Por quê? — Com os olhos ainda fechados, ela o puxou. — Ainda é cedo.

— São quase 9h.

— Nove da manhã? — Ela arregalou os olhos, pulou da cama e ele afastou a xícara de café para um lugar seguro. —

Como pode ser 9h?

— Vem depois das oito.

— Mas eu nunca durmo até tão tarde. — Ela puxou os cabelos para trás e tentou se concentrar. — Você já está vestido!

— Infelizmente — concordou, ainda mais relutante quando o lençol desceu até sua cintura. — Freddie vai chegar em casa às dez. Eu já tomei banho. — Ele começou a brincar com seus cabelos. — Eu ia acordá-la, ver se você queria tomar banho comigo, mas você estava tão maravilhosa dormindo que fiquei com pena. — Ele curvou-se e mordiscou-lhe o lábio inferior. — Nunca a vira dormir antes.

Só de pensar nisso, o sangue queimou-lhe as veias.

— Você devia ter me acordado.

— Sim. — Com um meio sorriso, ele lhe ofereceu café. — Posso admitir ter cometido um erro. Calma com o café. — avisou. — Está horrível. Nunca tinha feito antes.

Espiando-o, ela deu um gole e fez uma careta.

— Definitivamente, você devia ter me acordado.

Corajosamente, tomou outro gole, pensando como ele era gentil em trazer café para ela na cama.

— Você tem tempo pra o café-da-manhã? Posso preparar para você.

— Adoraria. Eu ia pegar um *donut* na padaria ali da rua.

— Não sei fazer doces como os de confeitaria, mas posso preparar ovos. — Rindo, colocou a xícara de lado. — E café.

Em dez minutos, enrolada num vestido curto vermelho, fritava fatias finas de presunto. Ele gostava de vê-la assim: os cabelos despenteados, os olhos ainda pesados de sono. Movia-se competente do fogão para a bancada, como uma mulher que houvesse crescido executando tais tarefas.

Do lado de fora, uma fina chuva de novembro caía de um céu cinzento. Ouviu o som abafado de passadas no apartamento de cima e, depois, o som baixo de música. Jazz do rádio do vizinho. E havia um chiado de carne fritando, o zunir do aquecedor debaixo da janela. Música matinal, pensou Spence.

— Podia me acostumar a isto — disse, pensando em voz alta.

— A isto o quê?

— Acordar com você, tomar café-da-manhã com você.

Natasha agitou as mãos, como se seus pensamentos tivessem de repente tomado um rumo diferente. Depois, deliberadamente, voltaram a trabalhar. E ela nada disse.

— Pronto, disse a coisa errada de novo, certo?

— Não é certo ou errado. — Com agilidade, trouxe uma xícara, de café. Teria virado de costas, mas ele pegou-lhe o pulso. Quando a forçou a olhá-lo, ela viu a expressão intensa dos olhos. — Você não quer que eu me apaixone por você, Natasha, mas nenhum de nós tem opção.

— Sempre temos opção — disse, cautelosa. — Às vezes, é difícil fazer a opção certa, ou saber qual é a certa.

— Então, já está feita. Estou apaixonado por você.

Ele viu o rosto se transformar, os olhos se suavizarem, afetuosos, profundos, turvos e incrivelmente lindos para, em segundos, tudo sumir como num passe de mágica.

— Os ovos vão queimar.

Spence cerrou o punho quando ela voltou ao fogão. Lenta, cautelosamente, flexionou os dedos.

— Eu disse que a amo e você se preocupa com os ovos queimando!

— Sou uma mulher prática, Spence. Não tive escolha. — Mas era duro agir assim; muito duro, quando sua mente e seu coração a arrastavam na direção oposta. Ela arrumou os pratos com o cuidado que tomaria ao preparar um jantar formal. Com as palavras girando na mente, ela colocou os pratos na mesa e sentou-se à sua frente.

— Só nos conhecemos há pouco tempo.

— Tempo suficiente.

Ela umedeceu os lábios. O que percebia na voz dele era mais dor do que raiva. Ela queria tudo, menos magoá-lo.

— Você não sabe quase nada a meu respeito. E ainda não estou preparada para contar.

— Seu passado não importa.

— Importa sim. — Respirou fundo. — Temos algo forte. Seria ridículo tentar negar. Mas amor... Não existe palavra mais importante no mundo. Se nós pronunciarmos essa palavra, as coisas mudarão.

— Sim.

— Não posso permitir. Desde o início, deixei claro que não deveríamos fazer promessas ou planos. Não quero mudar minha vida mais do que já mudei.

— É porque tenho uma filha?

— Sim e não. — Pela primeira vez desde que a conhecera, o nervosismo ficou explícito pelo modo como ela cruzava e descruzava as mãos. — Eu amaria Freddie mesmo que odiasse você. Por ela mesma. Como gosto de você, a amo ainda mais. Mas se eu e você pegássemos o que temos e o transformássemos em algo mais, até isso mudaria. Não estou preparada para assumir a responsabilidade de uma criança. — Por baixo da mesa, ela pressionou com força a mão contra a barriga. — Mas, com ou sem Freddie, não quero dar o próximo passo com você. Sinto muito, e compreendo se você não quiser mais me ver.

Dilacerado entre a frustração e a fúria, ele se levantou e caminhou para perto da janela. A chuva continuava a cair, fininha e fria, sobre as flores que morriam no jardim. Ela estava escondendo algo, algo importante e vital. Ela ainda não confiava nele, percebeu Spence. Depois de tudo o que tinham vivido juntos, ela ainda não confiava nele. Não o bastante.

— Você sabe que não posso deixar de ver você, assim como não posso deixar de amá-la.

Você poderia deixar de me amar, pensou ela, mas teve medo de dizer. Era egoísta, detestavelmente egoísta, mas queria que ele a amasse.

— Spence, há três meses eu nem o conhecia.

— Então, estou agindo precipitadamente.

Ela sacudiu o ombro e começou a revirar os ovos. Ele a observava por trás, o modo como se sentava, como os dedos se moviam inquietos do garfo para a xícara, da xícara para o garfo. Ele não estava se precipitando droga nenhuma, e ambos sabiam disso. Ela estava com medo. Ele recostou-se na janela, pensativo. Algum idiota tinha lhe partido o coração e ela receava machucar-se de novo.

Está bem, pensou. Ele poderia superar isso. Um pouco mais de tempo e uma pressão mais sutil. Ele superaria isso, prometeu a si mesmo. Durante os primeiros anos de sua vida, nada fora mais importante do que a música. Nos últimos anos, mudara de idéia. Uma criança era infinitamente mais importante, mais preciosa e mais bonita. Agora, em questão de semanas, aprendera que uma mulher podia ser tão importante quanto uma criança — de outro modo, mas também muito importante.

Freddie esperara por ele, que Deus a abençoasse. Ele esperaria por Natasha.

— Quer ir à matinê?

Ela se preparara para uma manifestação de raiva, então simplesmente olhou ausente por cima do ombro.

— O quê?

— Perguntei se gostaria de ir à matinê. Ao cinema. — Descontraído, voltou à mesa. — Prometi a Freddie que a levaria ao cinema hoje à tarde.

— Eu... quero. — Um sorriso cauteloso assomou em seu rosto. — Gostaria de ir com vocês. Não está zangado comigo?

— Estou. — Mas retribuiu o sorriso ao começar a comer. — Imaginei que se você fosse conosco; compraria pipoca para nós.

— Combinado.

— Tamanho família!

— Ah, agora começo a entender a estratégia. Você faz com que eu me sinta culpada para eu gastar todo o meu dinheiro.

— Isso mesmo e, quando você estiver falida, vai ter que se casar comigo. Que delícia de ovos! — acrescentou, quando

ela ficou boquiaberta. — Você devia comer os seus antes de esfriarem.

— Certo. — Engoliu em seco. — Já que você fez um convite, vou lhe fazer outro. Eu ia mencioná-lo a noite passada, mas você me distraiu.

— Eu me lembro. — Ele esfregou os pés nos dela. — Você se distrai com facilidade, Natasha.

— Talvez. Trata-se do telefonema de minha mãe e do Dia de Ação de Graças. Ela me perguntou se eu queria levar alguém. — Olhou fixamente para os ovos. — Imagino que já tenha planos.

Ele deu um sorriso satisfeito. Talvez a espera não fosse tão longa quanto supunha.

— Você está me convidando para o jantar de Ação de Graças na casa de sua mãe?

— Minha mãe convidou — disse em tom defensivo. — Ela sempre faz muita comida, e ela e papai adoram companhia.

Quando me perguntou, pensei em você e Freddie.

— Estou feliz em saber que pensou em nós.

— Que bobagem! — falou, irritada por um simples convite ter tomado tais proporções. — Eu sempre tomo o trem na quarta-feira depois do trabalho e volto na sexta à noite. Como não tem aula, me ocorreu que vocês dois poderiam gostar da viagem.

— Vai ter *borscht*?

Os lábios de Natasha se curvaram.

— Posso perguntar. — Ela colocou o prato de lado ao ver o brilho em seus olhos. Não estava rindo, pensou, e, sim, planejando. — Não quero que imagine coisas. É simplesmente um convite de amigo para amigo.

Ela franziu a testa.

— Acho que Freddie vai gostar de um grande encontro em família.

— Certa de novo.

Bufou de frustração por ele ter aceitado tão rápido.

— Só porque é na casa de meu pai não quer dizer que estou levando você lá para... — Ela sacudiu a mão procurando a frase apropriada. — Para buscar aprovação ou para exibi-lo.

— Você quer dizer que seu pai não vai me levar para o sótão e perguntar minhas intenções?

— Não temos sótão — murmurou. — E ele não vai perguntar nada. Sou adulta. — Como Spence ria, ela franziu o cenho.

— Talvez ele observe você discretamente.

— Vou me comportar da melhor maneira possível.

— Então, vocês vão?

Ele sentou-se outra vez, tomando o café e sorrindo para si mesmo.

— Não perderia a oportunidade por nada.

Freddie sentou-se no banco traseiro coberta até o queixo com uma colcha, abraçada à sua boneca de pano. Como queria ser levada pela correnteza dos próprios sonhos, fingiu dormir e fingiu tão bem que, de vez em quando, cochilava. Era um longo percurso da Virgínia do Oeste a Nova York, mas estava muito animada para ficar aborrecida.

Música baixinha no rádio do carro. Era bem filha do seu pai para reconhecer Mozart — e bem criança para desejar que a música tivesse letra para cantarem. Vera já fora deixada na casa da irmã em Manhattan, onde a empregada tiraria uns dias de folga até domingo. Agora, Spence dirigia o carro grande e silencioso através do trânsito rumo ao Brooklyn.

Freddie só ficara um pouco desapontada por não terem tomado o trem, mas gostou de abraçar a boneca e ouvir a conversa do pai e de Natasha. Não prestava muita atenção ao que diziam. As vozes bastavam.

Estava quase passando mal de tanta excitação com a idéia de encontrar a família de Natasha e participar de um jantar de Ação de Graças. Embora não gostasse muito de peru, Natasha dissera que haveria muito molho de amora e succotash. Freddie nunca comera succotash, mas o nome era tão engraçado que tinha certeza de que devia ser bom. Mesmo se não fosse, mesmo que fosse nojento, estava determinada a ser educada e limpar o prato. JoBeth contara que a avó ficava chateada se JoBeth não comesse todos os legumes; então, Freddie não ia se arriscar.

Luzes tremeluziram em seus cílios fechados. Os lábios curvaram-se ligeiramente num sorriso ao ouvir o riso de Natasha mesclando-se ao de seu pai. Em sua imaginação, já eram uma família. Em vez de ninar a boneca de pano, Freddie já se imaginava ninando a irmãzinha enquanto iam rumo à casa de seus avós. Era igual à música, pensou, só não sabia se eles estavam atravessando algum rio. E ela não achava que iriam atravessar florestas.

O nome de sua irmãzinha era Katie e seus cabelos eram pretos e encaracolados, como os de Natasha. Sempre que Katie chorava, Freddie era a única que a podia, deixar feliz de novo. Katie dormia num berço branco no quarto de Freddie e ela sempre verificava se o bebê estava coberto com uma colcha rosa. Bebês pegavam resfriado, Freddie sabia. E, quando pegavam, você tinha de lhes dar remédio num conta-gotas. Elas não podiam assoar os narizes sozinhas. Todo mundo dizia que Katie tomava remédio melhor quando era Freddie quem dava. Encantada consigo mesma, Freddie apertou a boneca.

— Vamos para a casa da vovó — sussurrou, e começou a construir uma nova fantasia a respeito da visita.

O problema é que Freddie não tinha certeza se as pessoas que fingia serem seus avós gostariam dela. Nem todo mundo gostava de crianças. Talvez preferissem que ela não fosse visitá-los. Quando chegasse lá, eles a sentariam numa cadeira com as mãos cruzadas no colo. Era assim que tia Nina dizia que as meninas bem-educadas se sentavam. Freddie odiava ser uma menina bem-educada. Mas tinha que se sentar por horas, sem interromper, sem falar alto e nunca, nunca mesmo, correr pela casa. Eles ficariam zangados se derrubasse algo no chão. Talvez gritassem. Ela ouvira o pai de JoBeth gritar, principalmente quando o irmão mais velho da amiga, que já estava no terceiro ano e devia saber como se comportar, pegava um dos tacos de golfe do pai para atirar pedras no pátio dos fundos. Uma das pedras quebrara a janela da cozinha. Talvez ela quebrasse uma janela. E aí Natasha não se casaria com seu pai nem iria morar com eles. Ela não teria mãe ou irmãzinha e o pai pararia de tocar sua música de noite novamente.

Quase paralisada pelos pensamentos, Freddie encolheu-se no assento quando o carro diminuiu a marcha.

— Isso, vire aqui. — Ao ver sua antiga vizinhança Natasha animou-se ainda mais. — É à esquerda, no meio da rua. Talvez você ache um lugar para estacionar.. Olha ali. — Ela viu uma vaga atrás da velha picape do pai. Obviamente, os Stanislaski avisaram que a filha e os amigos viriam e os vizinhos haviam cooperado.

Era assim aqui, pensou. Os Poffenberger moravam de um lado e os Anderson do outro, desde que Natasha podia se lembrar. Uma família levava comida quando alguém estava doente, outra cuidava de uma criança depois da escola. Alegrias e tristezas eram compartilhadas. E a fofoca abundava.

Mikhail namorara a bonita filha dos Anderson e acabara como padrinho em seu casamento quando ela se casou com um dos amigos dele. Os pais de Natasha tinham sido padrinhos de um dos filhos dos Poffenberger. Talvez por isso, ao decidir encontrar um novo lugar para recomeçar a vida, tivesse escolhido uma cidade que a fizesse se lembrar de casa. Não na aparência, mas nos laços de amizade.

— No que está pensando? — perguntou Spence.

— Apenas me lembrando. — Virou a cabeça para lhe dar um sorriso. — É tão bom estar de volta. — Ela saltou, encolheu-se sob o ar gelado e, em seguida, abriu a porta traseira para Freddie enquanto Spence abria o porta-malas. — Freddie, você está dormindo?

Freddie se manteve encolhidinha, mas abriu os olhos.

— Não.

— Chegamos. Hora de saltar do carro.

Freddie engoliu em seco, apertando a boneca no peito.

— E se eles não gostarem de mim?

— O que é isso? — Agachando-se, Natasha afastou os cabelos do rosto dela. — Você estava sonhando?

— Eles podem não gostar de mim e querer que eu não viesse. Podem me achar uma peste. Muita gente acha que crianças são pestes.

— Então, muita gente é idiota — disse Natasha, brusca, abotoando o casaco de Freddie.

— Pode ser. Mas, de qualquer jeito, eles podem não gostar de mim.

— E se você não gostar deles?

Isso era algo que não lhe ocorrera. Remoendo a possibilidade, Freddie limpou o nariz com as costas da mão, antes de Natasha pegar um lenço de papel.

— Eles são legais?

— Eu acho. Depois que você encontrá-los, você decide, tudo bem?

— Tudo bem.

— Senhoritas, talvez vocês possam escolher outra hora para o debate. — Spence, parado a alguns passos, retirava a bagagem. — Do que vocês tanto falavam? — Perguntou, quando elas se juntaram a ele na calçada.

— Conversa de meninas — respondeu Natasha, piscando o olho, o que fez Freddie gargalhar.

— Fantástico! — Ele começou a subir os degraus de concreto gasto atrás de Natasha. — Não há nada de que eu goste mais do que um vento frio carregando 100 kg de bagagem. O que você trouxe? Tijolos?

— Só alguns, junto com o básico. — Encantada com ele, virou-se e deu-lhe um beijo no rosto no exato momento em que Nadia abriu a porta.

— Muito bem. — Satisfeita, Nadia cruzou os braços no peito. — Eu disse a papai que vocês iam chegar antes de o programa do Johnny Carson terminar.

— Mamãe! — Natasha subiu o resto dos degraus correndo e se atirou nos braços de Nadia. Esse era o perfume do qual sempre se lembrava. Talco e noz moscada. E, sempre, da impressão de força e vigor do corpo da mãe. Talvez a aparência de Nadia causasse tal impressão devido às rugas causadas pelas preocupações, pelas risadas e pelo tempo.

Nadia murmurou palavras carinhosas e depois puxou Natasha para beijar-lhe os dois lados do rosto. Podia ver a si mesma 20 anos atrás.

— Venha, você está deixando nossos convidados no frio.

O pai de Natasha surgiu no saguão para levantá-la do chão e jogá-la no ar. Ele não era um homem alto, mas os braços, por baixo da camisa de trabalho, eram tão grossos quanto blocos de cimento, devido aos anos em que trabalhara no ramo de construção. Ele deu uma risada alta ao beijá-la.

— Não tem modos — declarou Natasha, fechando a porta.

— Yuri, Natasha trouxe convidados.

— Oi. — Yuri estendeu a mão calejada e apertou a de Spence. — Bem-vindo.

— Spence e Freddie Kimball. — Ao apresentá-los, Natasha notou que Freddie dera a mão ao pai.

— Estamos muito felizes em conhecer vocês. — Como Nadia tinha um jeito afetuoso de ser, cumprimentou-os com beijos. — Vou pegar seus casacos e vocês vão entrando e se sentando. Devem estar cansados.

— Agradeço por nos receber — começou Spence. Depois, sentindo que Freddie estava nervosa, pegou-a no colo e a levou para a sala de estar.

A sala era pequena, o papel de parede velho e a mobília gasta pelo uso. Mas havia panos de crochê nos braços das

cadeiras, a madeira brilhava sob a lâmpada amarela por ter sido vigorosamente polida e aqui e ali via delicadas almofadas bordadas. Retratos da família brigavam por espaço entre vasos de plantas e quinquilharias.

Um rosnar rouco fez Spence baixar o olhar. Um velho cachorro cinza no canto. O rabo começou a sacudir ao ver Natasha. Com evidente esforço, ele se levantou e veio cumprimentá-la.

— Sasha! — Ela se agachou para enfiar o rosto no pêlo do cachorro. Riu quando ele voltou a se sentar e se recostou nela. — Sasha é um senhor idoso — explicou a Freddie. — Ele agora prefere comer e dormir.

— E tomar vodca — disse Yuri. — Vamos todos tomar um pouco. Menos você — completou, e colocou o dedo no nariz de Freddie. — Você vai tomar champanhe certo?

Freddie riu e depois mordeu o lábio. O pai de Natasha não era exatamente o que imaginara como avô. Ele não tinha cabelos brancos e barriga grande. O cabelo dele era preto e branco ao mesmo tempo e não tinha nem um pinga de barriga. Falava engraçado, com uma voz meio grossa e barulhenta. Mas cheirava bem, como cerejas. E o sorriso era bonito.

— O que é vodca?

— Uma tradição russa — respondeu Yuri. — Uma bebida feita de cereal.

Freddie franziu o nariz.

— Parece horrível — disse. Imediatamente, mordeu o lábio de novo. Mas, como Yuri explodiu numa gargalhada, ela conseguiu dar um sorriso encabulado.

— Natasha vai lhe contar que o pai dela sempre faz graça para as menininhas. — Nadia deu uma cotovelada nas costelas do marido. — É porque ele tem o coração de um menininho. Você quer chocolate quente?

Freddie ficou em dúvida entre o conforto da mão do pai e uma de suas bebidas favoritas. E Nadia sorria para ela, não com aquele olhar imbecil que os adultos às vezes lançam quando falam com crianças. Era um sorriso afetuoso, igual ao de Natasha.

— Sim, senhora.

Nadia fez um aceno de aprovação diante da educação da criança.

— Talvez você queira vir comigo. Eu vou lhe mostrar como preparar um *marshmallow* grande e gordo.

Esquecendo a timidez, Freddie largou a mão do pai e pegou a de Nadia.

— Eu tenho dois gatos — disse, orgulhosa, ao entrarem na cozinha. — E peguei catapora no meu aniversário.

— Sente-se, sente-se — ordenou Yuri, apontando o sofá. — Vamos tomar um drinque.

— Onde estão Alex e Rachel? — Com um suspiro satisfeito, Natasha afundou nas almofadas gastas.

— Alex levou a nova namorada ao cinema. Muito bonita — falou Yuri, revirando os brilhantes olhos castanhos. — Rachel está numa palestra. Um advogado importante de Washington, D.C. foi à faculdade.

— E como está Mikhail?

— Muito ocupado. Estão reformando o prédio no Soho. — Ele passou os copos, fazendo um brinde antes de beber. — Então — disse a Spence ao se instalar na cadeira favorita —, você ensina música.

— Sim. Natasha é uma de minhas melhores alunas de história da música.

— Minha Natasha é muito inteligente. — Ele recostou-se na cadeira e observou Spence. Mas não discretamente, como Natasha esperava. — Vocês são bons amigos?

— Somos — afirmou Natasha, constrangida com o brilho nos olhos do pai. — Spence se mudou para a cidade no verão. Ele e Freddie moravam em Nova York.

— Interessante. É o destino.

— Gosto de pensar assim — concordou Spence, divertindo-se — Eu tive sorte de ter uma filha e Natasha ser dona de uma loja de brinquedos muito tentadora. Além disso, ela se matriculou em uma de minhas turmas. Foi difícil ela me evitar, mesmo sendo teimosa.

— Ela é teimosa — concordou Yuri, triste. — A mãe é teimosa. Eu sou muito tolerante.

Natasha pigarreou.

— Teimosia e falta de respeito correm no sangue das mulheres da minha família. — Yuri tomou outro gole grande. — É meu castigo.

— Talvez um dia eu possa ter a sorte de dizer o mesmo. — Spence sorriu por cima dos óculos. — Quando eu convencer Natasha a se casar comigo.

Natasha deu um pulo, ignorando o risinho do pai.

— Já que a vodca subiu tão rápido à sua cabeça, vou ver se mamãe tem uma xícara extra de chocolate quente.

Yuri se levantou para pegar a garrafa quando Natasha desapareceu.

— Vamos deixar o chocolate para as mulheres.

Natasha acordou cedinho com Freddie enroscada em seus braços. Estava na cama de sua infância, num quarto onde ela e a irmã haviam passado horas infindáveis conversando, rindo, discutindo. O papel de parede era o mesmo. Rosas esmaecidas. Toda vez que a mãe ameaçava pintá-lo, tanto ela quanto Rachel se opunham. Era reconfortante acordar nas mesmas paredes da infância, adolescência e idade adulta.

Virando a cabeça, viu os cabelos escuros da irmã no travesseiro na cama ao lado; lençóis e colchas embolados. Típico, pensou Natasha com um sorriso. Rachel tinha mais energia dormindo do que a maioria das pessoas acordadas. Chegara em casa um pouco depois da meia-noite, explodindo de entusiasmo por causa da palestra a que assistira, cheia de abraços, beijos e perguntas.

Natasha deu um beijo nos cabelos de Freddie e, cuidadosamente, mudou-a de lugar. A criança aninhou-se no travesseiro sem um pio. Em silêncio, Natasha se levantou. Levou um instante para recuperar o equilíbrio quando o chão fugiu-lhe dos pés. Quatro horas de sono, pensou, era de deixar qualquer um tonto. Pegando as roupas, foi tomar banho e se vestir.

Ao chegar ao andar de baixo, sentiu o cheiro do café fresco. Não parecia atraí-la, mas seguiu o perfume vindo da cozinha.

— Mamãe! — Nadia já estava na bancada, ocupada preparando a massa das tortas. — É muito cedo para cozinhar.

— No Dia de Ação de Graças, nunca é cedo demais. — Ela deu o rosto para a filha beijá-lo. — Quer café ?

Natasha, preocupada, apertou a barriga com a mão.

— Não. Acho que não. Calculo que aquele monte de colchas no sofá seja Alex.

— Ele chega muito tarde. — Nadia moveu os lábios demonstrando desaprovação e deu de ombros. — Não é mais um menino.

— Não. Você tem que aceitar, mamãe. Seus filhos cresceram... e você os educou muito bem.

— Não tão bem, pois Alex ainda não aprendeu a pegar as meias que deixa espalhadas. — Mas sorriu, esperando que seu filho mais novo não a privasse desse último vestígio de maternidade muito rápido.

— Papai e Spence ficaram acordados até tarde?

— Papai gostou de conversar com seu amigo. É um bom homem. — Nadia espalhou a massa no prato redondo de torta e depois pegou outro pedaço de massa para enrolar. — Muito bonito.

— É mesmo — concordou Natasha, com cautela.

— Tem um bom emprego, é responsável, ama a filha.

— Sim — repetiu Natasha.

— — Por que você não se casa com ele, se ele quer?

Ela já calculava. Contendo um suspiro, Natasha se inclinou na mesa da cozinha.

— Há um monte de homens bons, responsáveis e bonitos, mamãe. Eu deveria me casar com todos eles?

— Nem tantos quanto você pensa. — Rindo para si mesma, Nadia começou a enrolar a terceira panqueca. — Você não o ama? — Quando Natasha não respondeu, o sorriso de Nadia alargou-se. — Ah!

— Não comece. Spence e eu só nos conhecemos há poucos meses. Tem muita coisa que ele não sabe a meu respeito.

— Então conte.

— Eu não consigo.

Nadia colocou o rolo de massa na bancada e segurou o rosto da filha como as mãos cobertas de farinha.

— Ele não é como o outro.

— Não, não é. Mas...

Impaciente, Nadia balançou a cabeça.

— Se agarrar a algo que já terminou há muito tempo deixa a gente doente por dentro. Você tem um bom coração, Tash.

Acredite nele.

— Eu quero. — Ela abraçou a mãe e a apertou bem forte. — Eu o amo, mamãe, mas ainda tenho medo. E ainda dói. —

Com um longo suspiro, afastou-se. — Quero pegar o carro de papai emprestado.

Nadia não perguntou o que ela pretendia fazer. Não precisava.

— Se quiser, posso ir com você.

Natasha beijou o rosto da mãe e abanou a cabeça.

Natasha já tinha saído há uma hora quando Spence desceu com os olhos turvos. Ele e o cachorro cinza trocaram olhares de simpatia. Yuri fora generoso com a vodca na noite anterior, para os convidados e para o animal. No momento, Spence sentia como se tivesse uma gangue com correntes quebrando pedras em sua cabeça. Operando no automático, encontrou a cozinha, sentindo o cheiro de pão e, felizmente, de café.

Com um sorriso expansivo, Nadia lhe deu uma olhada e apontou a mesa.

— Sente-se. — Serviu-lhe uma xícara de café preto e forte. — Tome. Vou preparar seu café-da-manhã.

Como um homem à beira da morte, Spence segurou a xícara nas duas mãos.

— Obrigado. Não quero incomodá-la.

Nadia apenas balançou a mão ao pegar uma frigideira de ferro.

— Conheço um homem de ressaca. Yuri deu vodca demais para você.

— Não. Eu mesmo me servi. — Ele abriu o frasco de aspirina que ela colocou na mesa. — Bendita seja, sra. Stanislaski.

— Nadia. Você pode me chamar de Nadia quando fica bêbado em minha casa.

— Não me lembro de me sentir assim desde a universidade. — Dizendo isso, tomou três aspirinas. — Não posso imaginar por que achava divertido naquela época. — Conseguiu dar um sorriso débil. — Estou sentindo um cheiro delicioso.

— Você vai gostar das minhas tortas. — Ela mexia salsichas gordas na frigideira. — Você encontrou Alex a noite passada?

— Sim. — Spence não recusou quando ela encheu sua xícara pela segunda vez. — Motivo para tomarmos mais um drinque. Você tem uma família linda, Nadia.

— Eles me dão muito orgulho. — Ela riu, fritando as salsichas. — E muita preocupação também. Você sabe. Também tem uma filha.

— Sei. — Ele sorriu para ela, visualizando como Natasha seria dentro de um quarto de século.

— Natasha é a única que se mudou. Ela é quem mais me preocupa.

— Ela é muito forte.

Nadia simplesmente abanou a cabeça ao acrescentar ovos na frigideira.

— Você é paciente, Spence?

— Acho que sim.

Nadia olhou por cima do ombro.

— Não seja muito paciente.

— Engraçado, Natasha uma vez me disse a mesma coisa.

Satisfeita, Nadia colocou o pão na torradeira.

— Garota esperta.

A porta da cozinha se abriu e Alex, descabelado e com olhos sonolentos, sorriu.

— Senti cheiro de café-da-manhã.

Os primeiros flocos de neve caíam, pequenos, miúdos, girando ao vento e se dissolvendo antes de alcançar o chão. Havia coisas, sabia Natasha, que eram lindas e muito preciosas e só existiam por um curto espaço de tempo.

Sozinha, agasalhada contra o frio que não sentia. A não ser dentro de si. A luz era acinzentada, mas não sombria, graças aos flocos de neves miúdos que volteavam. Ela não trouxera flores. Nunca trazia. Pareceriam muito tristes num túmulo tão pequeno.

Lily. Fechando os olhos, permitiu-se recordar a sensação de segurar aquela vida pequena e delicada nos braços. Seu bebê. *Milaya*. Sua filhinha. Aqueles lindos olhos azuis, lembrou-se Natasha, aquelas delicadas pequeninas mãos.

Como a flor da qual recebera o nome. Lily tinha sido tão adorável e vivera durante um período tão breve, tão breve! Podia ver Lily, pequena, vermelha, enrugada, as pequeninas mãos fechadas quando a enfermeira a colocara pela primeira vez em seus braços. Ainda podia sentir aquela dor agradável quando Lily mamava em seu seio. Lembrou-se da sensação daquela pele macia, tão macia, e do cheiro de talco e loção, a sensação de segurança ao balançar-se na cadeira de balanço com sua filhinha nos braços.

Fora embora tão rápido!, pensou Natasha. Algumas preciosas semanas. Nem o tempo, nem as orações jamais a fariam entender. Aceitar, talvez, mas nunca compreender.

— Eu amo você, Lily. Para sempre. — Ela curvou-se para pressionar a palma da mão na grama fria. Erguendo-se novamente, virou-se e afastou-se através dos flocos de neve.

Aonde ela teria ido? Poderia ter ido a dúzias de lugares, Spence se tranqüilizou. Bobagem se preocupar. Mas não conseguia evitar. O instinto o advertia e a preocupação aumentava. Tinha certeza de que a família de Natasha sabia exatamente onde ela estava, mas recusava-se a dizer.

A casa já estava tomada pelo barulho, pelas risadas e pelos cheiros dos pratos preparados para a comemoração. Tentou reprimir a sensação de que, onde Natasha estivesse, precisava dele.

Tantas coisas ela não lhe contara! Isso ficara evidente ao ver as fotos na sala de estar. Natasha usando meias, saia e sapatilhas de balé. Sapatilhas de ponta. Natasha com o cabelo puxado para trás, capturada no ápice de um *grand jeté*.

Ela fora bailarina, obviamente profissional, mas nunca mencionara. Por que desistira? Por que escondia, mantinha em segredo algo que fora parte importante de sua vida?

Saindo da cozinha, Rachel o viu segurando uma das fotografias. Manteve-se em silêncio por um instante, observando-o. Como a mãe, aprovou o que viu. Havia força e gentileza. Sua irmã precisava e merecia ambos.

— É uma linda foto.

Ele virou-se. Rachel era mais alta do que Natasha, mais longilínea. Os cabelos escuros curtos, num corte sofisticado, emolduravam-lhe o rosto. Os olhos, mais dourados do que castanhos, sobressaíam.

— Quantos anos Natasha tinha?

Rachel enfiou as mãos nos bolsos da calça ao atravessar a sala.

— Dezesseis, eu acho. Fazia parte do corpo de balé. Muito dedicada. Sempre invejei a graça de Tash. Eu era desengonçada. — Ela sorriu e, de modo gentil, mudou de assunto. — Sempre mais alta e mais magra que os garotos, derrubando as coisas com os cotovelos. Onde está Freddie?

Spence colocou o porta-retratos no lugar. Sem precisar falar, Rachel deixara claro que, se ele tinha perguntas a fazer, devia dirigi-las a Natasha.

— Ela está lá em cima, vendo a parada da Macy com Yuri.

— Ele nunca perde uma. Nada o desapontou mais do que ficarmos grandes demais para sentar em seu colo e assistir ao desfile.

Uma risada vinda do segundo andar fez ambos se voltarem para as escadas. O barulho de passos. Um redemoinho cor-de-

rosa trajando um macacão desceu as escadas às carreiras para se atirar em Spence.

— Papai, Papa faz barulho de urso. Barulho de urso grande.

— Ele esfregou a barba em seu rosto? — quis saber Rachel.

— Arranha. — Ela riu e depois subiu correndo as escadas, na esperança de que ele fizesse de novo.

— Ela nunca se divertiu tanto — decidiu Spence.

— Nem Papa. Como está sua dor de cabeça?

— Melhor, obrigado. — Ouviu o barulho do carro estacionando do lado de fora e olhou pela janela.

— Mamãe precisa de minha ajuda. — Rachel esgueirou-se para a cozinha.

Ele estava na porta esperando por ela. Natasha parecia muito pálida, muito cansada, mas sorriu ao vê-lo.

— Bom dia. — Como precisava demais dele, passou os braços em torno de sua cintura e o apertou.

— Você está bem?

— Estou. — Agora estava, percebeu, sentindo o abraço dele. Sentindo-se mais forte, afastou-se. — Achei que você ia acordar tarde.

— Não. Acordei já faz um tempo. Onde você esteve? Ela tirou a echarpe.

— Eu precisava cuidar de uma coisa. — Depois de tirar o casaco, pendurou-o no apertado armário embutido. — Onde está todo mundo?

— Sua mãe e Rachel estão na cozinha. Da última vez que olhei, Alex estava ao telefone.

Desta vez, o sorriso brotou com facilidade.

— Cantando uma garota.

— Aparentemente. Freddie está lá em cima com seu pai, assistindo à parada.

— E o levando ao paraíso. — Ela tocou o rosto de Spence com os dedos. — Você vai me beijar?

Ela estava carente, pensou ao inclinar-se. Alguma carência profunda, íntima, que se recusava a contar. Os lábios frios, quando ele os tocou, suavizaram-se e esquentaram. Finalmente, entregaram-se.

— Você é muito bom para mim, Spence.

— Até que enfim você percebeu. — Brincalhão, mordiscou-lhe o lábio inferior. — Está melhor?

— Muito. Estou feliz por você estar aqui. — Ela apertou-lhe a mão. — Que tal tomarmos o chocolate quente da mamãe?

Antes que ele pudesse responder, Freddie voltou descendo as escadas correndo, um dos nós do tênis desfeito, para atirar os braços em volta da cintura de Natasha.

— Você voltou!

— Voltei. — Natasha curvou-se para beijar a cabeça de Freddie. — O que você andou aprontando?

— Estou assistindo à parada com Papa. Ele sabe imitar o Pato Donald e me deixa sentar no colo dele.

— Estou vendo. — Curvando-se ainda mais, Natasha fungou. Sentiu a indiscutível fragrância de jujubas no hálito de Freddie. — Ele ainda come todas as amarelas?

Freddie deu uma risada, dando um olhar rápido e cauteloso para o pai. Spence tinha pontos de vista bem diferentes de Yuri no que dizia respeito a jujubas.

— Não faz mal. Eu gosto mais das vermelhas.

— Quantas vermelhas? — perguntou Spence.

Freddie levantou os ombros e deixou-os cair. Era, notou Spence divertido, quase uma cópia do gesto habitual de Natasha.

— Não muitas. Você vai subir e ver o desfile com a gente? — Ela deu a mão a Natasha. — Está quase na hora do Papai Noel.

— Num minuto. — Por hábito, Natasha agachou-se para abotoar o sapato de Freddie. — Diga a papai que eu não vou mencionar as jujubas para mamãe. Mas só se ele guardar umas para mim.

— Está bem. — Saiu correndo pelas escadas.

— Seu pai causou uma impressão e tanto em Freddie. — observou Spence.

— Papa causa impressão a todo mundo. — Começou a levantar-se e sentiu a sala girar. Antes que pudesse cair no chão, Spence a segurou nos braços.

— O que é isso?

— Nada. — Ela segurou a cabeça, esperando a tontura passar. — Eu fiquei de pé muito rápido, só isso.

— Você está pálida. Venha se sentar. — Ele a segurou pela cintura, mas ela balançou a cabeça.

— Não, estou bem, de verdade. Só um pouco cansada. — Aliviada ao ver a sala parar de girar, sorriu para ele. — Culpa de Rachel. Eu teria ficado acordada a noite inteira se dependesse dela. Por puro instinto, caí no sono enquanto ela falava.

— Você comeu alguma coisa?

— Pensei que você fosse doutor em música. — Ela sorriu de novo e deu-lhe uma palmadinha no rosto. — Não se preocupe. No instante em que puser os pés na cozinha, mamãe vai começar a me alimentar.

Nesse exato momento, a porta da frente se abriu. Spence viu o rosto de Natasha se iluminar.

— Mikhail! — Com uma risada, ela se atirou nos braços do irmão.

Ele herdara o tom de pele, os cabelos e a beleza que corria no sangue dos Stanislaski. Por ser o mais alto da família, precisou se inclinar para abraçar Natasha. O cabelo caía por cima das orelhas e da gola. O casaco era velho, as botas, gastas. As mãos, grandes e lindas a afagar os cabelos de Natasha.

Spence levou alguns segundos para perceber que embora Natasha amasse a família profundamente, havia uma ligação especial entre aqueles dois.

— Senti saudades suas. — Ela afastou-se para beijar-lhe o rosto e voltou a agarrá-lo. — Eu realmente senti saudades suas.

— Então, por que não vem nos visitar mais vezes? — Ele a afastou, para olhá-la demoradamente. Não se importava com a palidez do rosto, mas, como as mãos dela ainda estavam frias, percebeu que ela havia saído. E ele sabia onde ela passara a manhã. Murmurou algo em ucraniano, mas ela apenas balançou a cabeça e apertou-lhe as mãos com força. Com um dar de ombros, bastante semelhante ao dela, mudou de assunto.

— Mikhail, quero apresentá-lo a Spence.

Enquanto tirava o casaco, Mikhail virou-se para analisar Spence. Diferente da aceitação amigável de Alex ou da observação sutil de Rachel, este era um intenso e prolongado olhar. Ficou claro para Spence que, se Mikhail não o aprovasse, não hesitaria em dizer isso.

— Conheço seu trabalho — disse, afinal. — É excelente.

— Obrigado. — Spence encarou-o. — Posso dizer o mesmo a respeito do seu. — Quando Mikhail levantou uma sobrancelha escura, Spence continuou. — Vi as estatuetas que você esculpiu para Natasha.

— Ah! — Um frágil sorriso curvou a boca de Mikhail. — Minha irmã sempre foi fã de contos de fadas.

Ouviu-se um grito no andar de cima, seguido de uma estrondosa gargalhada.

— É Freddie — explicou Natasha. — A filha de Spence. Ela está alegrando o dia do Papa.

Mikhail enfiou o polegar na presilha do cinto.

— Você é viúvo? E agora dá aulas na universidade?

— Isso mesmo. — Natasha o interrompeu: — Mikhail, não banque o irmão mais velho. Sou mais velha que você.

— Mas eu sou maior. — Depois, com um sorriso franco e expansivo, ele passou o braço em seu ombro. — Então, o que temos para comer?

Muito, pensou Spence quando a família se reuniu em volta da mesa naquela noite. O imenso peru no centro de uma toalha de crochê feita à mão era apenas o começo. Fiel ao feriado de seu país de adoção, Nadia preparara uma refeição que era tradição americana, desde o molho de castanhas até as tortas de abóbora.

De olhos arregalados, Freddie olhava prato após prato, admirada. Fazia barulho no aposento, pois todo mundo falava ao mesmo tempo. A porcelana não combinava. O velho Sasha esparramado no chão, perto de seu pé, esperava por algumas guloseimas. Ela estava sentada numa cadeira bamba, em cima das Páginas Amarelas de Nova York. Para ela, era o melhor dia

de sua vida.

Alex e Rachel começaram a discutir a respeito de uma infração infantil. Mikhail entrou na discussão afirmando que ambos estavam errados. Quando lhe pediram a opinião, Natasha apenas riu e sacudiu a cabeça. Virou-se para Spence e murmurou algo em seu ouvido que o fez gargalhar.

Nadia, a face rosada de prazer por ter a família reunida, deu a mão para Yuri quando ele levantou o copo.

— Chega! — disse, e efetivamente silenciou a mesa. — Vocês podem discutir depois sobre quem deixou escapar o camundongo branco no laboratório de ciência. Agora, vamos brindar. Agradeçamos à comida que Nadia e minhas meninas prepararam para nós. E agradeçamos aos amigos e à família que estão aqui juntos para apreciá-la. Agradeçamos, como em nosso primeiro Dia de Ação de Graças em nosso país, por sermos livres.

— À liberdade! — disse Mikhail levantando o copo.

— À liberdade! — concordou Yuri. Os olhos úmidos observaram todos ao redor da mesa. — E à família!

Naquela noite, Spence ouviu as histórias de Yuri sobre seu país de origem, com Freddie cochilando em seu colo. Enquanto a refeição fora uma barulhenta disputa de conversas, essa hora era de calma e tranquilidade. Alex e Rachel jogavam. Discutiam com frequência, mas nada de discussões acaloradas.

No canto, Natasha e Mikhail estavam sentados juntos, as cabeças escuras coladas. Spence podia ouvir os murmúrios e perceber que vez por outra davam as mãos, acariciavam-se os rostos. Nadia, sorridente, interrompia Yuri ocasionalmente para corrigir ou comentar enquanto fazia outra capa de almofada.

— Mulheres! — Yuri apontou a mulher com a haste do cachimbo que fumava após o jantar. — Eu me lembro como se fosse ontem.

— Você se lembra do jeito que quer lembrar.

— *Tak*. — Ele enfiou o cachimbo de volta na boca. — E o que eu me lembro torna a história melhor.

Quando Freddie se mexeu, Spence se levantou com ela no colo.

— Melhor colocá-la na cama.

— Deixe que eu faça isso. — Nadia colocou o trabalho de lado e levantou-se. — Se não se incomodar. — Fazendo barulhinhos reconfortantes, levantou Freddie no colo. Sonolenta e carinhosa, Freddie agarrou-se a seu pescoço.

— Você vai ficar na cadeira de balanço comigo?

— Vou sim. — Emocionada, Nadia beijou-lhe os cabelos, dirigindo-se às escadas. — Vou fazer você dormir na cadeira onde eu balançava todos os meus bebês.

— E vai cantar?

— Vou cantar uma música que minha mãe cantava para mim. E isso que você quer?

Freddie bocejou e sacudiu a cabeça sonolenta.

— Você tem uma linda filha. — Como Spence, Yuri as viu subirem as escadas. — Você precisa trazê-la aqui de novo mais vezes.

— Acho que vai ser difícil tirá-la daqui.

— Ela é sempre bem-vinda, assim como você. — Yuri deu uma baforada no cachimbo. — Mesmo se não casar com minha filha.

A afirmação produziu dez segundos de silêncio absoluto até Alex e Rachel voltarem ao jogo, trocando risinhos. Spence não se preocupou em disfarçar seu sorriso quando Natasha se levantou.

— Não tem leite para amanhã de manhã — falou de repente. — Spence, por que não vamos comprar leite?

— Claro.

Poucos minutos depois, saíram enrolados em casacos e cachecóis. Natasha adorava aquela temperatura. O céu estava claro e estrelado.

— Ele não pretendia deixar você constrangida — começou Spence.

— Pretendia, sim.

Spence não se preocupou em conter a gargalhada e passou-lhe o braço pelos ombros.

— Imagino que pretendia. Gosto de sua família.

— Eu também. Quase sempre.

— Você tem sorte. Ver Freddie aqui me fez perceber a importância de uma família. Acho que nunca tentei me aproximar de Nina ou de meus pais.

— Ainda assim é sua família. Talvez não tão unida quanto a minha porque, quando aqui chegamos, só tínhamos uns aos outros.

— É bem verdade que minha família nunca cruzou montanhas num vagão rumo à Hungria.

O comentário a fez rir.

— Rachel sempre ficou com inveja por ainda não ter nascido. Quando era pequena, ela dizia ser mais americana, pois nascera em Nova York. Logo depois, alguém lhe disse que se quisesse ser advogada devia pensar em mudar ou diminuir o

nome. — Dando nova risada, Natasha o fitou. — Ela se sentiu super insultada e superucraniana.

— É um lindo nome. Você deve mantê-lo mesmo depois de se casar comigo.

— Não comece...

— Deve ser influência de seu pai. — Ele olhou para a loja escura, com um cartaz pendurado na porta indicando estar fechada. — A loja está fechada.

— Eu sei. — Ela aconchegou-se em seus braços. — Só queria caminhar. Agora que estamos parados diante de uma porta escura fechada, a sós, posso beijar você.

— Boa idéia! — Spence curvou-se para beijá-la.

Natasha aborreceu-se por cochilar na viagem de volta para casa. Sentia-se como se tivesse passado uma semana escalando montanhas em vez de menos de 48 horas na casa de sua família. Quando se forçou a despertar da última vez, já cruzavam a fronteira de Maryland para Virgínia do Oeste.

— Já? — Aprumou-se no assento e deu um olhar apaziguador para Spence. — Eu não o ajudei a dirigir.

— Não faz mal. Você parecia precisar descansar.

— Muita comida e pouco sono. — Olhou para o banco de trás onde Freddie dormia a sono solto. — Fomos péssima companhia para você.

— Depois, você se redime. Venha para casa comigo um pouquinho.

— Está bem. — Era o mínimo que podia fazer, pensou Natasha. Como Vera só voltaria no domingo, podia ajudá-lo a colocar Freddie na cama e preparar uma refeição leve.

Estacionaram na frente da casa, tiraram as malas e a criança adormecida.

— Eu a levo para cima — murmurou ele. — Não vou me demorar.

Natasha esperou na cozinha, preparando chá e sanduíches. Que estranho!, não estava apenas exausta, mas faminta. Quando Spence voltou, ela usava o avental de Vera.

— Freddie dorme como uma pedra. — Ele olhou a mesa. — Você leu minha mente.

— Com duas passageiras inconscientes, você não podia parar para comer.

— O que temos aí?

— Pratos tradicionais ucranianos. — Ela puxou a cadeira. — Atum.

— Maravilhoso — concluiu Spence depois da primeira mordida.

Não era só o sanduíche. Ele gostava de tê-la ali, sentada à sua frente na claridade da luz da cozinha, a casa silenciosa.

— Imagino que vá abrir a loja amanhã.

— Com certeza. Vai ser uma loucura daqui até o Natal. Contratei um estudante universitário para trabalhar meio expediente e ele começa amanhã. — Ela levantou a xícara e riu para ele por cima da borda. — Adivinhe quem é?

— Melony Trainor — disse ele, citando uma de suas mais atraentes alunas e recebendo um soco no ombro.

— Não. Ela está muito ocupada, flertando, para trabalhar. Terry Maynard.

— Maynard? Sério?

— Sério. Ele vai usar o dinheiro para comprar um novo amortecedor para o automóvel. — Fez uma pausa dramática. — Ele e Annie estão saindo.

— Você está brincando? — Ele riu ao se reclinar. — Bem, com certeza, ele se recuperou do choque com rapidez.

Natasha ergueu a sobrancelha.

— Não foi um choque, apenas um abalo. Eles estão se vendo toda noite há três semanas.

— Parece sério.

— Acho que sim. Mas Annie está preocupada por ser muito velha para ele.

— Quantos anos mais velha?

Natasha inclinou-se e sussurrou baixinho:

— Ah, muito mais velha. Quase um ano.

— Desencaminhadora de menores!

Com uma risada, ela voltou à posição inicial.

— É bom vê-los juntos. Só espero que não deixem os clientes esperando por estarem trocando juras de amor. — Deu de ombros e voltou a atenção para o chá. — Acho que vou cedo para a loja, cuidar da decoração.

— Você vai estar exausta no final do dia. Por que não vem jantar aqui?

Curiosa, inclinou a cabeça.

— Você cozinha?

— Não. — Ele sorriu e engoliu o resto do sanduíche.

— Mas faço ótimas compras. É possível conseguir um prato completo de galinha ou de pizza. Sou até conhecido por trazer comida oriental.

— Vou deixar o menu por sua conta. — Ela levantou-se para limpar a mesa, mas ele segurou-lhe a mão.

— Natasha. — Ele ficou de pé, usando a mão livre para acariciar-lhe os cabelos. — Quero agradecer por me permitir compartilhar dos últimos dois dias com você. Significou muito para mim.

— Para mim também.

— Mesmo assim, senti falta de ficar sozinho com você. — Ele curvou-se para roçar os lábios nos dela. — Vamos lá para cima comigo. Gostaria muito de fazer amor com você em minha cama.

Ela não respondeu. Nem hesitou. Passando o braço por sua cintura, seguiu-o. Ele deixou a lâmpada difusa do abajur acesa. Ela podia ver as cores escuras e masculinas escolhidas para o quarto. Azul-escuro, verde-musgo. Um quadro a óleo numa moldura pesada e ornada dominava uma das paredes. Podia ver as silhuetas das exóticas antiguidades. A cama era grande, um generoso espaço particular forrado com uma coberta pesada e macia. Um espaço especial notou Natasha, sabendo que ele nunca levara outra mulher àquela cama, àquele quarto.

No espelho em cima da cômoda, viu as imagens dos dois refletidas, parados lado a lado, e seu sorriso, quando ele acariciou-lhe o rosto. Tinham tempo, tempo para usufruir da companhia um do outro. A fadiga desaparecera. Agora, sentia apenas a felicidade de amar e ser amada. Era difícil colocar em palavras, mas, ao beijá-lo, o coração falou por ela.

Lentamente, despiram-se.

Ela tirou-lhe o suéter pela cabeça. Ele cuidou dos botões do cardigã e o afastou dos ombros. Mantendo os olhos nos seus, ela desabotoou-lhe a camisa. Ele lhe tirou o blusão de algodão, deixando os dedos a percorrerem até ela se desvencilhar dele. Ela abriu-lhe as calças. Ele soltou os três colchetes que lhe prendiam as calças na cintura. Com mãos suaves, ele desceu-lhe a camiseta ao mesmo tempo que ela se livrava da última barreira entre eles.

Moviam-se juntos, devagar, as palmas da mão de Natasha pressionando-lhe as costas, as dele descendo pelas laterais do corpo dela. As cabeças, a princípio, inclinando de um lado, depois de outro, a experimentar beijos demorados, prolongados. Divertimento. Os corpos aquecendo, as bocas ávidas, tudo parecia perfeitamente natural.

Deitaram-se num acordo tácito. Spence afastou a colcha e enfiaram-se por baixo dela.

A intimidade não tinha rival, pensou Natasha. Nada se comparava a isso. Os corpos esfregavam-se e, a cada movimento, os lençóis sussurravam. Respondia aos murmúrios dele com suspiros. O gosto e a fragrância da pele dele era familiar, pessoal. O toque dele, gentil e, depois, persuasivo, até se tornar exigente. Era tudo o que ela desejava.

Ela era simplesmente linda. Não apenas o corpo, não apenas aquele rosto delicado, mas seu espírito. Quando ela se movia com ele, havia uma harmonia mais intensa do que a que ele jamais poderia criar com música. Ela era sua música — a risada dela, a voz, os gestos. Ele não sabia como lhe dizer. Apenas como demonstrar.

Fez amor com ela como se fosse a primeira e a última vez. Nunca ela se sentira tão elegante, tão graciosa. Nunca se sentira tão forte ou tão segura.

Quando ele subiu por cima dela e ela ergueu-se para encontrar seu corpo, foi perfeito.

— Gostaria que você ficasse.

Natasha virou o rosto, aconchegando-se em seu pescoço.

— Não posso. Freddie iria fazer perguntas pela manhã que eu não saberia responder.

— Tenho uma resposta muito simples. Vou lhe dizer a verdade. Eu amo você.

— Não é tão simples.

— É a verdade. — Ele virou-se para poder fitar os olhos enevoados na luz difusa. — Eu amo você, Natasha.

— Spence...

— Não. Não me dê respostas lógicas ou desculpas. Já passamos dessa fase. Diga se acredita em mim.

Ela o fitou e viu o que já sabia.

— Sim, acredito em você.

— Então me diga o que sente. Preciso saber.

Ele tinha o direito de saber, pensou, embora ela sentisse o gosto do pânico na língua.

— Eu amo você. E tenho medo.

Ele levou-lhe a mão aos lábios para dar-lhe um beijo nos dedos.

— Por quê?

— Porque já amei uma vez e nada, nada podia ter dado mais errado.

A sombra voltara a surgir, pensou Spence impaciente. A sombra do passado contra a qual não podia lutar ou vencer, pois não tinha nome.

— Nenhum de nós chegou até aqui sem algumas feridas, Natasha. Mas temos a chance de construir algo novo, algo importante.

Ela sabia que ele tinha razão, sentia que ele tinha razão, ainda assim recuava.

— Eu queria ter essa certeza, Spence. Você desconhece muitas coisas a meu respeito.

— Por exemplo, que você era bailarina.

Ela se mexeu, para pegar os lençóis e cobrir os seios e se sentar.

— Sim. No passado.

— Por que nunca mencionou?

— Porque já acabou.

Ele afastou-lhe os cabelos do rosto.

— Por que parou?

— Precisei fazer uma escolha. — A dor voltou, mas suave. Ela virou-se para ele e sorriu. — Eu não era tão boa. Quer dizer, era razoável. Talvez com o tempo pudesse me tornar boa o suficiente para ser a primeira bailarina. Talvez... No passado, era o que eu mais queria. Mas nem sempre conseguimos o que desejamos.

— Você vai me contar a respeito?

Era um começo, que ela sabia ser necessário.

— Não é muito excitante. — Ela ergueu as mãos e, em seguida, deixou-as cair sobre o lençol. — Eu comecei tarde; depois de chegarmos aqui. Através da Igreja, meus pais conheceram Martina Latovia. Muitos anos antes, ela fora uma importante bailarina soviética que abandonara o país para se radicar nos EUA. Ficou amiga da minha mãe e se ofereceu para me dar aulas. A dança foi útil para mim. Eu não falava bem inglês, então era difícil fazer amigos. Tudo era muito diferente aqui, você entende.

— Sim, posso imaginar.

— Eu tinha quase 8 anos na ocasião. É difícil ensinar o corpo, as juntas a se moverem, se não forem treinados. Mas eu trabalhei com afinco. Martina era gentil e encorajadora. Meus pais ficaram tão orgulhosos... — Ela riu um pouco, mas afetuosamente. — Papai tinha certeza de que eu seria a próxima Pavlova. Na primeira vez que dancei *en pointe*, mamãe chorou. A dança é, ao mesmo tempo, obsessão, dor e alegria. É um mundo diferente Spence. Não consigo explicar. E preciso conhecê-lo, fazer parte dele.

— Não precisa explicar.

Ela o fitou.

— Não, não para você — murmurou. — Você tem a música. Eu entrei para o corpo de baile um pouco antes de completar 16 anos. Talvez não soubesse da existência de outros mundos, mas estava feliz.

— O que aconteceu?

— Havia um bailarino. — Ela fechou os olhos. Era importante contar cada detalhe, devagar, passo a passo. — Você já deve ter ouvido falar dele, eu imagino. Anthony Marshall.

— Sim. — Spence imediatamente visualizou um homem alto, louro, com corpo esbelto e uma graciosidade incrível. — Eu o vi dançar muitas vezes.

— Ele era magnífico. Ainda é — corrigiu-se. — Embora já tenha anos desde a última vez que o vi dançar. Envolvemo-nos. Eu era jovem. Muito jovem. E ele foi um enorme erro.

Agora, a sombra tinha um nome.

— Você o amou.

— Ah, muito. De um jeito ingênuo e idealizado. A única maneira que uma menina tem de amar aos 17 anos. Pior ainda, eu acreditava em seu amor. Ele disse me amar através de palavras, gestos. Era muito charmoso, romântico... E eu queria acreditar nele. Ele me prometeu casamento, um futuro, uma parceria na dança, tudo o que eu queria ouvir. Ele quebrou todas as promessas e meu coração.

— E, agora, você não quer ouvir minhas promessas.

— Você não é Anthony — murmurou ela, levando a mão ao seu rosto. Os olhos escuros e lindos, a voz ainda mais delicada conforme as emoções vinham à tona. — Acredite, eu sei. E não faço comparações. Deixei de ser a mulher que construía castelos de areia em cima de palavras falsas.

— Nada do que lhe disse é falso.

— Não. — Ela inclinou-se e encostou o rosto no dele. — Ao longo dos últimos meses, percebi, compreendi que o que sinto por você é diferente de tudo que já senti antes. — Gostaria de dizer mais, mas as palavras ficaram presas na garganta. — Por favor, por enquanto não posso dizer mais nada.

— Por enquanto. Mas não será o suficiente para sempre.

Ela entregou-lhe os lábios.

— Só por enquanto.

Como podia ser?, perguntava-se Natasha. Como podia ser que, quando começava a acreditar em si, em seu coração, isso acontecesse? Como podia enfrentá-lo de novo?

Era como um filme rebobinado passando de novo, quando a vida mudara tão drástica e totalmente. Recostou-se na cama, sem se preocupar em se vestir para o trabalho, sem se preocupar em começar um dia normal. Como poderia ser normal? Como poderia esperar que voltasse a ser normal?

Segurou o pequeno recipiente na mão. Seguiria as instruções com exatidão. Só por precaução, dissera a si mesma. Mas seu coração já lhe avisara. Desde a visita aos pais há duas semanas, já sabia. E evitara enfrentar a realidade.

Não fora o resfriado que a deixara tonta pela manhã. Não era o excesso de trabalho ou o estresse que a deixavam tão cansada ou lhe causavam ocasionais tonteiras. O teste simples comprado na farmácia lhe dissera o que já sabia e temia.

Estava grávida. Mais uma vez, estava grávida. A onda de alegria e encantamento foi totalmente eclipsado pelo medo que lhe gelava a espinha.

Como podia ser? Ela não era mais uma menina tola e tomara precauções. Colocando de lado o romance, fora suficientemente prática e responsável. Consultara um médico e começara a tomar pílulas ao perceber aonde seu relacionamento com Spence poderia levá-los. Mesmo assim, engravidara. Não havia como negar.

Como lhe diria? Cobrindo o rosto com as mãos, Natasha balançou-se para a frente e para trás buscando um pouco de

conforto. Como poderia enfrentar tudo novamente, quando a lembrança daquela vez, anos atrás, ainda doía?

Sabia que Anthony deixara de amá-la, se é que algum dia a amara. Mas, ao saber que estava carregando um filho dele, ela ficara animada e segura de que ele compartilharia de sua alegria. Quando o procurara, quase explodindo de felicidade, a crueldade dele a destruía.

Deixara o apartamento dele arrasada, lembrou-se. Como fora difícil continuar a sorrir ao ver a mesa posta para dois, as velas acesas, o vinho no balde de gelo! — como tantas vezes ele preparara tudo exatamente igual para ela quando a amava. Agora, ela havia preparado o palco para outra. Mas ela se persuadira de que não era importante. Quando ela lhe contasse estar grávida, tudo mudaria.

E mudara.

— De que diabos você está falando? — Lembrou-se da fúria nos olhos ao encará-la.

— Fui ao médico à tarde. Estou grávida de quase dois meses. — Estendeu as mãos para ele. — Anthony...

— Esse truque é velho, Tash — dissera despreocupadamente, mas talvez tivesse ficado abalado. Ele parara diante da mesa para servir-se de uma taça de vinho.

— Não é um truque.

— Não? Então, como você pode ser tão idiota? — Ele agarrara-lhe o braço e a sacudira, a magnífica juba esvoaçando. — Se você se meteu em confusão, não espere vir correndo para mim na esperança de que eu a resolva.

Aturdida, ergueu a mão e esfregou o braço no lugar onde ele cravara os dedos. Ele não estava entendendo, disse a si mesma.

— Vou ter um filho. Nosso filho. O médico disse que o bebê vai nascer em julho.

— Talvez você esteja grávida. — Ele deu de ombros e sorveu o vinho de uma só vez. — Não é problema meu.

— Deveria ser.

Ele a olhara então, o corpo ereto, os olhos frios.

— Como posso ter certeza de que é meu?

Ela empalideceu. Lembrou-se de como se sentira quando quase fora atropelada em sua primeira ida à cidade de Nova York.

— Você sabe. Tem de saber.

— Não tenho de saber nada. Agora, se me der licença, estou esperando alguém.

Desesperada, ela tentou segurar-lhe a mão.

— Anthony, você não entende? Estou grávida de um filho seu.

— Seu filho — corrigiu-a. — Seu problema. Se quer um conselho, livre-se dele.

— Livre-se... — Ela não era tão jovem ou tão ingênua a ponto de não compreender o significado das palavras. — Você não pode estar falando sério.

— Você quer dançar, Tash? Tentar retornar às aulas depois de tirar nove meses de licença para ter um fardo que vai acabar dando de um jeito ou de outro? Cresça.

— Eu cresci. — Colocou a mão na barriga, num gesto protetor. — Eu vou ter esta criança.

— Você decide. — Ele fez um gesto com a taça de vinho. — Não espere me fazer embarcar nessa. Tenho uma carreira com que me preocupar. Talvez seja melhor para você — concluiu. — Convença algum pobre coitado a se casar com você e vire dona-de-casa. De qualquer modo, nunca passaria de uma bailarina medíocre.

Então, ela tivera a filha e a amara — por um período breve, muito breve. Agora, esperava outro filho. Não poderia ousar amá-lo, não poderia ousar desejá-lo. Não quando sabia o que era perder um filho.

Histérica, atirou o recipiente longe e começou a tirar as roupas do armário. Precisava fugir. Precisava pensar. Iria embora, prometeu a si mesma, pressionando os olhos com as mãos até se acalmar. Mas precisava contar a Spence.

Dessa vez, dirigiu até a casa dele, tentando se acalmar quando o carro se aproximou. Como era sábado, crianças brincavam nos pátios e nas calçadas. Algumas a chamaram e ela conseguiu levantar a mão e acenar. Viu Freddie brincando com os gatinhos na grama.

— Tash! Tash! — Lucy e Desi correram para se esconder, mas Freddie correu para o carro. — Você veio brincar?

— Hoje não. — Forçando um sorriso, Natasha beilou-lhe o rosto. — Seu pai está em casa?

— Está tocando. Ele toca um bocado desde que nos mudamos para cá. Eu fiz um desenho. Vou mandar para papai e mamãe.

Natasha esforçou-se por manter o sorriso ao ouvir o jeito carinhoso como Freddie falava dos pais dela.

— Eles vão gostar muito.

— Venha. Vou mostrar para você.

— Num minuto. Primeiro preciso falar com seu pai. Sozinha.

Freddie fez um biquinho.

— Você está zangada com ele?

— Não. — Ela apertou o nariz de Freddie. — Vá procurar seus gatinhos. Falo com você antes de ir embora.

— Tá bem.

Segura, Freddie saiu correndo, soltando gritinhos que fariam os gatos se esconderem nas moitas, percebeu Natasha.

Melhor manter a mente lúcida, concluiu, batendo na porta da frente. Então, explicaria tudo devagar, racionalmente, como adulta.

— Senhorita. — Vera abriu a porta, a expressão menos fria do que de hábito. A descrição de Freddie a respeito do feriado de Ação de Graças no Brooklyn tivera o efeito de suavizá-la.

— Gostaria de ver o dr. Kimball se ele não estiver ocupado.

— Entre. — Ela se pegou franzindo a testa ligeiramente ao observar Natasha. — A senhorita está bem? Está muito pálida.

— Sim, estou bem, obrigada.

— Gostaria de um chá?

— Não, não. Não posso me demorar.

Embora Vera secretamente pensasse que Natasha parecia um bichinho encurralado, meneou a cabeça afirmativamente.

— A senhorita vai encontrá-lo na sala de música. Ele passou quase a noite toda acordado trabalhando.

— Obrigada. — Segurando a bolsa, Natasha atravessou o corredor. Podia ouvir a música triste. Ou talvez fosse seu próprio estado de espírito. Segurou as lágrimas.

Ao vê-lo, lembrou-se da primeira vez em que entrara naquela sala. Talvez tivesse começado a se apaixonar por ele naquele dia, vendo-o com a filha sentada no colo, cercado pela luz do sol.

Tirou as luvas, nervosa ao vê-lo. Ele estava mergulhado na música, senhor e cativo dela. Agora, ela mudaria a vida dele. Ele não pedira isso e ambos sabiam que amar nem sempre era o bastante.

— Spence — murmurou-lhe o nome quando a música parou, mas ele não ouviu. Ela sentia a intensidade que o cercava enquanto escrevia numa pauta de música. Ao vê-lo com a barba por fazer, a camisa amassada, aberta no colarinho, os cabelos despenteados, teve vontade de rir, mas, em vez disso, os olhos ficaram marejados. Enquanto o olhava, ele passou a mão nos cabelos. — Spence — repetiu.

Ele ergueu o olhar, a princípio irritado. Depois, fitou-a e sorriu.

— Ei! Não esperava vê-la hoje.

— Annie está cuidando da loja. — Ela torceu as mãos. — Precisava ver você.

— Fico feliz. — Ele levantou-se, embora a música ainda lhe ocupasse os pensamentos. — Que horas são? — A usente, olhou o relógio. — Muito cedo para convidá-la para almoçar. Que tal um café?

— Não. — Só de pensar no café, seu estômago embrulhava. — Não quero nada. Precisava dizer a você... — Cruzou os dedos. — Não sei como, mas quero que saiba que nunca foi minha intenção, não quero que se sinta obrigado...

As palavras sumiram. Ele sacudiu a cabeça e foi em sua direção.

— Se algo aconteceu, por que não me diz?

— Estou tentando.

Spence segurou-lhe a mão para conduzi-la ao sofá.

— A melhor maneira sempre é ser direta.

— Sim. — Ela colocou a mão na cabeça que girava.

— Você entende, eu... — Ela viu a preocupação em seus olhos e depois tudo ficou preto...

Ao acordar, estava deitada no sofá e Spence, ajoelhado ao seu lado, massageava-lhe os punhos.

— Calma — murmurou. — Fique deitada, quietinha. Vou chamar o médico.

— Não. Não é preciso. — Cuidadosamente, ergueu-se. — Estou bem.

— É óbvio que não está. — Ela suave frio. — Você parece uma pedra de gelo e está pálida como um fantasma. Droga,

Natasha, por que não me disse que não estava bem? Vou levá-la para o hospital.

— Não preciso de hospital ou de médico. — O coração batia desordenado, histérico. Tentou se controlar e se forçou a falar. — Não estou doente, Spence. Estou grávida.

O quê? — foi tudo o que ele conseguiu dizer. Voltou a se ajoelhar e a encarou. — O que você disse?

Ela queria ser forte, precisava ser. Ele parecia ter sido atingido por um instrumento pontiagudo.

— Estou grávida — repetiu, num gesto indefeso. — Desculpe.

Ele apenas balançou a cabeça, esperando absorver a revelação.

— Tem certeza?

— Tenho. — Melhor ser direta, disse a si mesma. Ele era um homem civilizado. Não haveria acusações nem crueldade.

— Esta manhã, fiz um teste. Eu já suspeitava há umas duas semanas, mas...

— Suspeitava. — A mão agarrou o braço do sofá. Ela não parecia furiosa, como Angela ficara. Parecia arrasada. — E você não falou nada.

— Não vi necessidade, até ter certeza. Não havia motivo para aborrecer você.

— Entendo. É assim que se sente, Natasha? Aborrecida?

— O que estou é grávida — disse, ríspida. — E achei ser meu dever dizer a você. Vou embora por uns dias. — Embora ainda se sentisse fraca, conseguiu se levantar.

— Embora? — Confuso, com medo de ela voltar a desmaiar, furioso, ele a segurou. — Agora, só um minutinho. Você vem aqui, me diz estar grávida e depois me diz, na maior calma, que vai embora? — Ele sentiu uma pontada no peito. O nome era medo. — Para onde?

— Simplesmente embora. — Ela ouviu a própria voz, cortante e rude, e apertou o coração com a mão. — Lamento, não estou lidando bem com a novidade. Preciso de um tempo. Preciso ir embora.

— O que você precisa fazer é se sentar até termos conversado a respeito.

— Não posso conversar a respeito. — Ela sentiu a pressão dentro dela crescer como volumes de água contra uma represa. — Ainda não, não até eu... Eu só queria lhe contar antes de partir.

— Você não vai a lugar nenhum. — Ele agarrou-lhe o braço para mantê-la parada. — E você vai falar comigo a respeito. O que quer de mim? Que eu diga que adorei saber da novidade e que vejo você na volta?

— Não quero nada. — Quando a voz aumentou de volume, ela não pôde mais controlar a emoção. Paixões, dores e medos vieram à tona e as lágrimas começaram a escorrer. — Nunca quis nada de você. Não queria me apaixonar por você, não queria precisar de você em minha vida. Não queria um filho seu.

— Isso está bem claro. — O nó no peito apertou e ele deixou vir à tona a própria raiva. — Claro como água. Mas você está carregando um filho meu e agora vamos nos sentar e conversar sobre o que vamos fazer a respeito.

— Estou dizendo que preciso de um tempo.

— Eu já lhe dei tempo demais, Natasha. Aparentemente, o destino se encarregou novamente de traçar seu rumo, e você vai ter de enfrentá-lo.

— Não posso passar por isso de novo. Não vou.

— De novo? Sobre o que está falando?

— Eu tive uma filha. — Ela desvencilhou-se para cobrir o rosto com as mãos. O corpo inteiro começou a tremer. — Eu tive uma filha. Ai, meu Deus!

Atônito, ele colocou a mão gentilmente em seu ombro.

— Você teve uma filha?

— Tive. — As lágrimas pareciam descer numa corrente, quentes e doídas, do âmago de seu ser. — Ela partiu.

— Venha se sentar, Natasha. Fale comigo.

— Não posso. Você não entende? Eu a perdi. Meu bebê. Não suporto a idéia de passar por tudo de novo. — Ela se afastou. — Você não sabe, não pode saber como dói.

— Não, mas posso ver. — Ele voltou a tocá-la. — Quero que me conte, para eu poder entender.

— Que diferença fará?

— Vamos ver. Não é bom para você ficar tão exaltada agora.

— Não. — Ela passou a mão no rosto. — Não faz bem nenhum ficar tão exaltada. Desculpe por me comportar assim.

— Não peça desculpas. Sente-se. Vou pegar uma xícara de chá. Vamos conversar. — Ele a conduziu até uma cadeira e ela se deixou levar sem opor resistência. — Volto num minuto.

Ele voltou em menos tempo, tinha certeza, mas, ao voltar, ela partira.

Mikhail esculpia um bloco de cerejeira e ouvia a rajada de rock and roll nos fones de ouvido. Combinava com o humor que sentia brotar da madeira. Não importa o que fosse surgir — ele ainda não tinha certeza do que era -, era jovem e cheio de energia. Sempre que esculpia, ouvia música, fosse blues, Bach ou, simplesmente, o barulho do trânsito, quatro andares abaixo da janela. Deixavalhe a mente livre para explorar o material no qual as mãos trabalhavam.

Hoje, a mente estava muito atordoada e ele sabia estar lerdo. Olhou a mesa de trabalho e o apartamento de duas peças entupido e desarrumado. Natasha estava enroscada numa cadeira em péssimas condições, cheia de coisas em cima. Ele desencavara a cadeira na rua no verão passado. Tinha um livro nas mãos, mas Mikhail não acreditava que ela tivesse virado a página nos últimos 20 minutos. Ela também estava lerda.

Tão zangado consigo mesmo quanto com ela, tirou os fones de ouvido. Bastava virar-se para estar na cozinha. Sem nada dizer, colocou uma chaleira no fogão a gás de duas bocas e preparou chá. Natasha não fez comentários. Quando ele trouxe duas xícaras, colocando a dela na superfície arranhada de uma mesinha próxima, ela ergueu o olhar vazio.

— Oh! *Dyakuyul*

— Chegou a hora de me dizer o que está acontecendo.

— Mikhail...

— Estou falando sério. — Ele caiu na almofada desconjuntada aos pés dela. — Você chegou há quase uma semana, Tash.

Ela conseguiu dar um sorriso.

— Já está pensando em me botar para fora?

— Talvez. — Colocou a mão em cima da dela, acariciando-a suavemente. — Não lhe fiz nenhuma pergunta, pois era o que você queria. Não contei à mamãe e ao papai que você chegou na minha porta uma noite, pálida e assustada, pois me pediu para nada dizer.

— E eu sou grata por isso.

— Bem, pare de sentir gratidão. — Ele fez um de seus gestos abruptos, tão característicos. — Fale comigo.

— Eu disse que precisava me afastar por um tempo e não queria mamãe e papai me cobrindo de perguntas. — Moveu os ombros e pegou a xícara de chá. — Você não fica me enchendo de perguntas.

— Estou prestes a fazê-lo. Conte o que aconteceu. — Inclinou-se e segurou-lhe o queixo. — Tash, conte.

— Estou grávida — revelou ela. Depois, trêmula, repousou a taça de chá.

Ele abriu a boca, mas, quando as palavras não saíram, simplesmente passou os braços em volta dela. Dando um profundo e sentido suspiro, ela se conteve.

— Você está bem? Vocês estão bem?

— Estamos. Fui ao médico dois dias atrás. Ele disse que estou bem, que estamos bem.

Ele se afastou para analisar-lhe o rosto.

— O professor universitário?

— Claro. Não tive ninguém além de Spence.

Os olhos escuros de Mikhail endureceram.

— Se aquele filho-da-mãe tratou você mal...

— Não. — Ela achou estranho ser capaz de sorrir e pegou as mãos fechadas de Mikhail nas suas. — Não, ele nunca me tratou mal.

— Então, ele não quer a criança. — Quando Natasha simplesmente olhou as mãos unidas, Mikhail apertou os olhos. —

Natasha?

— Eu não sei. — Ela se afastou, levantou-se e andou por entre a mobília velha e os blocos de madeira e pedra de Mikhail.

— Você não contou a ele?

— Claro que contei. — Enquanto se movia, as mãos abriam e fechavam. Para se acalmar, parou perto da árvore de Natal de Mikhail, um pinheiro de 30 cm num pote que ela decorara com pedacinhos de papel colorido. — Eu simplesmente não lhe dei a chance de dizer nada quando lhe contei. Eu estava muito aborrecida.

— Você não quer a criança?

Ela virou-se ao ouvi-lo, os olhos arregalados.

— Como pode dizer uma coisa dessas? Como pode pensar isso?

— Porque você está aqui, em vez de resolver a situação com o professor.

— Precisava de tempo para pensar.

— Você pensa demais.

Ele nunca dissera isso antes. Natasha contraiu a mandíbula.

— Não é uma questão de decidir entre um vestido azul ou um vermelho. Vou ter um filho.

— *Tak*. Por que não se senta e relaxa antes de ficar cheia de rugas?

— Não quero sentar. — Ela começou a zanzar de novo, chutando uma caixa. — Para começar, eu não queria me envolver com ele. Mesmo quando me envolvi quando ele tornou impossível eu agir de outro modo, eu sabia ser importante manter a distância. Eu queria me certificar de não cometer novamente os mesmos erros. E agora... — Fez um gesto indefeso.

— Ele não é Anthony. O bebê não é Lily. — Quando ela se virou, os olhos estavam tão cheios de emoção que ele se levantou e se aproximou. — Eu também a amava.

— Eu sei.

— Você não pode julgar o presente com base no passado, Tash. — Ele beijou-lhe o rosto, carinhosamente. — Não é justo com você, com seu professor ou com a criança.

— Não sei o que fazer.

— Você o ama?

— Sim, eu o amo.

— Ele ama você?

— Ele diz...

Ele pegou-lhe as mãos inquietas nas suas.

— Não me diga o que ele diz, diga o que você sente.

— Sim, ele me ama.

— Então, pare de se esconder e vá para casa. Você devia estar tendo esta conversa com ele, não com seu irmão.

Ele estava começando a perder o juízo. Todo dia, Spence ia ao apartamento de Natasha, seguro de que dessa vez ela abriria a porta. Quando ela não abria, ele ia perturbar Annie na loja. Mal percebeu a decoração de Natal nas lojas, os gordos e alegres Papais Noéis, os anjos reluzentes, as luzes coloridas enfeitando as casas. Ao fazê-lo, era para olhá-los de cara feia.

Fez todos os esforços para demonstrar o espírito das festas para Freddie. Fora com ela escolher uma árvore, passara horas a decorá-la em sua companhia, cumprimentando-a pelos fios pendurados de pipoca. Atencioso, ouvia-a falar a respeito da lista de Natal cada dia maior e a levava ao shopping para se sentar no colo do Papai Noel. Mas seu coração estava longe.

Era difícil parar, disse a si mesmo, e pela janela viu os primeiros flocos de neve. Não importava a crise, o caos em que sua vida se transformara, não estragaria o Natal de Freddie.

Ela perguntava por Natasha todo dia. O que tornava tudo mais difícil, pois ele não tinha respostas. Vira Freddie

representar um anjo na festa de fim de ano na escola e desejara ter a companhia de Natasha.

E a criança deles? Ele mal conseguia pensar em outra coisa. Natasha podia estar carregando a irmãzinha com que Freddie tanto sonhara. O bebê que ele, Spence, desesperadamente desejava. A não ser... Ele não queria pensar para onde ela fora, o que fizera. Mas como pensar em outra coisa?

Tinha de haver um jeito de encontrá-la. E, quando a encontrasse, pediria, imploraria, a intimidaria e ameaçaria até ela voltar para ele.

Ela tivera uma criança. O fato o deixara atônito. Uma criança que perdera, lembrou-se Spence. Mas como e quando? Perguntas à espera de respostas enchiam-lhe a mente. Ela dissera amá-lo e ele sabia o quanto fora difícil para ela confessar. Mesmo assim, ainda não confiava nele.

— Papai! — Freddie entrou na sala, a mente concentrada no Natal a apenas seis dias. — Estamos preparando bolinhos!

Ele olhou por cima do ombro e viu Freddie sorrindo, a boca suja de açúcar vermelho e verde. Spence a pegou no colo e a abraçou.

— Eu amo você, Freddie.

Ela riu e o beijou.

— Eu também amo você. Pode vir fazer bolinhos com a gente?

— Num minuto. Preciso sair primeiro. — Ele ia à loja pressionar Annie e descobrir para onde Natasha tinha ido. Não importando o que a ruiva tivesse dito, Spence não acreditava que Natasha pudesse ter deixado a assistente sem um número onde pudesse ser localizada.

Freddie fez biquinho enquanto brincava com o botão da camisa de Spence.

— Quando você vai voltar?

— Logo. — Ele voltou a beijá-la, antes de colocá-la no chão. — Quando voltar, vou ajudar vocês a preparar os bolinhos, prometo.

Contente, Freddie correu de volta para Vera. Sabia que o pai sempre cumpria suas promessas.

Natasha parou do lado de fora da porta. A neve caía. Havia luzes penduradas no teto e em volta das grades. Ela se perguntou como ficariam quando acesas. Havia um Papai Noel em tamanho natural na porta, o saco de presentes deixando-o curvo. Lembrou-se da bruxa no Halloween. Na primeira noite em que ela e Spence fizeram amor. Naquela noite, estava certa, a criança deles fora concebida.

Por um momento, quase virou as costas, dizendo a si mesma que deveria ir para casa, desfazer as malas e recuperar o fôlego. Mas esta seria mais uma maneira de se esconder. Já se escondera tempo suficiente. Recobrando a coragem, apertou a campainha.

No momento em que Freddie abriu a porta, os olhos brilharam. Deixou escapar um gritinho e se atirou nos braços de Natasha.

— Você voltou! Você voltou! Estava cansada de esperar.

Natasha a apertou, sacudindo para a frente e para trás. Isto era o que queria, precisava, percebeu ao afundar o rosto nos cabelos de Freddie. Como pudera ser tão tola?

— Fiquei fora só um pouquinho.

— Foram dias e dias. Compramos uma árvore e lâmpadas e já embrulhei seu presente. Eu comprei sozinha no shopping. Não vá embora de novo.

— Não — murmurou Natasha. — Não vou. — Colocou Freddie no chão e entraram para se proteger do frio e da neve.

— Você perdeu minha peça. Eu fui um anjo.

— Desculpe...

— Fizemos auréolas de anjos na escola e eu guardei para mostrar a você como fiquei.

— Que bom!

Certa de que tudo voltara ao normal, Freddie segurou-lhe a mão.

— Eu tropecei uma vez, mas me lembrei de todas as falas. Mikey esqueceu as dele. Eu disse "Uma criança nasceu em Belém" e "Paz na Terra aos homens de boa vontade" e cantei *Glória ao Senhor*.

Natasha riu pela primeira vez em dias.

— Queria ter ouvido. Você canta para mim depois?

— Está bem. Estamos preparando bolinhos. — Ainda segurando a mão de Natasha, começou a arrastá-la para a cozinha.

— Seu pai está ajudando vocês?

— Não, ele precisou sair. Disse que ia voltar logo e preparar uns bolinhos. Ele prometeu.

Entre aliviada e desapontada, Natasha seguiu Freddie até a cozinha.

— Vera, Tash voltou!

— Estou vendo. — Vera franziu os lábios. Quando pensava que Natasha *poderia* ser boa para o *señor* e a filhinha dela, a mulher tinha ido embora sem dar satisfações. Apesar de tudo, conhecia seus deveres. — Gostaria de café ou chá, senhorita?

— Não, obrigada. Não quero atrapalhar.

— Você tem de ficar. — Freddie voltou a segurar a mão de Natasha. — Olha, eu fiz bonecos de neve, renas e Papais Noéis. — Ela pegou o que considerava uma de suas melhores criações na bancada. — Você pode ficar com um.

— É lindo. — Natasha olhou para o homem de neve com açúcar vermelho espalhado pelo rosto e a borda do chapéu quebrada.

— Você vai chorar? — perguntou Freddie.

— Não. — Ela conseguiu controlar as lágrimas. — Só estou contente por estar em casa.

Enquanto falava, a porta da cozinha se abriu. Natasha prendeu a respiração quando Spence entrou no aposento. Ele não falou. Com a mão ainda na maçaneta, parou para olhar. Era como se ele a tivesse feito se materializar por meio de seus pensamentos caóticos. Havia neve se desmanchando nos cabelos dele e nos ombros do casaco. Os olhos dela estavam brilhantes, lacrimejantes.

— Papai, Tash voltou pra casa. — anunciou Freddie, correndo para ele. — Ela vai preparar bolinhos com a gente.

Vera tirou o avental com rapidez. Se tinha dúvidas a respeito de Natasha, sumiram ao ver-lhe o rosto. Sabia reconhecer uma mulher apaixonada ao se deparar com uma.

— Precisamos de mais farinha. Venha, Freddie, vamos comprar.

— Mas eu quero...

— Você quer fazer bolinhos no forno, então precisamos de farinha. Venha, vamos pegar seu casaco. — Profissionalmente, Vera botou Freddie para fora da cozinha.

A sós, Spence e Natasha ficaram parados sem se mover. Os minutos se estenderam. O calor na cozinha a deixava tonta. Natasha tirou o casaco e o colocou nas costas de uma cadeira. Queria conversar com ele com calma, o que não poderia ser feito se caísse desmaiada a seus pés.

— Spence. — O nome parecia ecoar nas paredes, e ela respirou fundo. — Gostaria de conversar com você.

— Estou vendo. Então, agora decidiu que conversar é uma boa idéia?

Ela tentou argumentar, mas mudou de idéia. Quando o apito do forno disparou às suas costas, automaticamente se virou para pegar a luva e tirar a última fornada de bolinhos do forno. Apressou-se em colocá-los no descanso de pratos.

— Você tem motivos para estar zangado comigo. Comportei-me muito mal em relação a você. Agora, preciso pedir que me ouça e espero que possa me perdoar.

Ele a observou por um longo e silencioso momento.

— Você, com certeza, sabe como neutralizar uma discussão.

— Não vim discutir com você. Tive tempo para pensar e percebo ter abordado o assunto de maneira errada. Não deveria ter lhe contado sobre o bebê e depois deixá-lo. — Olhou para as mãos, os dedos firmemente entrelaçados. — Fugir foi imperdoável. Só posso lhe dizer que estava amedrontada, confusa e muito abalada emocionalmente para pensar com clareza.

— Uma pergunta — interrompeu ele, aguardando até ela erguer a cabeça. Ele precisava ver-lhe o rosto. — Ainda existe um bebê?

— Claro. — A surpresa estampada em seus olhos se transformou em sobressalto. O sobressalto transformou-se em arrependimento. — Oh, Spence, sinto muito, sinto muito mesmo ter feito você pensar que eu poderia... — Tentou controlar o pranto, sabendo que as emoções bloqueadas em sua garganta estavam prestes a vir à tona. — Sinto muito. Fui para a casa de

Mikhail passar uns dias com ele. — Ela deixou escapar um sopro trêmulo. — Posso me sentar?

Ele meneou a cabeça afirmativamente e depois foi para a janela enquanto ela se sentava próximo à mesa.

— Pensei que fosse enlouquecer tentando adivinhar onde você estava, como estava. O estado em que se encontrava ao sair me deixou aterrorizado achando que você pudesse tomar uma decisão precipitada antes de podermos conversar a respeito.

— Eu nunca poderia fazer o que você imaginou, Spence. É o nosso bebê.

— Você disse que não o queria. — Ele voltou-se novamente. — Você disse que não poderia passar por tudo de novo.

— Estava com medo — admitiu. — E é verdade que eu não queria ficar grávida, não agora. Gostaria de lhe contar tudo.

Ele queria muito, muito mesmo, apenas abraçá-la e dizer que nada importava. Por saber que importava, resolveu ocupar-se no fogão.

— Quer café?

— Não. Agora me deixa enjoada. — Ela sorriu um pouco quando ele quase deixou cair o bule. — Por favor, pode se sentar?

— Está bem. — Ele se sentou diante dela e esticou as mãos. — Fale.

— Eu contei que me apaixonei por Anthony quando estava no corpo de baile. Tinha só 17 anos quando nos tornamos amantes. Ele foi o meu primeiro. Não houve mais ninguém até conhecer você.

— Por quê?

A resposta era bem mais fácil do que acreditara.

— Nunca me apaixonei de novo até conhecer você. O amor que sinto por você é muito diferente das fantasias que criei com Anthony. Com você, não se trata de sonhos, príncipes e cavaleiros. Com você é real, sólido. Verdadeiro. Tranquilo, tranquilo do jeito mais maravilhoso. Pode compreender?

Ele a olhou. O aposento estava quieto, aconchegante, isolado da neve. Cheirava a bolinhos quentes e a canela.

— Posso.

— Eu tinha medo de amar tanto você, qualquer pessoa, por causa do que aconteceu comigo e com Anthony. — Ela esperou um momento, surpresa por não sentir dor nem tristeza. — Eu acreditei em tudo que ele disse, em tudo o que me prometeu. Quando descobri que ele fazia muitas das mesmas promessas para outras mulheres, fiquei arrasada. Discutimos, e ele me mandou embora como se eu fosse uma criança que o tivesse desagradado. Algumas semanas depois, descobri estar grávida. Fiquei emocionada. Só podia pensar que carregava um bebê de Anthony e que, quando eu lhe contasse, ele entenderia que pertencíamos um ao outro. E então lhe contei.

Spence pegou-lhe a mão sem uma palavra.

— Não foi como eu imaginara. Ele ficou zangado. As coisas que disse... Não importa — prosseguiu. — Ele não me quis, não quis a criança. Naqueles breves momentos, amadureci. Ele não era o homem que eu queria que fosse, mas eu tinha a criança. Eu queria aquela criança. — Os dedos apertaram os seus. — Eu queria desesperadamente aquela criança.

— O que você fez?

— A única atitude que podia tomar. Não podia continuar a dançar. Deixei a companhia e voltei para casa. Sei que foi um desgosto para meus pais, mas eles me apoiaram. Eu consegui um emprego numa loja de departamento. Vendendo brinquedos. — Ela sorriu ao lembrar-se.

— Deve ter sido difícil para você. — Ele tentou imaginá-la, adolescente, grávida, abandonada pelo pai da criança, batalhando para manter tudo sob controle.

— Sim, foi. Mas foi também um período maravilhoso. Meu corpo mudou. Depois do primeiro ou segundo mês, quando me sentia muito frágil, comecei a me sentir forte. Muito forte. Eu sentava na cama à noite e lia livros sobre parto e bebês. Perguntava dúzias de coisas a mamãe. Fiz tricô, mal, devo confessar — disse rindo baixinho. — Papai fez um berço e mamãe um mosquitoireiro branco com laços rosa e azuis. Ficou lindo. — Sentiu as lágrimas escorrerem e balançou a cabeça. — Posso tomar água?

Ele se levantou e, enchendo um copo na torneira, colocou-o a seu lado.

— Não se apresse, Natasha. — Como sabia que era importante para ambos, acariciou-lhe os cabelos. — Você não precisa me contar tudo de uma só vez.

— Preciso sim. — Ela bebeu devagar, esperando ele voltar a se sentar. — Eu lhe dei o nome de Lily — murmurou. — Ela era tão adorável, tão pequenina e fofinha! Eu não fazia idéia de que era possível amar algo, alguém do jeito como se ama um filho. Eu a olhava dormir por horas, emocionada, surpresa de ela ser minha.

As lágrimas corriam agora sem parar. Uma caiu nas costas de sua mão.

— Fazia calor naquele verão e eu a levava em seu carrinho para pegar ar e sol. As pessoas paravam para olhá-la. Ela quase não chorava e, quando eu a fazia dormir, ela colocava a mão em meu seio e me olhava com aqueles olhos enormes. Você sabe como é. Você tem Freddie.

— Eu sei. Nada se compara a ter um filho. —

— Ou a perder um — disse Natasha com suavidade. — Foi tão rápido! Ela só tinha cinco semanas. Eu acordei uma manhã com os seios cheios de leite, surpresa por ela ter dormido a noite toda. O berço ficava ao lado da minha cama. Eu a peguei no colo. Primeiro, não compreendi, não acreditei. — Ela calou-se e comprimiu os olhos com as mãos. — Lembro-me de ter gritado, de Rachel pulando da cama ao lado, do restante da família entrando correndo e de mamãe a tirando de mim. — As lágrimas silenciosas transformaram-se em soluços. Com o rosto coberto pelas mãos, soluçou como só costumava fazer a sós.

Não havia nada que ele pudesse dizer, nada a ser dito. Em vez de procurar palavras sem sentidos, ele se levantou, agachou-se ao seu lado e a tomou nos braços. A força de sua dor foi, aos poucos, abrandando. Depois de um soluço entrecortado, ela se virou e agarrou-se a ele, aceitando o conforto.

As mãos contraídas nas costas dele gradualmente relaxaram enquanto ele a mantinha apertada em seus braços. As lágrimas quentes diminuíram e a dor, agora compartilhada, serenou.

— Estou bem — conseguiu finalmente dizer. Afastando-se, começou a mexer na bolsa procurando um lenço de papel. Spence o pegou para enxugar o rosto dela.

— O médico disse que tinha sido a síndrome da morte súbita na infância. Não havia um motivo específico — disse fechando os olhos mais uma vez. — Foi ainda pior não saber o motivo, não ter certeza de ter podido evitar.

— Não. — Ele pegou-lhe as mãos e ela abriu os olhos. — Não faça isso. Ouça. Só posso imaginar como deve ter sido passar pelo que você passou, mas sei que, quando coisas horríveis acontecem, normalmente fogem a nosso controle.

— Levei muito tempo para aceitar o que nunca serei capaz de entender. — Ela mexeu as mãos nas dele. — Muito tempo para voltar a viver, voltar a trabalhar e, finalmente, me mudar para cá e começar meu negócio. Acho que teria morrido sem minha família. — Ela se permitiu um intervalo, bebendo a água para refrescar a garganta seca. — Eu não queria nunca mais voltar a amar. Mas aí apareceu você. E Freddie.

— Nós precisamos de você, Natasha. E você de nós.

— É verdade. — Ela pegou-lhe a mão e a levou aos lábios. — Eu quero que você entenda, Spence. Quando descobri estar grávida, tudo voltou voando. Juro; acho que não sobreviveria se tudo voltasse a acontecer. Tenho tanto medo de amar esta criança! Mas já a amo.

— Venha aqui. — Ele a colocou de pé, ainda apertando-lhe as mãos. — Eu sei que você amou Lily e que sempre vai amá-la e sofrer por tê-la perdido. Assim como eu agora. O que aconteceu antes não pode ser mudado, mas este é um lugar diferente, um tempo diferente. Uma criança diferente. Quero que compreenda que vamos vivenciar a gravidez, o parto e a criação dela juntos. Queira você ou não.

— Tenho medo.

— Então, vamos ter medo juntos. E, quando esse bebê tiver 8 anos e andar de bicicleta sem rodinhas pela primeira vez, vamos ter medo juntos.

Os lábios trêmulos deram um sorriso.

— Quando você fala assim, eu quase posso acreditar.

— Acredite. — Ele curvou-se para beijá-la. — Porque é uma promessa.

— É, é hora de promessas. — O sorriso aumentou. — Eu amo você. — Era tão fácil dizer agora. Tão fácil sentir. — Você pode me abraçar?

— Com uma condição. — Ele limpou uma lágrima com o polegar. — Quero contar a Freddie que ela está esperando um irmãozinho ou uma irmãzinha. Acho que será um maravilhoso presente de Natal para ela.

— Claro. — Ela se sentiu mais forte, mais segura. — Quero contar para ela.

— Está bem. Você tem cinco dias.

— Cinco dias para quê?

— Para fazer os preparativos necessários. Convidar sua família para vir para cá, comprar um vestido, tudo o que precisar para se preparar para o casamento.

— Mas...

— Sem "mas". — Ele segurou-lhe o rosto com as mãos e a silenciou. — Eu amo você. Eu quero você. Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida desde o nascimento de Freddie, e não pretendo perdê-la. Geramos uma criança, Natasha.

— Olhando-a, ele colocou a mão em sua barriga, possessivo. — Uma criança que eu desejo. Uma criança que já amo.

Num gesto de confiança, ela colocou a mão sobre a dele.

— Não vou ter medo se você estiver comigo.

— Temos um compromisso na noite de Natal. Vou acordar na manhã de Natal com minha mulher.

Ela se firmou segurando-lhe os braços.

— Simples assim?

— Simples assim.

Com uma risada, ela envolveu-lhe o pescoço e pronunciou uma única palavra.

— Aceito.

A noite de Natal era o dia mais lindo do ano para Natasha. O momento de celebrar a vida, o amor e a família. A casa estava silenciosa ao entrar. Foi atraída pela árvore e pelas luzes. Colocou um anjo em um dos galhos e se virou para observar a sala.

Na mesa, uma rena de papel machê com apenas uma orelha. Com os cumprimentos da turma de arte do segundo ano de Freddie. Ao lado, um homem de neve rechonchudo segurando uma lanterna. Um delicado presépio de porcelana em exibição sobre a lareira que ostentava quatro meias penduradas. O fogo crepitava na lareira.

Um ano antes, em frente à lareira, prometera amar, honrar e respeitar Spence. Nunca fora tão fácil manter uma promessa. Agora, aquele era seu lar.

Lar. Respirou fundo, inspirando o aroma do pinheiro e das velas. Era tão bom estar em casa! Fregueses de última hora lotaram a *Fun House* até tarde. Agora, só havia a família.

— Mamãe! — Freddie entrou correndo arrastando uma fita vermelha cintilante. — Você chegou!

— Estou em casa! — Rindo, Natasha pegou-a no colo e rodopiaram.

— Levamos Vera ao aeroporto para ela passar o Natal com a irmã e depois ficamos vendo os aviões. Papai disse que, quando você chegasse em casa, íamos jantar e depois cantar músicas de Natal.

— Papai tinha toda razão. — Natasha enrolou a fita no ombro de Freddie. — O que é isto?

— Estou embrulhando um presente, sozinha. Para você.

— Para mim? O que é?

— Não posso dizer.

— Pode sim. Olha só. — Caiu no sofá e começou a fazer cócegas na barriga de Freddie. — Vai ser fácil — disse enquanto Freddie ria e se contorcia.

— Torturando a criança de novo, hein? — comentou Spence da porta.

— Papai! — Levantando-se, Freddie correu para ele.

— Eu não contei.

— Eu sabia que podia contar com você, minha bonequinha. Olha só quem acordou. — Ele equilibrava um bebê nos quadris.

— Aqui, Brandon. — Totalmente apaixonada, Freddie entregou a fita para que ele pudesse brincar com ela.

— É bonito como você.

Aos seis meses, o jovem Brandon Kimball era gorducho, tinha o rosto rosado e vivia encantado com o mundo em geral.

Ele agarrou a fita com uma das mãos e puxou o cabelo de Freddie com a outra.

Aproximando-se, Natasha estendeu os braços.

— Que menino grande! — murmurou quando o filho estendeu os bracinhos para ela. Apertando-o, deu-lhe um beijo no pescoço. — Tão lindo...

— Ele é igualzinho à mãe. — Spence passou a mão nos cabelos pretos fartos e encaracolados de Brandon. Como se ele aprovasse o elogio, Brandon deu uma gargalhada. Natasha o colocou no tapete para engatinhar.

— É o primeiro Natal dele. — Natasha o viu afastar-se para atormentar um dos gatos e viu Lucy esconder-se no sofá. Ela não é nada boba, pensou Natasha feliz.

— E nosso segundo. — Ele abraçou Natasha. — Feliz aniversário!

Natasha o beijou uma vez, depois de novo.

— Eu já disse a você hoje que o amo?

— Não desde que liguei para você à tarde.

— Faz tempo demais. — Ela passou os braços em torno de sua cintura. — Eu amo você. Obrigada pelo mais maravilhoso ano de minha vida.

— Sempre às ordens. — Ele olhou por cima de sua cabeça tempo suficiente para ver Freddie impedindo Brandon de tirar um enfeite de um galho baixo. — Mas só vai ficar melhor.

— Promete?

Ele sorriu e colou a boca à sua de novo.

— Pode ter certeza.

Freddie parou de engatinhar com Brandon para olhá-los. Um irmãozinho menino acabara sendo legal, afinal de contas, mas ela ainda desejava uma irmãzinha. Sorriu ao ver os pais se beijarem.

Talvez no próximo Natal...

Fim

¹ Ki-Suco Original (N do E)

² Canção *folk* norte-americana do século XIX. (*N. do E.*)

³ Yorick, personagem de *Hamlet*, Shakespeare

⁴ Fala de *Hamlet*.